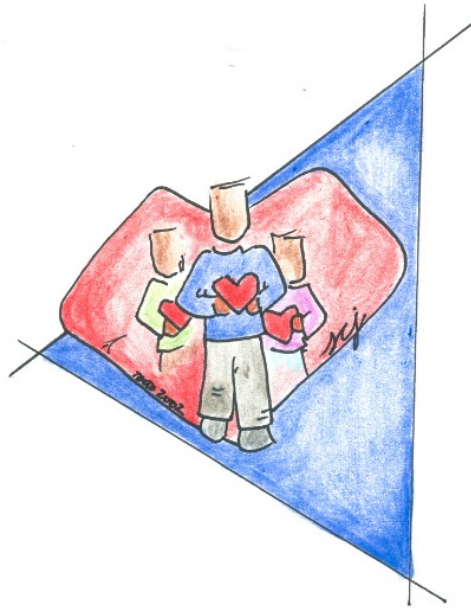


**ITER FORMATIVO PARA OS LEIGOS DEHONIANOS**

## **COM DEHON NO SÉCULO XXI**

*Amados por Deus, em comunhão, para a vida do mundo*



**TERCEIRO ANO**

## **O CAMINHO DE FÉ DO PADRE DEHON**

*Hão de olhar para Aquele que trespassaram (Jo 19, 37)*

Roma, 2016

*Colaboraram na elaboração do Projeto do Iter Formativo muitas pessoas, confrades e leigos dehonianos, a quem manifestamos a nossa gratidão:*

**Grupo de Trabalho:** P. Adérito Gomes Barbosa (POR), P. Bruno Pilati (ITS), P. Ramón Domínguez Fraile (ESP), P. Josef Gawel (POL), P. Vincenzo Martino (ITM), P. Fernando Rodrigues Fonseca (POR), P. Ricardo Jorge Freire (POR), Paola de Angelis (leiga consagrada, IT) e Serafina Ribeiro CM.

**Coordenadores do projeto:**

**I Ano:** P. Adérito Gomes Barbosa scj  
P. Ramón Domínguez Fraile scj  
*Espanha e Portugal*

**II Ano:** P. Cláudio Weber scj  
*América Latina*

**III Ano:** P. Bruno Pilati scj  
*Itália do Norte*

**IV Ano:** P. John van den Hengel scj  
*Áreas de língua inglesa*

**Redatores dos textos do 3º Ano:** P. Bruno Pilati scj; Donatella Martelli; P. Fernando Rodrigues Fonseca scj (celebração final).

### IIIº ANO – APRESENTAÇÃO

#### *Amados por Deus, em comunhão, para a vida do mundo*

Temos o prazer de apresentar o subsídio para o Terceiro Ano do Itinerário para a formação dos Leigos Dehonianos (ITER).

Muitos grupos já estão a utilizar as propostas para o I e II ano, que tratam da familiarização com a espiritualidade do Padre Dehon e do conhecimento da sua experiência de fé. Esperamos que em breve possamos apresentar também o IV caderno intitulado *Para a Vida do Mundo*, com que se conclui o projeto de 40 temas, previsto para a formação dos cristãos chamados a seguir a espiritualidade do Coração de Cristo segundo o carisma do Padre Dehon.

Para valorizar o melhor possível os subsídios, queremos recordar aos animadores dos grupos e aos formadores, alguns pontos:

- A Família Dehoniana está presente em 40 países. Isso significa uma enorme riqueza de valores, de expressões culturais e de diferentes níveis de formação religiosa e dehoniana. Esta diversificação apresenta-se como um desafio à ideia de propor subsídios válidos para todos. Estamos conscientes da impossibilidade de satisfazer as necessidades de cada realidade cultural. Não nos resta senão sugerir que em cada país os animadores e formadores tomem a liberdade de adaptar os textos o melhor possível.
- A adaptação deve valorizar e desenvolver sobretudo as formas de acolhimento, os recursos pedagógicos, o modo de envolver os participantes nas dinâmicas de reflexão, as sugestões de leituras complementares acessíveis na sua língua, a organização e planificação da Igreja a nível nacional, diocesano ou paroquial, a escolha dos cânticos e dos modos de celebrar, de acordo com a cultura local.
- Os textos estão redigidos e articulados, pensados para um ano de formação, com um tema por mês. Podem ser usados também para encontros semanais ou quinzenais. São igualmente úteis para jornadas de estudo, e para retiros espirituais ou assembleias.
- Na citação dos textos do Padre Dehon foi adotado o sistema introduzido pelo site [www.dehondocs.it](http://www.dehondocs.it) do Centro de Estudos de Roma. Para facilitar a identificação dos textos citados neste itinerário, retomamos neste caderno uma lista das siglas dos escritos do Fundador.
- Este itinerário não é um *Manual acabado*. É proposto *ad experimentum* e pode ser melhorado graças à colaboração de muitos. Pedimos que enviem observações e propostas de melhoramento a um dos membros do Grupo Coordenador Internacional (GCI) da Família Dehoniana.
- O Grupo de Trabalho que elaborou este projeto oferece também outros subsídios metodológicos aos animadores e formadores em vista do acompanhamento pessoal e de grupo dos leigos que querem fazer um caminho de crescimento segundo a espiritualidade dehoniana. Há três textos:
  - Métodos para a educação cristã de adultos. Elementos para os grupos da Família Dehoniana (P. Adérito Barbosa SCJ e Celina Pires ALVD)
  - A figura do acompanhador (P. Rinaldo Paganelli SCJ)
  - Acompanhar e aconselhar (Serafina Ribeiro CM)

- Em seguida, o caminho de formação dos leigos dehonianos deverá ser assumido pela *Coordenação Internacional da Família Dehoniana*, constituído, provisoriamente no Encontro de Maio de 2014 2014, por:
  - Rosalie Grace M. Escobia – [rgme1971@yahoo.com](mailto:rgme1971@yahoo.com) –Filipinas, e
  - Ida Coelho – [idajpcoelho@yahoo.com.br](mailto:idajpcoelho@yahoo.com.br) – Brasil, representantes dos leigos;
  - Silvia Bertozzi – [silvia.bertozzi@gmail.com](mailto:silvia.bertozzi@gmail.com) – italiana, missionária na Finlândia, pelas pessoas consagradas;
  - P. Bruno Pilati, ITS – [bruno.pilati@dehoniani.it](mailto:bruno.pilati@dehoniani.it) – pelos religiosos da Congregação SCJ e
  - P. Claudio Weber – [cweber@dehon.it](mailto:cweber@dehon.it) – do Conselho geral da Congregação (até à designação de um novo conselheiro geral).
  
- Em Maio de 2017 haverá a *Assembleia Internacional* da Família Dehoniana. Um dos objetivos desta assembleia é formar um grupo de coordenação definitivo, que leve por diante a animação e o desenvolvimento da Família Dehoniana, e coordene as diferentes realidades que a constituem.

Auguramos que os temas propostos ajudem todos a crescer espiritualmente em diálogo com o caminho de fé percorrido pelo Padre Dehon. Agradecemos cordialmente a todos quantos contribuíram para a elaboração deste subsídio.

P. John van den Hengel scj

P. Claudio Weber scj

Roma, 10 de Outubro de 2016.

## **TERCEIRO ANO**

### **O CAMINHO DE FÉ DO PADRE DEHON**

O percurso do terceiro ano prevê dez encontros, do 21 ao 30, e uma celebração conclusiva:

- **XXI Encontro** – O Padre Dehon e a Bíblia
- **XXII Encontro** – Hão de olhar para Aquele que trespassaram (Jo. 19, 34-37)
- **XXIII Encontro** – O Padre Dehon e a Eucaristia
- **XXIV Encontro** – A Eucaristia: O Ressuscitado transfigura a nossa vida
- **XXV Encontro** – O sentido de Igreja no Padre Dehon
- **XXVI Encontro** – Comunhão de vocações na Igreja
- **XXVII Encontro** – Adoração Eucarística
- **XXVIII Encontro** – Profetas do amor
- **XXIX Encontro** – Servidores da reconciliação
- **XXX Encontro** – Proposta de vida para o leigo dehoniano
- **Rito:** Entrega da Bíblia e do símbolo das sandálias

#### **Objetivo geral do IIIº Ano**

Crescer espiritualmente no diálogo com a experiência de fé do Padre Dehon.

#### **Objetivos específicos**

- Reconhecer um sentir comum, uma espiritualidade que nos une.
- Tomar consciência de que a espiritualidade do Padre Dehon é um dom para a Igreja e para o mundo de hoje.
- Tornar-se disponíveis para ações e projetos comuns.

#### **Notas introdutórias às fichas**

No início de cada ficha são apresentados os objetivos específicos que se pretendem alcançar com a proposta temática. Segue uma rápida descrição do sentido do Encontro.

Cada encontro é marcado por algumas passagens:

- A. Acolhimento
- B. Texto bíblico
- C. Texto/os do Padre Dehon
- D. Reflexão
- E. Testemunho
- F. Para a partilha em grupo
- G. Para a oração...

O conteúdo de cada tema foi tratado retomando de subsídios de relatores que animaram as iniciativas de formação promovidas pela Família Dehoniana na Província da Itália do Norte, a partir de 1990 (P. Francisco Duci, P. André Perroux, P. Túlio Benini, P. Virgínio Bressanelli, P. Marcelo Matté, P. Ézio Gazzotti ...).

No que se refere ao acolhimento no início do Encontro, oferecemos algumas sugestões: o animador do Encontro é convidado a escolher e adaptar conforme a realidade em que se encontra e a fazer a proposta.

O mesmo quanto à oração: põem-se à disposição alguns textos à escolha, mas propositadamente não se apresenta uma celebração; apenas se apresentam – em “estilo” gráfico - possíveis modalidades de recitação (em coros, em vozes alternadas entre o solista e a assembleia, entre vozes masculinas e vozes femininas ...), deixando a organização ao critério do animador e no contexto em que realiza o Encontro.

Os cânticos indicados foram recolhidos da tradição italiana. Cada responsável pelo Encontro saberá encontrar cânticos da sua tradição eclesial.

Em ‘outros textos’ encontram-se os textos de apoio para a abertura do Encontro, segundo a modalidade proposta; são também assinalados ulteriores aprofundamentos a partir dos subsídios do caminho formativo da Itália Setentrional, do Catecismo da Igreja Católica e outras coisas disponíveis sobre o tema. Com a experiência, esta parte pode ser enriquecida.

*Redação ao cuidado do P. Bruno Pilati e Donatella Martelli; a celebração final foi preparada pelo P. Fernando Rodrigues da Fonseca.*

## SIGLAS DOS ESCRITOS DO PADRE DEHON E OUTRAS PUBLICAÇÕES DEHONIANAS

### *I – Escritos do Padre Dehon*

<i>Título</i>	<i>Sigla</i>	<i>Publicação anterior</i>
<u>Au delà des Pyrenées</u>	<b>ADP</b>	
<u>Cahiers Falleur</u>	<b>CFL</b>	<b>STD 10</b>
<u>Catéchisme Social</u>	<b>CSC</b>	<b>OSC III</b>
<u>Cœur Sacerdotal de Jésus</u>	<b>CSJ</b>	<b>OSP 2</b>
<u>Conférences Diverses</u>	<b>CFD</b>	
<u>Correspondance (voll. 1...)</u>	<b>COR</b>	
<u>Couronnes d'Amour (voll. 1 – 3)</u>	<b>CAM</b>	<b>OSP 2</b>
<u>De La Vie d'Amour envers le Sacré-Cœur de Jésus</u>	<b>VAM</b>	<b>OSP 2</b>
<u>Directions Pontificales, Politiques et Sociales</u>	<b>DPS</b>	<b>OSC II</b>
<u>Directoire Spirituel (1919)</u>	<b>DSP</b>	<b>OSP 6</b>
<u>Études sur le Sacré-Cœur de Jésus (voll. I – II)</u>	<b>ESC</b>	<b>OSP 5</b>
<u>Excerpta</u>	<b>EXC</b>	
<u>L'Année avec le Sacré-Cœur de Jésus (voll. I – II)</u>	<b>ASC</b>	<b>OSP 3 – 4</b>
<u>L'Usure au Temps Présent</u>	<b>UTP</b>	<b>OSC II</b>
<u>La Rénovation Sociale Chrétienne</u>	<b>RSO</b>	<b>OSC III</b>
<u>La Sicile, l'Afrique du Nord et les Calabres</u>	<b>SAC</b>	
<u>Le Plan de la Franc-Maçonnerie...</u>	<b>PFM</b>	<b>OSC III</b>
<u>Le Règne du Cœur de Jésus (Revue)</u>	<b>RCJ</b>	
<u>Lettres Circulaires</u>	<b>LCC</b>	
<u>Manuel Social Chrétien</u>	<b>MSO</b>	<b>OSC II</b>
<u>Manuscrits divers</u>	<b>MND</b>	
<u>Mille lieues dans l'Amérique du Sud</u>	<b>MLA</b>	
<u>Mois de Marie</u>	<b>MMR</b>	<b>OSP 1</b>
<u>Mois du Sacré-Cœur de Jésus</u>	<b>MSC</b>	<b>OSP 1</b>
<u>Nos Congrès</u>	<b>NCG</b>	<b>OSC II</b>
<u>Notes Quotidiennes (voll. I – V)</u>	<b>NQT</b>	
<u>Notes sur l'Histoire de ma Vie (voll. 1 – 8)</u>	<b>NHV</b>	
<u>Œuvres Sociales (Voll. I – VI)</u>	<b>OSC</b>	
<u>Œuvres Spirituelles (Voll. 1 – 7)</u>	<b>OSP</b>	
<u>Pensées</u>	<b>PNS</b>	
<u>Petit Directoire pour les Recteurs</u>	<b>PDR</b>	<b>OSP 7</b>
<u>Rénovation Spirituelle</u>	<b>RSP</b>	
<u>Retraite à Moulins</u>	<b>RML</b>	
<u>Retraite de Braisne</u>	<b>RBR</b>	<b>NQT 1</b>
<u>Retraite du Sacré-Cœur</u>	<b>RSC</b>	<b>OSP 1</b>
<u>Retraite en Mer (1911)</u>	<b>RMR</b>	

<u>R</u> etraite <u>S</u> acerdotale	<b>RSD</b>	
<u>R</u> etraite sur la <u>M</u> er (1906)	<b>RME</b>	
<u>R</u> ichesse, <u>M</u> édiocrité, <u>P</u> auvreté	<b>RMP</b>	<b>OSC III</b>
<u>S</u> œur <u>M</u> arie de <u>J</u> ésus	<b>SMJ</b>	<b>OSP 6</b>
<u>S</u> ouvenirs	<b>SVN</b>	<b>OSP 7</b>
<u>S</u> uppléments	<b>SPL</b>	
<u>T</u> hesaurus	<b>THE</b>	<b>OSP 7</b>
<u>T</u> hèse pour la <u>L</u> icence	<b>THL</b>	<b>OSC IV</b>
<u>T</u> hèse pour le <u>D</u> octorat	<b>THD</b>	<b>OSC IV</b>
<u>U</u> n <u>P</u> rêtre du <u>S</u> acré- <u>C</u> œur de <u>J</u> ésus	<b>PSC</b>	<b>OSP 6</b>
<u>V</u> ie Intérieure : <u>E</u> xercices <u>S</u> pirituels	<b>VES</b>	<b>OSP 5</b>
<u>V</u> ie Intérieure : <u>P</u> rincipes	<b>VPR</b>	<b>OSP 5</b>

## II – Modo de citar NHV e NQT

<b>NHV</b>	NHV IX, 136
<b>NQT</b>	a) <i>texto Padre Dehon</i> : NQT III/1887, 106 b) <i>notas CGS</i> : NQT 5, 592, n.13 c) <i>remeter aos volumes</i> : NQT 1 – 5, pp...

## III – Modo de citar Le Règne du Cœur de Jésus

<i>Le Règne du Cœur de Jésus</i>	<b>RCJ</b>	1-12 (1889) 211
----------------------------------	------------	-----------------

## IV – Modo de citar as publicações do CGS

<i>Dehoniana</i>	<b>DEH</b>	DEH 3/1999, 89
<i>Studia Dehoniana</i>	<b>STD</b>	STD 25/2, 1994, 209



## **Encontro XXI**

### **O PADRE DEHON E A BÍBLIA**

#### **Objetivos do Encontro**

- Conhecer o Encontro do Padre Dehon com o Verbo incarnado e a sua Palavra: a sua familiaridade com a Palavra de Deus, lida, escutada, meditada, contemplada, reelaborada.
- Abrir e acolher o dom da Palavra de Deus “num coração a Coração” com Jesus Mestre que fala ao seu discípulo.
- Encaminhar no percurso da *lectio divina*: ‘encontros privilegiados’ para ‘permanecer’ na Palavra de Deus, pessoalmente e comunitariamente.

#### **Sentido do Encontro**

Estamos no princípio do terceiro ano do ITER: um caminho que, passo a passo, nos faz crescer como discípulos do Coração de Jesus, hoje, em companhia com a experiência do Padre Dehon.

Centramos a nossa atenção no Encontro do Padre Dehon com Jesus, o ‘Verbo incarnado’, e a sua familiaridade com a Palavra de Deus.

Os tempos mudaram e nós vivemos conscientes do primado da Palavra de Deus. Esta consciência, amadurecida no clima do Concílio Vaticano II e expressa na constituição *Dei Verbum*, foi retomada no Sínodo dos bispos de 2008 e reentregue à Igreja na exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* (2010) do Papa Bento XVI.

Também as homilias e catequeses do Papa Francisco alimentam esta familiaridade com Deus que nos fala.

#### **Desenvolvimento do Encontro**

### **A. Acolhimento**

Pode iniciar-se o Encontro com a entronização da Palavra de Deus (cf. os textos para a oração) ou a narrativa da vocação de Santo Antão (cf. outros textos 2) testemunho de como a Palavra de Deus iluminou os passos da sua vida e a plasmou graças a uma escuta obediente.

Outra modalidade para iniciar: pode-se partir da história dos dois lenhadores (cf. outros textos 1) para dar voz à necessidade de uma pausa diária para afinar o coração ‘no coração a Coração’ com Jesus presente na sua Palavra.

### **B. Texto bíblico (Lc 4,16-21)**

Jesus veio a Nazaré, onde tinha sido criado. Segundo o seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se para ler. <sup>17</sup>Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, deparou com a passagem em que está escrito: <sup>18</sup>“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, <sup>19</sup>a proclamar um ano favorável da parte do Senhor.” <sup>20</sup>Depois, enrolou o livro, entregou-o ao responsável e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. <sup>21</sup>Começou, então, a dizer-lhes: “Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir.”

## Comentário

Para ‘permanecer na Palavra de Deus’ é preciso recordar alguns conhecimentos:

### **Cristo está presente na sua Palavra.**

É Ele que a pronuncia agora. Não se lê um livro, mas escuta-se Alguém que nos ama! Cristo faz ecoar viva a voz do seu Evangelho e por meio d’Ele ressuscitado e presente Deus Pai vem ao Encontro dos seus filhos e fala com eles.

**Cristo fala hoje**, dirige-se ao seu povo e a cada um dos cristãos. Cada um deve dizer: é a mim que fala... É preciso sentir-se chamado por Jesus, chamado pessoalmente. A Escritura é toda para nós: para todos e cada um.

### **Cristo pede hoje uma resposta: a nós, a mim ...**

Aos pés do Monte Sinai, a Deus que tinha proposto a sua amizade, o povo respondeu: “*Poremos em prática todas as palavras que o Senhor pronunciou.*” (Êxodo 24, 3).

São Jerónimo refletia assim: “*Quando vamos ao Mistério eucarístico, se cai uma migalha, sentimo-nos perdidos. E quando estamos a escutar a Palavra de Deus, e nos é derramada nos ouvidos a Palavra de Deus e a carne de Cristo e o seu sangue, e nós pensamos noutras coisas, em que grande perigo tropeçamos?*” (Sobre o Salmo 147, in CCL 78, pp. 337-338).

Jesus procura o texto que lhe era familiar.

Jesus insere-se no sulco dos profetas, toma-os e incarna-os em Si. E os profetas, por seu lado, ajudam-no a compreender a Si mesmo, quem é de verdade, para onde é chamado a ir: *o Espírito do Senhor enviou-me aos pobres, aos prisioneiros, aos cegos, aos oprimidos*. Imediatamente Jesus deita por terra todas as dúvidas sobre o que veio fazer; está entre nós para tirar do homem tudo o que lhe impede florescer, para que seja claro para todos o que é o Reino de Deus: vida em plenitude, algo que traz alegria, que liberta e dá luz, que torna a história um lugar sem mais desesperados.

Deus toma posição, não é imparcial; está do lado dos últimos, e nunca com os opressores.

Vem como fonte de vidas livres, e por onde começar senão pelos prisioneiros? Jesus não vem para trazer os afastados a Deus, para levar Deus aos afastados, aos homens e mulheres sem esperança, para lhes abrir a todos as suas imensas potencialidades de vida, de trabalho, de criatividade, de relação, de inteligência, de amor.

O primeiro olhar de Jesus nunca incide sobre o pecado da pessoa; o seu primeiro olhar dirige-se sempre para a pobreza e a fome do homem.

A boa notícia é que Deus põe o homem no centro, e esquece a Si mesmo por causa dele, e dispõe o seu poder libertador contra todas as opressões externas, contra todos os fechamentos em si mesmo, para que a história se torne “outra”, diferente da que é. Um Deus sempre em favor do homem e nunca contra o homem.

## C. Texto do Padre Dehon

“*Considerai Nosso Senhor em todos os seus mistérios, e nestes mistérios estudai o seu Coração, o livro por excelência*” (cf. DSP 293; VAM 301). “*Escutai-o... o Verbo incarnado, o Filho único, o vosso Mestre... lede o seu Evangelho, conformai-vos aos seus mandamentos e aos seus conselhos... Escutai-o na prática: segui os seus exemplos, vivei da sua vida, imitai as suas virtudes. Aprendei dele que é manso e humilde de coração... Escutai-o, isto é, ponde-vos sob a orientação do Espírito Santo que vos ensinará todas as coisas em seu nome*” (ASC 52).

*“Examinemos bem toda a pregação de Nosso Senhor, aí se encontrará sempre o ensinamento deste amor filial por Deus, terno, suave e cheio de força para os homens...”* (CAM 1/207) *“Estudemos o Coração de Jesus no Evangelho: isso é tudo!”* (CAM 1/213)

## **D. Reflexão**

### **1. O Padre Dehon assíduo à escuta do Mestre na familiaridade com as Escrituras**

A familiaridade do Padre Dehon com a Palavra de Deus revela-se muito evidente a quem percorre a sua obra imensa. Podem contar-se, pelo menos, 24.000 citações, a maior parte delas explícitas; outras são alusões, reminiscências. Sabendo como, na França católica do século XIX, o acesso direto ao texto sagrado era limitado e controlado, e comparando-o com outros autores espirituais da mesma época, não podemos deixar de ficar surpreendidos.

Uma escuta, a partir da liturgia da Igreja, prolongada na oração pessoal. No seu ardente desejo de *“escutar e guardar”* a Palavra, o Padre Dehon ama prolongar a sua oração tomando para si alguns *slogans*: encontra-os todos na Escritura e impregna deles a sua vida quotidiana. Recordemos particularmente o **Ecce venio** do Verbo ao entrar no mundo; é uma verdadeira síntese da sua disponibilidade, em união com Cristo, com Maria (***Fiat, Ecce ancilla***). Tem muito cuidado em ligar estas duas palavras ao contexto do Salmo 40,7 donde são tiradas: *“Abriste-me [escavaste-me] os ouvidos”*, retomado assim de Hebr 10,7 segundo a versão dos Setenta: *“Deste-me um corpo”*. Para me apresentar a Deus, *“eis que venho”* para *“fazer a tua vontade”* com todo o seu ser.

Como Jesus, também nós devemos, **em primeiro lugar, escutar, escutar demoradamente**. Devemos *“abrir o Rótulo do Livro”*, deixar-nos *“surpreender”* pelo projeto de amor que nos foi dado para servir. Assim compreendemos que Deus não quer um culto apenas feito de atos externos que não comprometam o nosso ser de verdade (*“não quiseste nem sacrifício, nem oblação”*); espera de nós que acolhamos *“a sua lei no mais profundo do nosso ser”* (cf. Sal 40).

Devemos, pois, e o Padre Dehon fê-lo com frequência, repetir com o jovem Samuel: ***“Fala, Senhor, que o teu servo escuta”*** (1Sam 3,9); e rezar como Salomão, no começo do seu reinado *“Senhor, dá ao teu servo um coração que saiba escutar”* (1Re 3,9).

### **2. Palavras familiares**

A familiaridade do Padre Dehon com a Palavra de Deus recebida na Igreja, por meio da vida sacramental, pela liturgia comum e festiva, pela educação e formação, pelas tradições espirituais... tem alguns *lugares* que o Espírito de Deus sugeriu ao Padre Dehon como **encontros privilegiados com o Senhor**: para aprender o amor de Deus no seu Filho feito homem como nós, para alimentar a sua resposta e renovar a sua coragem, a sua fidelidade apesar da sua fragilidade.

*“Estou crucificado com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. E a vida que agora tenho na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus que me amou e a si mesmo se entregou por mim.”* (Gal 2, 20).

*“Bendigo-te, ó Pai... porque revelaste estas coisas aos pequeninos... Tudo me foi entregue por meu Pai; ninguém conhece o Filho senão o Pai e aquele a que o Filho o quiser revelar. Vinde a mim, todos os que andais cansados e oprimidos, que eu hei de aliviar-vos... Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração...”* (Mt 11, 25-30).

*“Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna. De facto, Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele.” (Jo 3,16-17).*

O “Prólogo” de S. João, *“O Verbo fez-se carne e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória... Da sua plenitude todos recebemos graça sobre graça “.* Mais ainda, em S. João: *“Quem me viu viu o Pai” (14, 9) “Hão de olhar Aquele a quem trespassaram” (19, 37)...*

*“Vim lançar fogo sobre a terra; e como gostaria que ele já se tivesse ateado! Tenho de receber um baptismo, e que angústias as minhas até que ele se realize!” (Lc 12 49-50).* Confiança à qual o Padre Dehon frequentemente liga outra, à volta da maravilha que é a Eucaristia: *“Quando chegou a hora, pôs-se à mesa e os Apóstolos com Ele: “Tenho ardentemente desejado comer esta Páscoa convosco, antes de padecer... (Lc 22, 14-15).*

Um outro texto entre os mais visitados: *“Exorto-vos, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus. Seja este o vosso verdadeiro culto, o espiritual. Não vos acomodeis a este mundo. Pelo contrário, deixai-vos transformar, adquirindo uma nova mentalidade, para poderdes discernir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito.” (Rm 12, 1-2).*

Tão juntos, mas dispersos em toda a obra, livros, correspondência, diário..., estes textos falam claramente. Com outros indicam os *lugares* mais assiduamente frequentados, e mais frequentemente propostos. No seu conjunto são como que o selo, a marca de uma personalidade. Com tantos outros semelhantes delineiam um modo, um clima de acolhimento e de assimilação, **um “permanecer” em Cristo, na sua Palavra**, para iluminar toda a existência. Designam uma “espiritualidade”, uma “perspetiva espiritual” que qualifica tudo para dar sentido a tudo: *“Omnia instaurare in Cristo” (Ef 1, 10, era o lema do Pontífice Pio X).* Com S. Paulo ainda o confessa: *“Para mim viver é Cristo” ou “viver é Cristo” (Fil 1, 21).*

Na mesma carta de Paulo, encontramos a ardente declaração: *“considero que tudo foi mesmo uma perda, por causa da maravilha que é o conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor...; corro, para ver se o alcanço, já que fui alcançado por Cristo Jesus...” (Fil 3, 8.12).*

Inspirando-se em Santa Gertrudes, vê na pérola preciosa da parábola (Mt 13, 45-46) o próprio Jesus: pérola de tanto valor que vale todos os sacrifícios. E para os seus jovens religiosos acrescenta: *“A nossa Congregação deve ser uma Congregação de milionários!” (Retraite de rénovation spirituelle, 33 [Cahiers Guth]).*

Nestes ‘encontros’ privilegiados com a Palavra, que o Espírito lhe sugere e para os quais ele mesmo nos convida, encontramos a fonte e a expressão própria da sua espiritualidade. Não podemos ignorar ou subestimar a contribuição de outras fontes como Agostinho, Bernardo, Gertrudes, Margarida Maria, a Escola francesa de espiritualidade... Mas dando atenção, sobretudo, a estes textos bíblicos, podemos ver a densidade de cada um e ao mesmo tempo a sua convergência a sua complementaridade e quanto este conjunto nos leve ao próprio coração do Evangelho, elemento de força para nós, hoje. Meditados atentamente, repostos no seu contexto, suscitam a nossa admiração e o nosso compromisso. Estes textos constituem a Noa Nova que o Padre Dehon apreende para si e oferece a nós, a Boa Nova que preenche e unifica a sua vida. E isto desde que, aos 13 anos, durante a noite de Natal, se demora diante do presépio a dialogar com o Pequeno Menino, o Salvador que o Pai nos deu para *“alegria de todo o povo”*.

Prolongará este diálogo, sob diversas formas e especialmente com Maria e João aos pés da Cruz, contemplando aquele Lado aberto que é a porta de acesso ao mistério de Deus. “*Gosto de meditar la a salvação aos pés da Cruz*”. “*O Coração de Jesus, o amor de Jesus é todo o Evangelho... Não há mais a procurar no Evangelho senão o amor de Jesus, desde a Incarnação até à sua morte...* (ESC 1/193-194). *O amor imenso que [Jesus] tem pelos homens é a luz que ilumina todos estes mistérios; é uma luz vivificante* (VAM 533). *Examinemos bem a pregação de Nosso Senhor, e encontraremos nela sempre o ensinamento deste amor, filial por Deus, terno, suave e cheio de força pelos homens...* (CAM 1/207). *Estudemos o Coração de Jesus no Evangelho: e é tudo!* (CAM 1/213)”.

O Padre Dehon não é um biblista e nem sequer um comentador da Escritura. Não tem nada de original neste campo; são numerosas as “dependências”, e muitos os pontos de interrogação. Mas ele é um **“homem espiritual”, apaixonado por Cristo, Palavra de Deus incarnada**. Procura-o e sabe encontrá-lo, mergulhado na tradição do seu povo, confessado na fé daqueles e daquelas “*que viram e tocaram o Verbo da Vida*”, a comunidade da Igreja reunida para o testemunhar. Ele tem fome e sede desta Palavra; alimenta-se dela e propõe-na como indiscutível ponto de partida para a nossa vida de união ao Senhor. Gosta de fazer dela como que um florilégio espiritual no termo de cada uma das suas numerosas meditações, para lhe conservar fresco o sabor e a força no meio das mil ocupações dos seus dias.

As insistências, é certo, foram diversas no decurso da história, e as práticas, mais ou menos felizes; mas deste modo a Igreja nunca cessou, “sobretudo na liturgia, de tomar o pão da vida na mesa da Palavra de Deus e do Corpo de Cristo para o oferecer aos fiéis” (Concílio Vaticano II, DV 21).

### **3. Renovada consciência do primado da Palavra de Deus**

Agora, a partir do século que nos separa do Padre Dehon e particularmente desde o Concílio Vaticano II (1962-65), numa admirável investigação ecuménica, **o Espírito impele a Igreja a assumir uma renovada consciência deste primado da Palavra**. Pôde-se falar de uma verdadeira “*epifania da Palavra de Deus na comunidade cristã, a restituição da Palavra ao Povo de Deus...*”.

A tradição introduziu a praxe da ***Lectio divina***, leitura orante no Espírito Santo, capaz de abrir ao fiel o tesouro da Palavra de Deus, mas também de criar o Encontro com Cristo, palavra divina viva (cf. Encontro XVIII).

A *Lectio Divina* começa exatamente com a leitura (*lectio*) do texto que provoca um pedido de verdadeiro conhecimento do seu conteúdo real: *que diz o texto bíblico em si mesmo?*

Segue a meditação (*meditatio*) na qual a pergunta é: *que diz o texto bíblico a nós?*

Chega-se, deste modo, à oração (*oratio*) que supõe esta outra pergunta: *que dizemos nós ao Senhor em resposta à sua palavra?*

Concluiu-se com a contemplação (*contemplatio*) durante a qual assumimos como dom de Deus o mesmo olhar para julgar a realidade e nos interrogamos: *que conversão da mente, do coração e da vida nos pede o Senhor?*

Diante do leitor orante da Palavra de Deus ergue-se idealmente a imagem de Maria, a mãe do Senhor, que “*guarda todas estas coisas, meditando-as no seu coração*” (Lc 2, 19; cf. 2, 51), isto é – como diz o original grego – encontrando o nó profundo que une eventos, atos e coisas, aparentemente disjuntos, no grande projeto divino.

Hoje, recolocar a nossa fé-vida e a vida da Igreja **à volta da Boa Nova do amor de Deus em Jesus Cristo**, assume uma importância muito especial.

Damos, pois, o nosso modesto contributo para viver hoje esta vocação, a partir do modelo que nos deixou o Padre Dehon, no dinamismo da sua inspiração, sobretudo na acentuação ao máximo do estudo dos Livros Sagrados, recebidos da Tradição da Igreja. Levamos sempre luz e motivações com a nossa vida, com as nossas formas de presença e de serviço, a partir da Palavra “guardada fielmente” como manifestação do amor recebido e chamamento a uma resposta pessoal. Esta atualidade concretiza-se na fidelidade efetiva de cada um a “permanecer na Palavra”. Está diante de nós, pessoalmente e como grupo, a **prática habitual da lectio divina**, sobretudo fazendo referência aos textos bíblicos que o Padre Dehon tanto rezou e propôs com maior frequência...

## E. Testemunho

Desde que frequento a Casa Padre Dehon, em Conegliano (TV), uma das coisas que mais aprecio é a fidelidade ao encontro semanal da *lectio divina*: é uma constante de Outubro a Junho. É um precioso recurso espiritual para o território onde habitamos.

Quando prevejo participar na *lectio* da quinta-feira, preparou-me um pouco antes os marcadores das páginas certas. Faço-o porque sei que vou chegar sempre no último momento, mas também porque isso me permite uma **primeira leitura silenciosa e solitária** da Palavra. Também esta passagem é muito importante porque me dá ocasião de estar tu a tu com a Revelação. E esta não se esgotou com a intuição de quem escreveu aquelas páginas, mas continua a falar ao leitor aberto e disponível.

Quando nos encontramos para a *lectio* de quinta-feira, privilegiamos a primeira leitura e o Evangelho do domingo seguinte. A primeira Leitura é lida e contextualizada. O Evangelho, pelo contrário, é lido de viva voz, e, em seguida, deixamos um pouco de tempo para que cada um retome uma frase que o tocou. Segue uma introdução ou **explicação do texto**, feita por um padre dehoniano, um de cada vez, mas também por leigos disponíveis. Gosto desta possibilidade de contextualizar os textos também pelos leigos!

O momento mais íntimo e simultaneamente mais “criativo” nas suas possibilidades para intuir novos caminhos é o da **partilha**. Neste momento cada um, libertando-se, retoma aquela palavra ou expressão que o tinha tocado e procura compreender-lhe o sentido, em primeiro lugar para si mesmo.

A mim, por exemplo, acontece que, no princípio, seja apenas uma intuição, uma atração algo nublosa. Só num segundo momento, no silêncio e na escuta dos outros, aquele pensamento se torna mais claro.

A imagem que tenho deste momento é uma bandeja no centro de uma mesa para a qual cada um tra uma parte da sua vida, da sua experiência, do seu sentimento particular e o que dele resulta é um colorido ramo, todas as vezes diferente e enriquecido pelo contributo de todos.

O Encontro termina com a leitura do salmo e um cântico. Depois detemo-nos alguns minutos para nos cumprimentarmos. Também este é um belo momento, mas pessoalmente experimento a mesma sensação de quando no cinema ou no teatro se reacendem as luzes e se regressa à vida normal.

Gostaria de conservar ainda um pouco daquela atmosfera íntima e cheia de pensamentos, passando para a capela. Isto, é verdade, perco-o naquela tarde; mas reencontro-o na **Santa Missa do domingo**.

Quando chego à Missa sem antes ter lido e meditado as Leituras, elas passam quase sem eu me dar conta e, a certo ponto, dou comigo sentada a ouvir a homilia. Quando, pelo contrário, partiipei na lectio da quinta-feira, as Leituras e o Evangelho já me são familiares e animadas pelos comentários e pela partilha dos amigos com que me encontrei. A Palavra torna-se muito mais rica, multifacetada, personalizada, viva e vivida.

A Palavra tornou-se carne na experiência de tantos irmãos! Que alegria participar na comunhão de Jesus, a Palavra feita carne por excelência! (*Daniela Brotto*)

## **F. Para a partilha de grupo**

*“É indispensável ter nas mãos e no coração a Bíblia. Encontrar o modo de fazer nas nossas casas, pequenas igrejas domésticas, o **sítio da Palavra**: um lugar de honra onde ter aberta a Palavra de Deus, talvez com uma lâmpada e uma flor diante, como fazemos para honrar as imagens dos santos”* (Mensagem ao povo de Deus do Sínodo dos Bispos 2008).

*“E como devemos receber a Palavra de Deus? Como se recebe Jesus Cristo! A Igreja diz-nos que Jesus está presente nas Escrituras, na sua Palavra. Por isso, é fundamental ler durante o dia uma passagem do Evangelho. Porquê? Para aprender? Não! Para encontrar Jesus, porque Jesus está na sua Palavra, no seu Evangelho. Cada vez que leio o Evangelho, encontro Jesus.*

*Mas como recebo a Palavra? Deve receber-se como se recebe Jesus, isto é, com o coração aberto, com o coração humilde, com o espírito das Bem-aventuranças. Porque Jesus veio assim, em humildade. Veio na pobreza. Veio na unção do Espírito Santo.*

*Também a nós cristãos fará bem, hoje, durante o dia, interrogar-nos: “Como recebo a Palavra de Deus? Como uma coisa interessante? Ah, o padre pregou isto ... que interessante! Que sábio, este padre!”, ou recebo-a assim, simplesmente porque é Jesus vivo, a sua Palavra? E sou capaz de comprar um pequeno Evangelho e trazê-lo no bolso, levá-lo na bolsa e quando posso, durante o dia, ler uma passagem, para encontrar Jesus ali?”* (Homilia do Papa Francisco na Casa de Santa Marta – 01.09.2015).

A minha ‘escuta da Palavra de Deus’? Partilho tempos, modalidades e textos que sinto familiares.

## **G. Para a oração**

### **Liturgia da entronização da Palavra**

*Os diversos participantes estão sentados em semicírculo; no centro está preparado um ambão sobre o qual se coloca diante do grupo durante o cântico proposto, ou outro semelhante, de aclamação da Palavra de Deus.*

Cântico: **As vossas palavras, Senhor, são espírito e vida!**

Assim como a chuva e a neve que descem do céu  
não voltam para lá sem terem regado e fecundado a terra,\*  
assim a palavra que sai da minha boca não volta sem ter produzido o seu efeito,  
sem ter cumprido a minha vontade, sem ter realizado a sua missão

## **1.L. Da carta aos Hebreus**

“Deus muitas e de muitos modos, nos tempos antigos, falou aos nossos pais por meio dos profetas. Nestes dias, que são os últimos, Deus falou-nos por meio do Filho...”  
(Hb 1, 1-2a)

## **2.L. Do Evangelho segundo S. Lucas, 4,16-21**

Jesus veio a Nazaré, onde tinha sido criado. Segundo o seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se para ler.

<sup>17</sup>Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, deparou com a passagem em que está escrito:

<sup>18</sup>«O Espírito do Senhor está sobre mim,  
porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres;  
enviou-me a proclamar a libertação aos cativos  
e, aos cegos, a recuperação da vista;  
a mandar em liberdade os oprimidos,

<sup>19</sup>a proclamar um ano favorável da parte do Senhor.»

<sup>20</sup>Depois, enrolou o livro, entregou-o ao responsável e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele.

<sup>21</sup>Começou, então, a dizer-lhes: «**Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir.**»

*(depois da proclamação da Palavra o livro das Escrituras pode ser beijado pelos membros do grupo, enquanto se canta)*

### **Aleluia!**

Se alguém me ama, guardará a minha palavra.  
Meu Pai o amará e faremos nele morada

*(diálogo entre solista e coro, ou em coros alternados)*

Deus, nos tempos antigo, falou muitas vezes e de muitos modos aos nossoa pais pelos profetas. Nestes tempos, que são os últimos, falou-nos por meio do Filho.

### **Deus dirigiu-nos a Palavra.**

Não uma palavra de Deus em termos incompreensíveis,  
Mas na Palavra humana inesquecível que é o seu Filho Jesus.  
Ela atravessou os séculos sem perder o sabor  
e chega até nós nas nossas línguas.  
Palavra eficaz como a chuva que cai na terra e a fecunda.

**Ela tira-nos da solidão,  
e penetra em nós como a chuva na terra árida.  
Dá-nos refrigério. Indica-nos a meta e o caminho.  
Espera-nos, acolhe-nos, e introduz-nos num espaço novo.**



Cristo confia-nos a sua Palavra segundo o carisma do Padre Dehon.  
Tornamo-nos assim para os homens de hoje uma carta de Cristo ressuscitado;  
Carta escrita, não sobre papel precioso, mas escrita na nossa vida.  
O centro da nossa existência é a união com Cristo,  
única condição para sermos palavra que dá testemunho.

**O Pai nos dê a alegria de ser palavra que aqueça a humanidade  
pelo Coração de Jesus.**

**Infunda em nós o Espírito que transforma a nossa vida**

**Na sua mensagem de amor.**

**A Ele a honra e a glória! Amém**

Refrão            Felizes os que ouvem a Palavra de Deus  
                      e a põem em prática!

*(Se esta oração abrir o Encontro pode inserir-se aqui o testemunho da Santo Antão [cf. outros textos 2] e concluiu-se com o refrão).*

## **Outros textos**

### *1. História*

**Dois lenhadores** trabalhavam na mesma floresta a abater árvores.

Os troncos eram imponentes, sólidos e rijos. Os dois lenhadores usavam os seus machados com idêntica bravura, mas com técnica diferente: o primeiro atingia a sua árvore com incrível constância, um golpe depois de outro, sem parar, a não ser para tomar fôlego por alguns segundos. O segundo lenhador fazia **uma discreta paragem** a cada hora de trabalho.

Ao pôr-do-sol, o primeiro lenhador estava a meio da sua árvore. Tinha suado sangue e lágrimas e não resistiu mais cinco minutos. O segundo estava incrivelmente a terminar o seu tronco.

Tinham começado juntos e as duas árvores eram iguais! O primeiro lenhador não acreditava no que via. *“Não percebo nada! Como conseguiste ser tão veloz se paravas a cada hora?”*

*O outro sorriu: “Viste que eu parava a cada hora. O que não viste é que eu aproveitava a paragem para afiar o machado”.*

### *2. Da Vida de Santo Antão, escrita por Santo Atanásio, bispo*

Depois da morte de seus pais, tendo ficado com uma irmã ainda pequena, Antão, que tinha uns dezoito ou vinte anos, tomou conta da casa e da irmã. Não tinham passado ainda seis meses do falecimento de seus pais, quando um dia em que se dirigia, segundo o seu costume, para a igreja, ia refletindo sobre a razão que levava os Apóstolos a abandonar tudo para seguir o Salvador e por que motivo também aqueles homens de que se fala nos Atos dos Apóstolos vendiam tudo o que possuíam e depunham o preço aos pés dos Apóstolos para que o distribuíssem aos pobres; e ia pensando na grande e maravilhosa esperança que lhes estava reservada nos Céus. Meditando nestas coisas, entrou na igreja mesmo no momento em que se lia o Evangelho e ouviu o que o Senhor disse ao jovem rico: *Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres. Depois vem e segue-me, e terás um tesouro nos Céus.* Então, considerando que a recordação dos santos exemplos lhe tinha sido enviada por Deus e que aquelas palavras eram dirigidas pessoalmente para ele, logo que voltou da Igreja, Antão distribuiu pelos habitantes da região as propriedades que herdara da

família (possuía trezentos campos muito férteis e amenos), para que aquelas não fossem motivo de inquietação para si e para a sua irmã. Vendeu também todos os móveis e distribuiu pelos pobres a grande quantia que assim obtivera, conservando apenas uma pequena parte por causa da irmã. Tendo entrado outra vez na igreja, ouviu o Senhor dizer no Evangelho: *Não vos inquieteis com o dia de amanhã*. Não conseguiu permanecer ali mais tempo. Saiu, e até aquele pouco que guardara distribuiu pelos pobres. Confiou a irmã a uma comunidade de virgens consagradas que conhecia e considerava fiéis, para que fosse educada no Pártenon. Quanto a ele, livre já de cuidados alheios, entregou-se a uma vida de ascese e rigorosa mortificação nas imediações da sua casa. Trabalhava com as suas mãos, pois ouvira a palavra da Escritura: *Quem não quiser trabalhar não coma*. Do fruto do seu trabalho destinava uma parte para comprar o pão que comia; o resto distribuía-o pelos pobres. Rezava constantemente, pois aprendera que é preciso *rezar interiormente sem cessar*; era tão atento à leitura que nada lhe esquecia do que tinha lido na Escritura: tudo retinha de tal maneira que a sua memória acabou por substituir o livro. Todos os habitantes do lugar e os homens honrados que tratavam com ele, vendo um homem assim, chamavam-lhe amigo de Deus; e uns amavam-no como filho, outros como irmão.

### ***Sugestões de leitura para aprofundar o tema***

- *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 50-141.
- Mensagem do Sínodo (2008) ao povo de Deus e a Exortação pós-sinodal *Verbum Domini* do papa Bento XVI.
- P. Francisco Duci, *Palavra de Deus e fé* (formação ITS 2013).

## **Encontro XXII**

### **HÃO DE OLHAR PARA AQUELE QUE TRESPASSARAM**

#### **Objetivos do Encontro**

- Ler e contemplar o texto da transfixão de Jesus (Jo 19,34-37), ícone privilegiado da contemplação do Padre Dehon.
- Conhecer o modo como a Igreja olha Cristo trespassado e o que ‘vê’.
- Compreender a centralidade do Coração aberto na cruz na experiência de fé do Padre Dehon.
- Aprender a contemplar o Coração trespassado e deixar-se oferecer o amor que dele brota.

#### **Sentido do Encontro**

A página da paixão que o Padre Dehon mais amou, a ponto de a visitar espiritualmente todos os dias, é João 19,31-37. Neste Encontro queremos deixar-nos atrair por este ícone muito caro ao Padre Dehon e entrar no seu movimento contemplativo.

A reflexão parte do ‘ver’ do evangelista, da Igreja, do Padre Dehon e do nosso: uma atitude contemplativa que pode culminar nos textos para a oração.

#### **Desenvolvimento do Encontro**

#### **A. Acolhimento**

Convocados ao redor do ícone da morte de Jesus na cruz: diapositivo, quadro, painel. Pode-se começar com a veneração do ícone do Calvário (obra do P. Marko Ivan Rupnik na capela scj de Capiago)

É proclamado o Evangelho de Jo 19, 28-37 (escutado de pé e em religioso silêncio).

Depois, cada um – um de cada vez ou em procissão – faz uma reverência diante do ícone, ou o beija, enquanto se canta um hino ao Salvador trespassado ou ao Coração de Cristo (cf. outros textos 1 ou 2) ou outro cântico adequado.

#### **B. Texto bíblico (Jo 19,28-37)**

*Depois disso, Jesus, sabendo que tudo se consumara, para se cumprir totalmente a Escritura, disse: «Tenho sede!»<sup>29</sup>Havia ali uma vasilha cheia de vinagre. Então, ensopando no vinagre uma esponja fixada num ramo de hissopo, chegaram-lha à boca.<sup>30</sup>Quando tomou o vinagre, Jesus disse: «Tudo está consumado.» E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.*

*<sup>31</sup>Como era o dia da Preparação da Páscoa, para evitar que no sábado ficassem os corpos na cruz, porque aquele sábado era um dia muito solene, os judeus pediram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas e fossem retirados.<sup>32</sup>Os soldados foram e quebraram as pernas ao primeiro e também ao outro que tinha sido crucificado juntamente.<sup>33</sup>Mas, ao chegarem a Jesus, vendo que já estava morto, não lhe quebraram as pernas.<sup>34</sup>Porém, um dos soldados traspassou-lhe o peito com uma lança e logo brotou sangue e água.<sup>35</sup>Aquele que viu estas coisas é que dá testemunho delas e o seu testemunho é verdadeiro. E ele bem sabe que diz a verdade, para vós credes também.<sup>36</sup>É que isto aconteceu para se cumprir a Escritura, que diz: Não se lhe quebrará nenhum osso.<sup>37</sup>E também outro passo da Escritura diz: **Hão-de olhar para aquele que trespassaram.***

## Comentário

É uma contemplação de fé, que não pode ser senão demorada, para compreender todo o conteúdo da morte-transfixão de Jesus. É preciso ver através do sinal e para além do sinal.

Contemplar o Crucificado é ver o grande “sinal de Deus”; é ver o amor de Deus tornado visível (“Deus amou tanto o mundo que lhe deu o Filho...”: Jo 3,16); é ver o amor extremo, total, solidário em tudo, com que Jesus sabe amar e efetivamente amou (“Jesus, sabendo bem que tinha chegado a sua hora da passagem deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo.”, Jo 13,1). Assim Cristo tornou-se solidário com os pecadores, até se tornar Ele mesmo pecado (cf. 2Cor 5,21) para o destruir em Si mesmo.

Contemplar o Crucificado gera uma “visão de fé” e habilita para a resposta de amor.

O Padre Dehon contempla a cena colocando-se conscientemente ao lado de Maria e de João, os dois privilegiados expectadores, os primeiros de uma longa procissão de crentes que haveriam de fixar o olhar reconhecido n’Aquele que fora trespassado por nós. Mais do que interessar-se pelos símbolos do sangue e da água, que significam a salvação alcançada pela paixão de Jesus, o Padre Dehon é fortemente tocado pelo lugar invisível donde provêm.

Provêm da profundidade interior do Crucificado, trespassado pela lança. Aquela fonte, que até àquele momento permanecera secreta, é agora descoberta e aberta, e é o Coração de Cristo. Descobre-se, no fim, o que existia desde o princípio: a fonte da salvação é o Amor de Deus no Coração de Cristo.

## C. Textos do Padre Dehon

O Padre Dehon entra na interpretação já então tradicional, na mística e na devoção: também para ele está aí o momento supremo da revelação do amor; diante dele sente brotar em si uma profunda necessidade de reconhecimento e a decisão de corresponder ao amor com amor.

*“Esta ferida entrega-nos e abre-nos o Coração de Jesus. Espiritualmente, nós lemos aí o amor que tudo deu, mesmo a vida. Neste mesmo amor, reconhecemos o motivo e o fim de todas as obras divinas: Deus criou-nos, resgatou-nos, santificou-nos por amor. No Coração de Jesus, é o próprio fundo da natureza divina que nós penetramos na sua mais maravilhosa manifestação. «Deus é amor». S. João leu isto no Coração de Jesus. Tenho necessidade de contemplar esta ferida para ver como eu sou amado e como por minha vez devo amar. Lá hei de aprender como um coração amante deve agir, sofrer, tudo dar, até à morte, por Deus e pelas almas.” (ASC 3/425).*

*“A abertura do Coração de Jesus é o mistério dos mistérios, o fundamento de todos os outros, o mistério do amor que foi entrevisto nas eras precedentes, mas que nos foi plenamente revelado para vós” (CAM 2/193). “Este grande ato resume toda a vida do divino Coração de Jesus, os mistérios da sua Incarnação, os da Paixão e mesmo os mistérios da glória e da Eucaristia.” (CAM 2/184). “Este mistério ultrapassa todos os outros, porque a todos os contém. Que seria a oblação do Salvador, a sua vida, a sua imolação sobre a cruz, a sua própria morte, se estes augustos mistérios não haurissem toda a sua seiva no seu Coração?” (CAM 2/196) “Eis o grande mistério do amor, o centro onde convergem todas as figuras do antigo Testamento, o objeto de todas as profecias, a fonte e o canal de todas as graças, a imolação realizada!” (CAM 2/183). “Façamos um ato de fé e de amor; acreditemos na imensidão do amor que Deus teve por nós no Coração Sagrado de Jesus.” (CAM 2/193).*

## D. Reflexão

### 1. A Igreja contempla o seu Senhor trespassado

O discípulo que Jesus amava estava junto à cruz com Maria, a mãe de Jesus. Representa a Igreja. Apoiado pelo afeto para com o Mestre e atraído a estar com Ele também no momento mais trágico, pode observar os últimos acontecimentos da vida mortal de Cristo.

*Ver com os olhos torna-se uma 'visão de fé'.*

Olham os judeus que não querem crucificados no dia de Sábado. Também os soldados olham (*“Ao chegarem a Jesus, viram que já estava morto”*). O evangelista escreve porque, também nós, devemos ver (*“olhar para Aquele que trespassaram”*).

Olham Maria, as mulheres, o discípulo. Os que estão junto à cruz de Jesus não podem fazer nada de exterior (nenhuma intervenção ou ação) em favor de Jesus. Ele chegara ao último momento. E nem sequer Jesus lhes pede que *“façam qualquer coisa”*, mas apenas que *“olhem e creiam”*, que acolham a sua morte com o profundo significado que ela contém.

*Porque olhar/ver?*

Conhecemos a importância do verbo *“ver”* para o quarto evangelista. Ele aponta a exigência de *olhar bem, olhar com atenção, penetrar o significado* daquilo que está a acontecer com as personagens, os factos, as circunstâncias... para alcançar o conteúdo verdadeiro, para além das aparências, a mensagem de Deus para a nossa vida.

Trata-se de *ver os factos, de compreender os sinais*; não nos é pedido que imaginemos ou usemos a fantasia ou desejemos visões... Trata-se de *contemplar* guiados pela Palavra.

O evangelista jura ter visto bem e ter visto as coisas importantes.

*Que vê?*

**Vê Jesus que realiza as Escrituras** (v. 28).

Chegado ao momento derradeiro da sua vida, Jesus tem consciência de ter cumprido a vontade do Pai até ao fim. Viveu em obediência; e esta obediência tão total e um dos sinais maiores que atestam a autenticidade das palavras e das obras de Jesus. Ao grande sinal que nos deu o Pai: *“Deus amou tanto o mundo que nos deu o seu Filho Unigénito”*, agora acrescenta-se o grande sinal que nos dá Jesus: *“Não há maior amor do que dar a vida pelos amigos”* (Jo 3,16; 15,13). O cumprimento das Escrituras está no dom que Cristo faz de si por meio da cruz.

**Vê os homens que dão a beber vinagre a Jesus** (v. 29).

A sede de Jesus não é só corporal (cf. o Encontro com a Samaritana em Jo 4). Espera uma resposta de fé, enquanto o vinagre é símbolo de uma resposta de ódio, de recusa, de pecado... *“Odiaram-me sem razão”*, tinha dito durante a ceia ao citar o salmo 69,5 (Jo 15,25); o ódio é o oposto ao amor. Nós sabemos que ao amor se responde com o amor.

O discípulo vê que Jesus não recua diante do ódio que o está a matar. Pelo contrário *“O seu coração dá voltas dentro dele, comovem-se as suas entranhas”* por nós (cf. Os 11,8-9): *“Por isso não*

*desafoga o furor da sua cólera para destruir”* quem O está a matar, mas continua a oferecer ao Pai a sua vida pela nossa salvação... O amor de Cristo vence todo o ódio.

### **Vê que Jesus, ao dar o último suspiro, entrega o Espírito à sua Igreja (v. 30).**

“*Entregou o espírito*”, diz o texto grego. O último suspiro de Jesus manifesta também o dom do Espírito. O Espírito santo sai dele como uma torrente abundante de grande fonte. Jesus não morre sem um objetivo; morre para salvar o homem: mostra assim o seu amor até ao fim. Se doa o Espírito, só pode ser Deus!

O Espírito que Ele dá recria a humanidade, constrói a nova aliança (Deus reconcilia-se com o homem e o homem com Deus numa comunhão de amor), regenera o homem como filho de Deus, torna-o capaz de amar como Jesus ama. Também o milagre da nova aliança só pode ser realizado por Deus!

### **Vê que não são quebradas as pernas a Jesus (v. 33).**

“*Ao chegarem a Jesus, vendo que já estava morto, não lhe quebraram as pernas*”: Cristo é apresentado como o Cordeiro pascal ao qual não se devia quebrar nenhum osso (v. 36). Isto acontece na mesma hora em que no templo de Jerusalém se imolavam os cordeiros para a Páscoa.

Jesus é o verdadeiro Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, é ele que derrama o seu sangue para remissão dos pecados de todos os homens (Jo 1,29). Jesus de Nazaré é o homem totalmente entregue ao Pai e totalmente entregue a nós. Deste modo, o amor de Deus triunfa sobre a maldade humana.

### **Vê Jesus ser trespassado (v. 34).**

O soldado com uma lança perfura o Lado. Este gesto é o ponto central do texto. A transfusão abre uma ferida e, por isso, uma fonte. Jesus torna-se a nova fonte da salvação, uma fonte sempre viva, uma fonte abundante na qual todos podem beber. Jesus trespassado repete-nos o seu convite: “*Quem tem sede, venha a Mim e beba... Todos vós que tendes sede, vinde beber desta água. Mesmo os que não tendes dinheiro, vinde, comprai sem pagar nada, vinho e leite, que é de graça... Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei-de aliviar-vos*” (Jo 7, 37-38; Is 55,1; Mt 11,28).

Agora **o seu Coração está aberto e permanece aberto**. Tudo nos vem do Pai por meio do Coração trespassado de Cristo. Por esta passagem (este caminho aberto no seu corpo) chega até nós toda a graça e salvação; o Pai vem a nós e nós podemos aproximar-nos e entrar no mistério de Deus (cf. Heb 7,25; 4,16; 10,19-22). Jesus é o único mediador e pontífice.

### **Vê fluir do Lado aberto sangue e água (v. 34).**

A ferida, da qual brota sangue, é sinal de morte, uma morte expressão do amor até ao fim, à totalidade (“*Ninguém maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos*”, Jo 15).

O sangue que brota produz a nova aliança para a remissão dos pecados (Heb 9,11-22; Mc 14,24); é um sangue que, na Eucaristia, Cristo perenemente oferece ao Pai para salvação do mundo...

A água representa a vida, o dom do Espírito que nos torna filhos, participantes “da vida divina d’Aquele que quis assumir a nossa vida humana”. Assim aconteceu a nova criação. Esta fonte aberta realiza Ez 47: esta água que brota do lado direito do templo leva vida e abundância ao mundo inteiro. O sangue e a água são símbolo dos sacramentos da Igreja. Nascemos lá, do Coração trespassado...

## **“Ver” leva a acolher.**

“Crer” significa dar-nos conta de que Cristo, pela sua encarnação e morte, se tornou próximo de nós (de cada homem, diz o Concílio Vaticano II); significa também acolhê-lo para nos tornarmos, pelo nosso lado, solidários com Ele, participantes da sua oblação reparadora.

*“Aquele que viu estas coisas é que dá testemunho delas e o seu testemunho é verdadeiro. E ele bem sabe que diz a verdade, para vós crerdes também.”* (v. 35). Este testemunho, assim solenemente jurado, é em ordem à fé. Quem vê os sinais e lhes compreende o alcance, chega à visão de fé.

Então, aconteceu junto à cruz, e, agora, deve acontecer na nossa vida de cristãos deste século.

Para João há um elo muito estreito entre “ver” e “crer”. Afirma-o também na conclusão do seu evangelho (20,30-31): *“Muitos outros sinais miraculosos realizou ainda Jesus, na presença dos seus discípulos, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para acreditardes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e, acreditando, terdes a vida nele.”*

Maria, a mãe, vê e crê (cf. a sua atitude de oferta junto à cruz do Filho, o seu acolhimento pela Igreja por meio do discípulo, a sua perseverança na oração enquanto espera o Espírito, At 1,14).

João, o discípulo que representa a Igreja e crê (cf. também 20,5.8: *“Viu as ligaduras... Viu e acreditou”*).

Também Tomé, depois de ter visto “os sinais” que tinha pedido, chega à fé (cf. Jo 20,25ss: *“Se não vir os sinais do cravos nas suas mãos... Olha as minhas mãos: chega cá o teu dedo!”*).

## **2. A contemplação do Padre Dehon**

### ***Que vê o Padre Dehon na transfixão do Lado de Cristo?***

#### **a. Vê um amor total, gratuito, perene, cheio de ternura e de misericórdia por cada um dos pecadores.**

O Coração trespassado é, antes de mais, o sinal do amor: um amor grande, até ao fim. *“Amou-nos sem medida”* (Padre Dehon). Vendo o Coração trespassado, podemos reconhecer até que ponto Jesus foi capaz de amar e nos amou.

*“Esta ferida entrega-nos e abre-nos o Coração de Jesus. Espiritualmente, nós lemos aí o amor que tudo deu, mesmo a vida. Neste mesmo amor, reconhecemos o motivo e o fim de todas as obras divinas: Deus criou-nos, resgatou-nos, santificou-nos por amor. No Coração de Jesus, penetramos o mais íntimo da natureza divina na sua mais maravilhosa manifestação. «Deus é amor». S. João leu isto no Coração de Jesus. Tenho necessidade de contemplar esta ferida para ver como eu sou amado e como por minha parte devo amar. Lá hei de aprender como um coração amante deve agir, sofrer, tudo dar, até à morte, por Deus e pelas almas.”* (ASC 3/425).

#### **b. Vê um amor recusado, ultrajado, agredido, morto...**

Foram cometidos maus-tratos sobre Jesus (flagelado, batido, degradado, crucificado, trespassado, afito, objeto de escárnios...). Até aí foi recusado e humilhado! O Coração trespassado é o sinal do ódio; e isto é obra dos homens, obra nossa: *“por causa dos nossos pecados”*.

Se por um lado se manifesta a plenitude do amor de Deus, que se fez carne para nos amar até à perfeição, por outro lado manifesta-se também a dramaticidade do sofrimento, do ódio derramado sobre Ele pela ingratidão humana. O pecado – todo o tipo de pecado – atinge o coração do Filho de Deus. Olhando os maus-tratos contra Jesus, podemos compreender o efeito devastador do pecado.

Cada um de nós participou nesta transfixão do Coração de Jesus. Há uma responsabilidade pessoal e comunitária na morte de Cristo, que se compreende à luz da fé.

“Erguido na cruz, Jesus não via à sua volta mais do que inimigos, não ouvia mais do que maldições e blasfêmias. *O povo que a providência tinha escolhido com tanto cuidado e que tinha pacientemente educado, recusa e crucifica o Salvador. Onde estavam os discípulos e os amigos de Jesus? Tinham medo, escondiam-se; não compreendiam o grande mistério da cruz.*” (CAM2/145-146 e 148).

### **c. Vê um amor que pede reparação.**

Contemplar significa também deixar-se envolver. Permanece verdade que Cristo é o primeiro reparador. Mas também nós somos chamados a cooperar. O pecado é uma realidade histórica e atual: o verdadeiro drama da humanidade, do qual deriva todo o outro male. Olhando apenas superficialmente as situações locais e internacionais, torna-se claro quanto é urgente lutar, hoje, contra o pecado (injustiças, guerras, corrupção, egoísmos de todo o tipo. É urgente colaborar na “reconstrução” do homem segundo Deus. “*Somos chamados a inserir-nos no movimento do amor reparador, doando-nos aos irmãos com e como Cristo*” (Regra de Vida scj, n. 21).

“*O Coração de Jesus na Eucaristia é o único e verdadeiro reparador e é, ao mesmo tempo, o único capaz de amar e de dar graças. Nós associamo-nos ao Coração de Jesus neste grande serviço da reparação, apresentando, ajudados pela sua graça, as nossas disposições; o seu amor há de transformá-las em atos de amor, como em Caná transformou a água em vinho...*” (CAM 2/194) “*Um amor que não fique satisfeito com afetos e sentimentos, mas se traduza em compromisso mais generoso com as virtudes cristãs e a paciência nas provações. No Coração de Jesus alcançaremos aquele suplemento de amor, o único que pode tornar agradáveis as nossas reparações*” (CAM 2/207).

### **d. Vê um amor que impele a conformar-nos com Cristo.**

Em primeiro lugar, pela conversão do nosso coração; depois pela adesão afetiva à Eucaristia (um estilo eucarístico para a nossa vida) e pela instauração de um novo estilo de relações sociais.

“*O nosso único desejo será tornar-nos eucaristia viva do Coração de Jesus como este divino Coração é a nossa eucaristia*” (CAM 3/268).

### **e. Vê um amor de resposta.**

“Pelo menos tu ama-me!”. O “não” ao amor repara-se com o “sim” ao amor.

“*Eis o Coração que tanto amou os homens, e todavia, da maior parte deles, e muitas vezes dos seus prediletos, apenas recebe friezas, ingratidões e ultrajes*”.

“*Entendemos a reparação... como resposta ao amor de Cristo por nós*” (Regra de Vida scj, n. 23).

“*Jesus não sabe o que fazer das nossas obras, se não tiver o nosso coração*” (NQT 3/148 – 16-17.07.1886).

## **E. Testemunho**

*Do Diário do P. Bernardo Longo, missionário dehoniano e mártir em terras de África (1964).*

Ele escreveu no meio do terramoto que estava a experimentar, isto é, das desordens e dos massacres provocados pela rebelião dos “Simba” no Congo, em 1964, que daí a poucas semanas levará à



morte de numerosos missionários (29 dehonianos dos quais um era bispo) e entre eles do próprio P. Bernardo Longo, além de um número incalculável de pessoas inocentes. Graças a mentiras e a estratagemas especiais os rebeldes, que se faziam também chamar “Simba” - leões, tinha espalhado a convicção de que eram invencíveis e quase “deuses”, com poder de vida e de morte sobre as pessoas, poder que de facto exerciam indiscriminadamente.

Trata-se de um diálogo com um pigmeu da floresta, povo particularmente caro ao padre.

*Pigmeu:* “Padre, aquele 'Simba' - Leão é um Deus?”

*P. Longo:* “Recorda-te, querido, o que tantas vezes te expliquei e que o vosso mestre José Moke [um dos primeiros catequistas deste lugares] vos explicou melhor do que eu: Deus não tem um ventre faminto como o nosso; Deus é bom e não tem a cabeça cheia de raiva como a nossa. Deus não se veste com folhas de palmeira como aqueles que matam! Deus não tem pressa em prender os seus inimigos, porque ninguém o pode prender a Ele! Para ir à guerra, Deus não precisa de roubar os autocarros dos outros, nem de tomar a comida e as cabras dos pobres, com medo de morrer de fome! Deus viaja sem... pernas; o seu Espírito está sempre alimentado, as suas mãos não se veem e fazem girar os ventos, correr os rios, e param os leões sem lhes tocar!”

*Pigmeu:* “Compreendi, Padre! Também estes Simba assassinos hão de parar um dia diante do verdadeiro grande Simba Bom, que é Deus!”

*P. Longo:* “Toma a tua fé com as mãos e aperta-a ao teu espírito, para que não fuja com os feiticeiros e não te leve à morte!”

## **F. Para a partilha de grupo**

Para nós, a contemplação de Cristo transpassado tem dois lugares privilegiados: a escuta da Palavra e a Adoração eucarística.

- Como vivo a atitude contemplativa na minha vida?
- A minha referência privilegiada é o Coração de Jesus, o seu modo de viver e de se entregar.

## **G. Para a oração**

A oração deve ser organizada como diálogo entre o solista e a assembleia ou em duas linhas cada uma por sua vez, entoada por dois coros ou por duas vozes (masculina e feminina)

*“O Lado aberto e o Coração trespassado do Salvador constituem para o Padre Dehon a expressão mais evocadora de um amor, cuja presença ativa experimenta na sua vida. Neste amor de Cristo que aceita a morte como doação suprema da sua vida pelos homens e como obediência filial ao Pai, o Padre Dehon vê a própria fonte da salvação.*

*Do Coração de Cristo, aberto na cruz, nasce o homem de coração novo, animado pelo Espírito e unido aos seus irmãos na comunidade de amor, que é a Igreja (cf. Études sur le Sacré-Coeur, I, p. 114). (Regra de Vida scj, nn. 2-3).”*

**Nós Te contemplamos, Senhor do Coração trespassado,**

para que na contemplação desse mistério  
compreendamos o teu amor infinito por nós.

**Nós Te contemplamos, Senhor da história,,**

para aprender a olhar com amor e paixão  
a humanidade com as suas alegrias e contradições.

**Nós Te contemplamos, Senhor da Vida,**

para podermos beber na fonte do teu Coração a força de viver  
uma vida significativa e encorajadora, capaz de gerar esperança.

**Nós Te contemplamos, coração e fonte** da nossa espiritualidade:

Concede-nos a graça de reavivarmos a nossa identidade no mundo e na Igreja.

**Nós Te contemplamos, Senhor do *ecce venio*,**

e pedimos-te a graça de renovar o nosso sim em completa liberdade e em total doação.

**Nós Te contemplamos, Jesus de Coração trespassado,**

que, animado pelo Espírito, Te ofereceste ao Pai.

Do teu Lado aberto brotou a água viva e o sangue da nossa redenção.

A tua gloriosa chaga nos curou e a tua amorosa vontade nos santificou.

Dá-nos a graça de tomarmos parte na Redenção pela oferta da nossa vida.

Com a nossa oblação, aceita os sofrimentos e as esperanças do mundo.

Ó bom Pastor, que deste a vida por nós, queremos seguir-Te e participar no teu amor solidário,  
para que a salvação chegue a todos os homens. **Amém.**

**Outros textos**

*1. Hino ao Salvador trespassado (Duci-Bach)*

Abertos os braços ao mundo, na hora do último dom  
aos que te abriram o Lado, o amor mais profundo revelas.

Um golpe de lança cruel, perfura o teu coração  
E brota uma onda de sangue e de água que tudo renova.

Sinal tão humilde revela um grande mistério escondido  
no sangue nos salva o amor, morrendo nos doa a vida.

O eterno invencível amor que ardia no Pai e no Filho  
O amor que acolhe e perdoa transborda do peito rasgado.

O Cristo de Lado aberto passagem à Páscoa nova  
És porta feliz para o Pai que acolhe o Filho que torna.

Em Ti que elevado na cruz, de novo voltaste à vida  
Cumpriu-se o eterno desígnio: do mundo Tu és coração.

Ó Pai que amor te revelas em Cristo pascal, o teu Filho  
A Ti no Espírito Santo louvamos com júbilo e canto. **Amém.**

*2. O Senhor está comigo (F. Fonseca)*

O Senhor está comigo  
já não temo a provação,  
o Senhor é minha força,  
alegria e salvação.

Coração do meu Jesus,  
Coração do meu Senhor,  
Trespasado sobre a cruz  
És a fonte do amor.

O Senhor fez maravilhas,  
Seu amor vou proclamar;  
P'ra nos dar a sua graça  
O seu peito deixou rasgar.

### ***Sugestões de leitura para aprofundar o tema***

- P. Francesco Duci, *O Coração do Salvador* (formação ITS 1997).
- P. André Perroux, *Hão olhar Aquele que trespassaram* (formação ITS 1998).



## *Encontro XXIII*

### **O PADRE DEHON E A EUCARISTIA**

#### ***Objetivos do Encontro***

- Viver a celebração eucarística como encontro gratuito de Jesus conosco no dom de si mesmo por cada um de nós.
- Conhecer a experiência “eucarística” do Padre Dehon: uma Eucaristia celebrada e vivida, uma Missa permanente.
- Fazer crescer em nós a experiência da celebração eucarística como momento que alimenta o nosso quotidiano e reforça o nosso “viver a Eucaristia” na vida de todos os dias, no lugar onde nos encontramos.

#### ***Sentido do Encontro***

No decurso deste terceiro ano, diversas vezes (temas 23, 24, 27) refletimos sobre o Encontro do Padre Dehon e do cristão em geral com o mistério eucarístico: queremos, agora, saber como é que o Padre Dehon “viveu” a Eucaristia na celebração e na quotidianidade da sua existência.

A partir da instituição da Eucaristia por Jesus na última ceia pascal, narrada nos Evangelhos, sublinhamos duas dimensões que devem manter-se unidas: somos participantes de uma vida entregue e convidados à ceia, à comunhão.

Na partilha vamos deter-nos sobre o nosso modo de “viver” a Eucaristia na celebração comunitária e na quotidianidade.

A perspetiva deste Encontro é a Eucaristia na quotidianidade. Por outro lado, no próximo Encontro gostaríamos de acentuar a perspetiva do quotidiano na Eucaristia.

#### ***Desenvolvimento do Encontro***

#### **A. Acolhimento**

Preparar uma mesa com um pão grande no centro e uma jarra de vinho. Indica-se o lugar a cada um dos participantes e sublinha-se o facto de serem convidados à mesa.

Também se pode partir da arquitetura das nossas igrejas (fotografia ou PowerPoint) e da localização do altar e do sacrário: as diferentes opções arquitectónicas mostram as diferentes concepções e percepções do mistério eucarístico ao longo da história da Igreja.

#### **B. Texto bíblico (Lc 22,14-20)**

Quando chegou a hora, Jesus pôs-se à mesa e os Apóstolos com Ele. <sup>15</sup>Disse-lhes: «Tenho ardentemente desejado comer esta Páscoa convosco, antes de padecer, <sup>16</sup>pois digo-vos que já não a voltarei a comer até ela ter pleno cumprimento no Reino de Deus.» <sup>17</sup>Tomando uma taça, deu graças e disse: «Tomai e reparti entre vós, <sup>18</sup>pois digo-vos que não tornarei a beber do fruto da videira, até chegar o Reino de Deus.» <sup>19</sup>Tomou, então, o pão e, depois de dar graças, partiu-o e distribuiu-o por eles, dizendo: «Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós; **fazei isto em minha memória.**» <sup>20</sup>Depois da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo: «Este cálice é a nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós.»

## **Comentário**

Naquela tarde, no cenáculo, Jesus encontrava-se à mesa com os discípulos para a ceia: os sinais utilizados foram dois alimentos nutritivos da mesa (pão e vinho), que Jesus abençoou, partiu e distribuiu para que fossem consumidos. A celebração eucarística, ainda que nos seus legítimos desenvolvimentos rituais e teológicos, é fundamentalmente uma ceia, a ceia que o Senhor ressuscitado oferece todos os domingos para reunir a comunidade dos seus discípulos à volta da sua mesa. A dimensão convivial da Eucaristia foi reposta graças aos esforços concentrados da liturgia, da teologia e do Concílio Vaticano II, como fundamental para a compreensão do conjunto da sua realidade.

A vigorosa redescoberta da ceia contribuiu grandemente para a reforma conciliar dos livros litúrgicos, e até determinou uma reviravolta no presbitério das igrejas católicas. O altar foi separado do fundo da abside, foi separado do sacrário e virado para a frente no meio do presbitério, se não mesmo na nave central. Não terá sido apenas um expediente para melhorar a comunicação com a assembleia? Não! Trata-se de adequar as estruturas arquitectónicas à nova compreensão da Missa, colocando em clara evidência a mesa do altar, porque nela e na ação que aí é celebrada volte a centrar-se o principal interesse dos fiéis.

Para tornar mais evidente o aspeto convivial é útil considerar atentamente as narrativas evangélicas da última ceia de Jesus, as suas palavras sobre o pão e sobre o cálice, os gestos das suas mãos e das dos discípulos, o seu bendizer a Deus no princípio e no fim, as perspectivas de salvação que daí emergem, etc., sem descuidar um olhar retrospectivo à praxe convivial na vida pública. E pôr em evidência também os valores éticos e sociais que lhe estão ligados.

## **C. Textos do Padre Dehon**

*“A Eucaristia é a lareira, a base, o centro de toda a vida, de toda a obra, de todo o apostolado. Toda a redenção gravita à volta do calvário; toda a sua aplicação gravita à volta do altar. O trabalhador evangélico que não viva da vida eucarística não tem senão uma palavra privada de vida e uma ação ineficaz”* (NQT 25/33 – 1910).

*“Na Eucaristia, Jesus oferece-nos o modelo da nossa vida interior. Aí, a sua vida está particularmente escondida, silenciosa, amante, sacrificada. Assim deve ser a nossa vida. A Eucaristia é ao mesmo tempo sacrifício e sacramento. É também o meio com que Jesus habita no meio de nós quotidianamente no altar e diante da cruz. Jesus dá-nos o exemplo do sacrifício e da imolação. Ele gosta de se dar a nós na comunhão. De bom grado se torna alimento das nossas almas, anseia pelo momento de se entregar. Devemos desejar recebê-lo. Jesus encontra as suas delícias em habitar entre nós. Assim se expõe a todos os esquecimentos e também a todos os ultrajes Convida-nos a visitá-lo com confiança e amor”* (DSP 70-71).

## **D. Reflexão**

### **1. A celebração eucarística: cume e fonte (LG 11)**

O Padre Dehon esperou com ansiedade o dia da sua ordenação sacerdotal que aconteceu na catedral de S. João de Latrão, em Roma, no dia 19 de Dezembro de 1868. A celebração da primeira missa era a meta esperada. Celebrou-a no seminário onde tinha estudado, na presença das pessoas mais queridas. A Eucaristia estará sempre no centro da sua vida, momento fundamental da sua fé e

alimento quotidiano da sua vida espiritual. O Padre Dehon experimentava cada vez mais a felicidade de poder celebrar a santa Missa.

No diário refere-se com frequência à santa Missa, particularmente no período depois da ordenação. É sempre um momento de intensa fé e de grande emoção, até às lágrimas. Exprime o seu fervor no Diretório Espiritual (texto que compôs para exprimir o espírito concebido desde os princípios e entregou-o aos seus religiosos como guia onde encontrar os valores carismáticos do Instituto que fundou).

O sacrifício eucarístico é *“o dom por excelência do Coração de Jesus e do seu amor. É, no dizer de S. Francisco de Sales, o centro da religião, o coração da devoção, a alma da piedade, o mistério inefável que contém o abismo da caridade divina e pelo qual Deus nos comunica com suprema liberalidade as suas graças e benefícios.* (DSP 229).

Foi o próprio Jesus que entregou a Eucaristia à Igreja. Ela está plenamente consciente disso e celebra-a “em memória” de Cristo. Pede aos cristãos que amem a participação na santa Missa e olhem o sacrifício eucarístico como fonte que alimenta a sua adesão ao Senhor Jesus. O mesmo faz o Padre Dehon com os seus religiosos. Recorda que *“o Santo Sacrifício da Missa é, para todos os Sacerdotes do Coração de Jesus, o grande ato do dia, o holocausto de perfeito amor e o sacrifício reparador por excelência”* (DSP 229). Indica também o motivo da importância da santa Missa: a conformação a Cristo.

*“Os Sacerdotes do Coração de Jesus, ao celebrar a Eucaristia, e os que não são padres, ao participar nela, compenetrar-se-ão com amor dos sentimentos e das intenções do Coração de Jesus. Unirão a oferta do seu coração à do Coração divino de Jesus para a maior glória de Deus e para a salvação das almas.”* (DSP 229).

*“O sacrifício eucarístico é fonte e cume de toda a vida cristã”* (LG 11).

A Missa é o porto de partida e de chegada da navegação quotidiana do cristão.

## **2. Fazer da vida uma Missa permanente**

O Padre Dehon não se limita a considerar a santa Missa como celebração em si mesma. Vê-a como realidade onde encontrar força e com a qual se alimentar ao longo do dia. Fala de **“Missa permanente”** (CAM 3/264), vivida em atitude interior de oferta.

Ele estava tão compenetrado do mistério celebrado de manhã no altar, que desejava não interrompê-lo com as ocupações de dia. Sonhava que a comunhão espiritual com Cristo sacerdote e cordeiro pascal, alcançada no momento da celebração, não fosse interrompida nem sequer no meio das ocupações prementes; de tal modo, podia oferecer, não só fragmentos de tempo, de coração, de ação, mas a totalidade da vida e da pessoa.

Atingido profundamente pelo amor pessoal de Cristo por ele, o Padre Dehon sentia-se provocado a corresponder-lhe, em medida possivelmente total. Queria recolher, na Missa que lhe fazia encontrar todas as manhãs esse infinito amor, todas as suas energias para corresponder, todas as possibilidades e ocasiões do seu dia: pensamentos e afetos, alegrias e sofrimentos, ações e devoção.

## **3. Vida oferecida**

No tempo do Padre Dehon a Missa era sentida sobretudo como sacrifício oferecido a Deus, **o santo sacrifício da Missa.**

*A Escola Francesa de Espiritualidade* tinha privilegiado o sacrifício como momento culminante do culto sacerdotal que se presta a Deus. Não nos espanta que o Padre Dehon, formado nesta escola no seminário francês de Roma, dê tão grande importância à componente sacrificial-oblativa da

Missa, e peça aos seus filhos espirituais que mergulhem generosamente neste programa de oferta, de modo a fazerem da sua vida uma “Missa permanente” (CAM 3/264).

O sacrifício é a voluntária oferta de si mesmo, o livre dom da própria vida por amor ao Pai e pela vida dos homens, em comunhão com o Cristo pascal, que pôde dizer de si mesmo: “*não vim para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por todos*” (Mc 10,45).

A Missa encontra realmente Jesus nesta sua disposição radical de Filho e de sacerdote, e torna realmente presente o ato único do seu sacrifício, que passou pela cruz e chegou à perfeição na ressurreição: um corpo que foi dado e sangue que foi derramado por nós e por todos.

Do princípio ao fim, a vida de Jesus foi animada pela pronta oferta de si mesmo à vontade de salvação do Pai: disposição resumida na dinâmica do *Ecce venio*. O Padre Dehon recolhe dos lábios de Jesus este anseio, e alcança-o no seu Coração de Filho; está consciente de não realizar um mero ato exterior de imitação, mas de participar no próprio *Ecce venio* de Cristo. “*Ao pronunciar o Ecce venio, o Coração de Jesus ofereceu-nos também a nós e continua a oferecer-nos; sem esta união, a nossa oblação seria vã e não aceite*” (CAM 1/66). Saber-se elevados pelo vigor do *Ecce venio* de Cristo, muito acima das nossas fracas possibilidades: está aí a alegria secreta da nossa “Missa permanente” (CAM 3/264).

Queria que a sua oferta fosse, não só permanente, mas pronta, pronta a acolher o que a vida habitualmente comporta o improvisamente reserva, seja de agradável seja de doloroso, pronta para ser depois transferida para Cristo no momento da Missa. Cada dia, tudo, prontamente.

#### 4. Comunhão

A comunhão é a meta “natural” e a razão de ser da Eucaristia, o seu momento salvífico por excelência. Mas a comunhão que tem por objetivo, não é simplesmente a individual (cada um a sua própria comunhão! Que comunhão seria?). A Eucaristia existe para uma comunhão muito maior, digna deste nome, digna do projeto de Deus: a comunhão eclesial do corpo místico de Cristo, **comunhão da Cabeça com os membros e dos membros entre si**. É esta a grande graça que as orações eucarísticas imploram: “*o Espírito Santo nos una num só corpo*”.

É a perspetiva eclesial em que Paulo considera a comunhão: “*O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo? Uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão.*” (1Cor 10,16s).

A unidade não é dada pela concorde reunião fraterna de se encontrar juntos: é criada pelo Pão único que é comido àquela mesa, o Pão que é Cristo.

Os valores comunitários são bem desejáveis, e em alguma medida também requeridos como condição prévia, mas o mistério da nossa unidade em Cristo é bem outro. É isto que está em jogo com a recuperação da ceia: a consciência de comunhão eclesial, que durante tantos séculos parece ter desaparecido por causa das reflexões sobre a Igreja.

O lema dehoniano: “*fazer da nossa vida uma Missa permanente*” continua a ter a sua validade programática; apenas ampliou enormemente os seus confins, para além do âmbito oblato-cultural, ainda que tão intensamente sugestivo.



## E. Testemunho

*O Padre Beppe Pierantoni, missionário scj italiano nas Filipinas, desde 1991, foi sequestrado pelos guerrilheiros islâmicos a 17 de Outubro de 2001 e viveu durante 6 meses na floresta em contínuas deslocações, com o grupo, até à sua libertação a 8 de Abril de 2002.*

*Do livro ‘Com Deus e com os guerrilheiros islâmicos’, diário de um sequestro, EDB 2003, pp. 31-33 tomamos o testemunho do momento dramático do sequestro vivido à luz da ‘Missa permanente’.*

Milhões de estrelas sobre a minha cabeça e a cintilação fosforescente da água à minha volta: que maravilha... Numa situação diferente teria apreciado mais. Mas não será tudo isto um sinal de que estou nas mãos de Quem tudo fez? Esperamos que os pescadores não nos vejam, porque se meteriam de permeio!

Estou sentado no meio de tambores de gasolina, de cordas e de uma grande tela de plástico... devo acomodar-me o melhor possível, devo procurar relaxar-me, rezar, permanecer distanciado e lúcido para compreender o que está a suceder e como me comportar melhor. Senhor, ajuda-me!

Devo rezar! Rezo um terço: preciso de rezar, de me entregar. O Senhor me guiará, me dará sinais, me dirá o que fazer... Senhor, se chegou a minha hora, faz-me saber, faz-me compreender, para que eu me possa preparar... Tenho muito medo! Fica junto a mim, Senhor!

Ave, Maria, cheia de graça... *“Se alguém te pedir para fazer com ele uma milha, faz duas!”*.

Ó Maria, fica junto a mim; no fundo, estou aqui por culpa do seu Filho! *“... Em vez de uma milha, faz duas!”*. Sim, já fazer uma é difícil, quando não és livre...

No primeiro mistério doloroso contemplamos... Senhor, nas tuas mãos entrego a minha vida; faça-se em mim a tua vontade.

Costeamos Zamboanga. Por mim, vamos para Basilan. Quem poderá sair de lá! Paciência, basta que ninguém morra por minha causa; se morrer eu, não será uma grande perda... Mas, quem sabe o sofrimento dos meus! Espero que tenham a caridade de os informar; talvez isto se resolva em pouco tempo... *“Se alguém te mandar fazer com ele uma minha, faz duas!”*.

Se me fizerem mal a mim, que seja; mas, se o fizerem à minha família... Se é verdade que pedem um resgate, onde é que o meu pai e a minha mãe irão encontrar dinheiro? Vão arruinar-se, mas preferirão arruinar-se a recusar! Maldita gente! Devo fugir; é um dever. É melhor que morra eu do que cause a morte aos meus.

Ó Maria, cheia de graça, rogai por nós... Senhor, ilumina-me, dá-me a ocasião e a prontidão para escapar aos desígnios de gente... Devo fugir!

No segundo mistério... Senhor, que falhem os desígnios dos malvados. Dá-me coragem, Pai! *“Se alguém te pedir o manto, dá-lhe também a túnica!”*.

Devo estar calmo, devo concentrar-me na oração: Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita é tu... *“Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a vossa palavra”*. Como também se diz em latim? *“Ecce Ancilla”*, sim!

Abandono em Deus: não é o coração do Evangelho? Faça-se em mim segundo a vontade de Deus... Se crês, Beppe, deves prová-lo agora... chegou a hora dos factos, maldito fariseu palrador.

*“Não te disse que se acreditasses, verias a glória de Deus?”*.

Ave, Maria... Não te disse tantas vezes, Senhor, que se quiseses algo de mim, deves fazer tudo, me deves levar momento a momento?! Tenho medo, tenho pouca fé, não conseguirei...

Mas, agora estamos no meio do mar. A costa desapareceu. “*Não te disse que, se acreditasses, verias a glória de Deus?*”. Não tenho medo de morrer, já sabes! Por outro lado, é melhor morrer do que ser pobres de amor como eu. Também nesta situação deves fazer tudo.

Olha que não vamos para Basílica... “*Se acreditares, verás a minha glória... confia em mim!*”. Senhor, aconteça o que acontecer, fica junto a mim, toma-me pelo braço, aperta-me fortemente, aumenta a minha fé, dá-me coragem... Nas tuas mãos entrego a minha vida!

Estão a ir mais devagar, talvez esperem outro barco, e agora peço que me aliviem estas algemas... Fazem o que peço, desligam-me um pulso. Sinto-me melhor, já não sofro a angústia de me afogar, assim poderei nadar se cair a água. Talvez consiga fugir, se acontecer alguma coisa. Mas voltamos a partir a grande velocidade...

Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco... eis de novo a costa, voamos sobre as ondas do mar, devo enrijecer os músculos para não sentir o permanente impacto das ondas... A tábua em que apoio as costas está a tornar-se uma tortura e a água entra a baldes. Convidam-me a abrigar-me sob uma tela de plástico, e também eles o fazem. Numerosos peixes voadores fogem diante do barco que corta as ondas, uma a uma. A noite é levemente luminosa, suficiente para vermos à nossa volta por alguns metros. A exaustão vence-me, e ajeito-me numa espécie de sonolência vigilante. Passam as horas, quantas? A quantos quilómetros à hora viajamos?

Mas, para onde vamos? Senhor, eu não sei, mas Tu sabes, e isso deveria ser suficiente para mim. Terá chegado o momento invocado, esperado e temido da “grande e definitiva humilhação do meu orgulho”? Estará para se realizar a tua promessa, que ouvi com frequência ecoar dentro de mim e que frequentemente me volta à mente, que “hei de morrer fora dos muros de Jerusalém”?

Uma profunda emoção percorre-me: serei capaz de enfrentar com dignidade o momento?”.

## **F. Para a partilha de grupo**

*Sobre a mesa estão o pão e o vinho; chegou o momento de partilhar a nossa vida.*

*Partido o pão, cada um toma um pedacinho e 'comunga' – isto é, partilha alguma coisa a partir das perguntas e da reflexão - e depois come o pão e bebe o vinho.*

Como vivo a celebração da Eucaristia no dia do Senhor? Que cuidados para fazer da vida uma ‘Missa permanente’? A minha existência é animada pelo projeto do *Ecce venio*?

## **G. Para a oração**

*Trata-se da proposta de um texto de oração à SS. Trindade.*

*Pode-se rezar rotativamente ao modo de solistas, ou em dois coros ou a vozes masculinas e femininas.*

*Pode-se também repetir juntos, depois de cada estrofe, a linha inicial dirigida a cada uma das Pessoas da SS. Trindade, ou deter-se, no fim das invocações a cada Pessoa da SS. Trindade, como um cânone do tipo Laudate omnes gentes (Pai) – Oh! Adoramus te Domine (Filho) – Veni sancte Spiritus! (Espírito)*

**NÓS VOS DAMOS GRAÇAS, PAI,**

por esta memória das nossas origens em Vós,

que é a Santa Ceia, na qual o vosso Espírito, primeiro dom aos crentes,

vem tornar presente a nós a Páscoa reconciliadora do vosso Filho.

Nos vos bendizemos, porque o mesmo pão e o mesmo cálice nos reúnem no único Corpo, fazendo de nós, na comunhão com o único Santo, por meio dos santos dons, a comunhão dos santos no tempo e para a eternidade.

Nos vos damos graças, Senhor do céu e da terra, porque este banquete antecipa a festa do vosso Reino, e, enquanto nos sustenta a nós, pobres e peregrinos, nos torna vigilantes e ativos para a construção na história da justiça e da paz, enchendo o nosso coração de esperança e de alegria.

**NÓS VOS BENDIZEMOS, SENHOR JESUS CRISTO,**  
que quisestes confiar à vossa Igreja o memorial da vossa Páscoa.  
Fazei que toda a nossa existência se submeta humildemente à vossa Palavra de missão:  
*“Fazei isto em memória de Mim”.*

Concedei-nos, todavia, celebrar na vida e na história a memória poderosa da vossa paixão e da vossa ressurreição pelo dom do vosso Espírito, que realiza no tempo a santa promessa.

Fazei que, dóceis a Ele, saibamos sempre deixar-nos transformar, de modo que a vossa ação de graças se torne nossa, o vosso sacrifício seja também o nosso, e que o sim que o Pai disse sobre Vós, ecoe também na nossa vida.

E fazei também que, unidos no Espírito do mistério do vosso Corpo e do vosso Sangue, saibamos viver em comunhão e crescer em comunhão, dando aos nossos atos um fôlego de Igreja segundo a missão que, a cada um de nós, confiastes.

**NOS VOS BENDIZEMOS, SENHOR ESPÍRITO SANTO,**  
que sois desejo no coração da Igreja,  
e escuta da nossa oração!

Nós vos damos graças para que, santificando os dons que vos oferecemos, torneis presente Cristo a nós, e façais de nós o seu Corpo vivo na história.  
Sede Vós o primeiro agente da evangelização do Reino nas obras e nos dias da nossa vida.

Enriquecei-nos com os vossos dons, para que possamos pô-los ao serviço na comunidade dos irmãos para o crescimento de toda a família humana.  
Ajudai-nos a levar a Cruz com amor, até ao dia em que brilhe a aurora da Glória prometida e esperada.

Em vós, por Cristo Senhor nosso, chegaremos ao Pai,  
e o banquete santo deste dia  
será para nós o penhor vivo e saboroso do banquete  
em que comeremos o pão cozido do Reino.  
Amém. Aleluia!

(Bruno Forte)

### ***Sugestões de leitura para aprofundar o tema***

- *Catecismo da Igreja católica*, nn.1322-1419.
- P. Francesco Duci, *Eucaristia instituída e Eucaristia celebrada* (formação ITS 1998).

## ***Encontro XXIV***

### **EUCARISTIA:**

## **A PRESENÇA DO RESSUSCITADO TRANSFIGURA A NOSSA VIDA**

### ***Objetivos do Encontro***

- Procurar resposta a perguntas que frequentemente surgem dentro de nós e à nossa volta: como viver a presença do Ressuscitado, hoje? Como crescer em humanidade? Como crescer na fé, no amor? Como pode a Eucaristia animar e fecundar, sustentar-nos no caminho através dos acontecimentos da vida?
- Entrar, pela contemplação do gesto de Jesus em favor dos seus discípulos, na lógica do serviço, de deixar-se lavar os pés para poder lavar os dos outros.
- “Ler” o lugar que a Eucaristia ocupa na vida da Igreja e da Comunidade cristã, na vida do Padre Dehon.

### ***Sentido do Encontro***

No encontro precedente deixámo-nos conduzir ao interior da instituição da Eucaristia de Jesus na Última Ceia e aprofundámos o sentido da nossa participação na Ceia do Senhor nas nossas Comunidades.

Neste Encontro desejamos deter a nossa atenção sobre a nossa quotidianidade transformada pela presença do Ressuscitado e da Eucaristia.

### ***Desenvolvimento do Encontro***

#### **A. Acolhimento**

Um ícone que representa o lava-pés (por exemplo o de Sieger Koder) está no centro do Encontro e guiará a nossa reflexão. Junto dele podem ser colocadas algumas fotografias de momentos significativos da vida da Comunidade, como a do lava-pés em Quinta-feira santa, o serviço dos irmãos, tanto dos próximos (serviços de acolhimento, em família, no país, por exemplo) como dos mais distantes (experiências de partilha nas missões ...), o respeito pela pessoa e pelo ambiente.

#### **B. Texto bíblico (Jo 13,1-17)**

*Antes da festa da Páscoa, Jesus, sabendo bem que tinha chegado a sua hora da passagem deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo. <sup>2</sup>O diabo já tinha metido no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, a decisão de o entregar. <sup>3</sup>Enquanto celebravam a ceia, Jesus, sabendo perfeitamente que o Pai tudo lhe pusera nas mãos, e que saíra de Deus e para Deus voltava, <sup>4</sup>levantou-se da mesa, tirou o manto, tomou uma toalha e atou-a à cintura. <sup>5</sup>Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que atara à cintura. <sup>6</sup>Chegou, pois, a Simão Pedro. Este disse-lhe: «Senhor, Tu é que me lavas os pés?» <sup>7</sup>Jesus respondeu-lhe: «O que Eu estou a fazer tu não o entendes por agora, mas hás-de compreendê-lo depois.» <sup>8</sup>Disse-lhe Pedro: «Não! Tu nunca me hás-de lavar os pés!» Replicou-lhe Jesus: «Se Eu não te lavar, nada terás a haver comigo.» <sup>9</sup>Disse-lhe, então, Simão Pedro: «Ó Senhor! Não só os pés, mas também as mãos e a cabeça!» <sup>10</sup>Respondeu-lhe*

*Jesus: «Quem tomou banho não precisa de lavar senão os pés, pois está todo limpo. E vós estais limpos, mas não todos.»*

### **C. Textos do Padre Dehon**

*“A divina Eucaristia, por meio da sagrada comunhão, faz-nos entrar no próprio mistério da Incarnação, e estende-o a todos os filhos de Adão que quiserem pôr-se em estado de aproveitar dele. Que há de maior? Que há de mais belo? Que há de mais terno e de mais generoso!... «A minha carne, diz, é verdadeiramente uma comida, e o meu sangue verdadeiramente uma bebida». Comer Deus, dessedentar-se de Deus, incorporar-se em Jesus Cristo, tornar-se uma só coisa com Ele, oh! Que glorioso privilégio! E quanto a incarnação eucarística é um complemento maravilhoso da primeira Incarnação. Todos os autores místicos descrevem muito demoradamente os efeitos maravilhosos da sagrada Comunhão. Faltar-nos-ia o tempo para os analisar, mas nós encontramos tudo e muito mais nesta magnífica síntese: A divina Eucaristia não é outra coisa senão a Incarnação aplicada a cada um de nós.” (CAM 3/25-26).*

*“A meditação dos augustos mistérios da Eucaristia completa a dos mistérios da Incarnação e da Paixão, e confere-lhe uma inteligência mais profunda. Em Belém, em Nazaré, no Gólgota, no céu, no tabernáculo, nós encontramos sempre o mesmo Coração, sempre o mesmo amor...” (CAM 3/5-6).*

Na mesma linha da Incarnação, o Padre Dehon sublinha quanto Jesus na Eucaristia se torna acessível, sempre oferecido para ser “tomado”, assimilado, para se tornar em nós fonte da nossa fidelidade ativa, pronta a testemunhar o Evangelho no concreto de cada dia. Quando Jesus nos dá todo o seu corpo como alimento a tomar e comer, resume aquilo que no amor constante do seu coração quis ser: alimento, uma realidade do nosso quotidiano, o pão de cada dia, algo de absolutamente necessário e assimilável, frágil como nós. A vida divina do Verbo incarnado vem renovar e transformar em nós as energias do amor quotidiano.

*“Jesus entregou-se completamente por mim, por nós” (Gal 2, 20; Ef 5, 2): a sua disponibilidade e a sua compaixão, o seu tempo, as suas fadigas nos nossos caminhos, a sua honra, a lealdade em professar o amor do Pai, que é o seu tesouro mais precioso. Deu “a si mesmo”, a sua vida. “Jesus ama-nos imensamente mais do que podemos amar-nos nós mesmos. Amou-nos até ao extremo (Jo 13, 1). Amou-nos com um amor eterno (Jo 31,3). Amou-nos mais do que à sua honra, ao seu repouso, à sua vida, porque sacrificou tudo para nos testemunhar o seu amor ... Este amor levou-o a tornar-se alimento das nossas almas, para poder unir-se a nós e fazer – por assim dizer – do seu coração e do nosso uma só coisa. “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele (Jo 6, 56). Ó prodígio, ó excesso do amor divino!” (MSC 107-108).*

*“Ele que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo” (Jo 13, 1). Jesus dá-se como alimento e como bebida, antecipando livremente a sua paixão na qual “Tudo estará consumado”: é sempre o mesmo dom total, “é sempre o mesmo Coração” (CAM 3/6) que se oferece para que nós vivamos a nossa quotidianidade, com o mesmo amor, com o mesmo coração, formado na escola do seu Coração e com toda a nossa vida, alimentada pela sua.*

Para o Padre Dehon a Missa é a vida, que deve ser “uma missa permanente” (CAM 3/264).

## C. Reflexão

### Eucaristia e cotidiano

A palavra Eucaristia na nossa linguagem remete para a Missa, para a assembleia dominical. Para a liturgia que celebramos. No Evangelho fala-se da **Ceia de Jesus**, do Encontro com os seus amigos para uma última refeição antes da sua morte: um encontro que é a fonte, a própria instituição do sacramento da Eucaristia. A narrativa da “Ceia do Senhor” – que encontramos nos evangelhos sinópticos - ocupa um espaço reduzido mas é um momento solene, acolhido como o seu testamento. Um clima eucarístico invade toda a vida de Jesus: isto é, um estilo de vida, de comportamento em tudo ... A vida de Jesus é eucarística.

#### 1. A Eucaristia na vida das comunidades cristãs segundo S. Paulo

##### a. A Eucaristia “dá cor” à vida

A Eucaristia, enquanto Ceia com Jesus, une-nos intimamente, quase fisicamente, ao Deus único e vivo em Cristo. “*O cálice de bênção, que abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo?*” (1Cor 10, 16).

E pede adesão plena a Deus em Cristo e unidade entre nós: “*Uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão.*” (v. 17).

Não serve para nada - escreve S. Paulo - ser batizado, ter participado na refeição eucarística, se, por outro lado, nos entregamos a todos os vícios da vida “velha” (vv. 1-13).

A harmonia entre sacramentos (Batismo e Eucaristia) e vida é essencial na comunidade do Ressuscitado para partilhar a sua vitória sobre a morte. Celebrar (“*comer o mesmo pão e beber a mesma bebida espiritual*” (v. 4) é inseparável de uma conduta de vida que seja autenticamente alimentada pelo Senhor, “*a rocha espiritual*”, que nos acompanha no caminho de todos os dias.

##### b. A Eucaristia cria partilha fraterna

S. Paulo descreve nos capítulos 11-15 (1Cor) o comportamento que convém nas assembleias, dos dons e dos carismas ... e *en passant* fala da Eucaristia, a ceia do Senhor, então celebrada no final das refeições tomadas em comunidade. E sublinha como tais refeições, em vez de mostrarem a comunhão fraterna na partilha dos alimentos entre todos, ricos e pobres, revelam divisão contradizendo o sentido da Ceia e o seu significado para a nossa vida.

Da cruz de Jesus, sinal de serviço a todos, “*o seu corpo para nós*” (v. 24) brota o sentido do nosso serviço por amor na partilha fraterna.

“*Todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha*” (v. 26). Anunciais e testemunhais a morte do Senhor na transparência das vossas ações.

##### c. A Eucaristia é centro da fé e da vida comunitária

S. Paulo enfrenta problemas concretos, quotidianos, e sublinha o elo inquebrável entre o culto eucarístico e a vida em comunidade: a partir da comunhão com Jesus na sua Ceia brota o compromisso de cada um em construir e viver a comunidade de vida.

Na primitiva comunidade cristã o lugar reconhecido à Eucaristia é absolutamente central: um tesouro que o Senhor transmite à comunidade e na comunidade (cf. v. 23ss).

## 2. O testemunho de João

### a. *A Eucaristia é serviço, dom de si mesmo na humildade e no concreto da vida*

“Dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também.” (Jo 13,15). Um serviço total: “Na véspera da sua paixão ... o serviço do Mestre e Senhor”.

“O pão de Deus é aquele que desce do Céu e dá a vida ao mundo.” (Jo 6, 33).

“Desde a sua encarnação Jesus se considerava o Pão da vida” (CSJ 251).

### b. *Jesus é Pão de vida que sacia toda a fome*

Uma presença que na Igreja recebemos no banquete eucarístico, para a irradiar na quotidianidade, renovada na adesão crente ao Senhor ...

Em tudo, Jesus é Pão verdadeiro para a nossa vida, como é Água viva, como é Luz, como é Caminho, como é Ressurreição ... como é Coração aberto a todos e em tudo ...

Quando “depois de ter amado os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo” (Jo 13,1), Jesus dá-se como alimento e como bebida, antecipa livremente a sua paixão onde “*tudo consumir*”: é sempre o mesmo dom total, “é sempre o mesmo Coração”.

## 3. A Eucaristia no quotidiano de Jesus

O Padre Dehon privilegia a perspectiva de S. João. Revisitamos toda a vida de Jesus: em tudo Ele é o Pão da vida divina e nos alimenta em todos os aspetos da nossa vida. Acreditar n’Ele e “comê-lo” para “ir a Ele”, para “seguir-lo” são expressões quase equivalentes, absolutamente inseparáveis.

### a. *O pão e o vinho, fruto da terra e do nosso trabalho*

O simbolismo tão rico do pão e do vinho está presente nas nossas culturas mas também na Bíblia. Pão e vinho são expressão daquilo que nos permite subsistir, refazer as nossas forças para crescer, fazer festa. Manifestamos a nossa convivência (assumida como valor e compromisso), a convergência de muitos trabalhos humanos, o contributo e a colaboração de muitos ofícios, a arte de trabalhar, de preparar, de conservar. Mas, ao mesmo tempo, são sinal da nossa insuperável fragilidade e dependência, da nossa ligação vital com a terra donde vivemos, de que precisamos para continuar a viver – sem esquecer a vocação recebida de Deus para “dominar, cultivar e fazê-la dar frutos para nós e para todos ... , na beleza do nosso mundo segundo o Criador” (cf. Gn 1, 29-30 e 2,15).

### b. *Pão e vinho: a nossa vida quotidiana*

Jesus, ao valorizar o pão e o vinho, valoriza o trabalho do homem, celebra a aliança entre a terra e o homem como Deus – Criador e Pai- a quis para nós.

Viu Maria e José trabalhar para permitir à família viver. Também Ele, na maior parte da sua vida, (o Padre Dehon volta com frequência a este “*imenso mistério da vida escondida*”) se cansou a trabalhar, confirmou a dignidade do trabalho, experimentou a complementaridade e a solidariedade na sua pequena aldeia de Nazaré, no seu povo e na complexa situação política do seu tempo. Conheceu o preço das coisas também das mais humildes, da gente simples e pobre; nada é desperdiçado. Jesus reconhece e celebra o amor do Pai e a sua providência, e o trabalho do homem, que se encontram todos os dias.

### c. *“O Verbo fez-se carne ... e tomou pão e vinho ...”*

Ele faz-se carne (Jo 1, 1ss), partilha a nossa condição.



*“Pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano.”* (GS 22, 2) e *“na noite em que era entregue, tomou pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: «Isto é o meu corpo, que é para vós... Depois da ceia, tomou o cálice e disse: «Este cálice é a nova Aliança no meu sangue ...”*” (1Cor 11, 23ss). Jesus quis manifestar aquilo que quis ser com a sua presença no meio de nós. Revela-nos que todo o nosso mundo, terra e trabalho, toda a nossa quotidianidade foi tornada capaz de entrar no Reino de Deus.

Jesus deu-se a Si mesmo por mim, por nós, pelas multidões; deu a sua vida e, para a poder dar, tomou-a de nós e viveu-a na nossa humanidade.

*d. A “deificação da nossa terra”*

O Padre Dehon fala-nos da “transfiguração”, “divinização” ou “deificação” das nossas pessoas, da sociedade, da terra e fala disso em estreita ligação com a Eucaristia.

A Eucaristia alimenta-nos, *“e lança-nos, incessantemente, pelos caminhos do mundo ao serviço do Evangelho.”* (RdV, 82), consagra todas as nossas capacidades e forças renovadas a compromissos de fraternidade, de justiça e de solidariedade. Para usar as próprias palavras do Padre Dehon: trata-se aqui do *“Reino eucarístico de Jesus”* (ESC 2/15.A.VI), que é ao mesmo tempo *“o Reino social do Coração de Jesus”* nas almas, na sociedade civil, na Igreja (ESC 2/15.B).

*e. À luz da Páscoa*

O Ressuscitado partilha a sua vida connosco, corpo partido, sangue derramado, mas para nos reenviar à quotidianidade, vivida à luz e com a força da sua vitória pascal (cf. Lc 24, 31 e 35; Jo 21, 5; Lc 24, 41; At 10, 39ss; At 2, 46; At 16, 34; At 1, 11; Mt 28, 19-20).

*f. “Come com os publicanos e pecadores” (Mt 9, 11)*

A partilha do alimento manifesta o convívio social, comporta e conforta a comunidade na vida, ou seja, a interdependência e o reconhecimento recíproco dos outros na sua necessidade e direito de viver, de alegria e as exigências de estar juntos no quotidiano, o valor da hospitalidade, a reconciliação, a colaboração.

*g. “Bebei todos, é o meu sangue da Aliança, derramado para perdão dos pecados” (Mt 26, 27-28)*

A ceia é o lugar da revelação dos corações, a manifestação da verdade. Jesus dá a sua própria vida aos amigos, também pecadores, como fidelidade e oferta da amizade mais forte do que tudo; a esperança da vitória da fidelidade sobre o medo, sobre a superficialidade e sobre a traição. Assim é para nós, em cada Eucaristia.

*h. “Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco, antes de padecer” (Lc 22, 15)*

Seria proveitoso percorrer o Evangelho para “rebuscar” nas atitudes de Jesus, em tantos outros encontros e palavras, a presença da Eucaristia, como entre linhas em filigrana.

Por exemplo: a disponibilidade para o Encontro, para o perdão, para dar conforto e confiança; as multiplicações do pão, do alimento, no deserto (lugar da fragilidade moral para nós, que se torna lugar do Encontro vital com Deus); a adoração ao Pai “em espírito e verdade”; a oração de Jesus (que nasce da tradição do povo) consagra o acontecimento presente e abre para o futuro que o Pai opera hoje.

O Padre Dehon fica comovido diante deste ardente desejo: “*Jesus tinha fome e sede de ver o dia desta Páscoa: queria a fonte da vida, queria dar início a esta intimidade conosco*”. Toda a quotidianidade de Jesus, também o sofrimento, o fracasso da condenação, da traição, da cruz, tudo encontra sentido na oblação ao Pai que dá a vida. A Eucaristia celebra este dom, com a mesma confiança e a mesma esperança, para nos alimentar e arrastar pelo mesmo caminho: a quotidiana passagem pascal do nosso mundo para o Reino.

#### **4. A Eucaristia na nossa quotidianidade**

##### *a. A Eucaristia anima, vivifica a Igreja, mergulha-a na Páscoa de Jesus.*

Todos os domingos, todos os dias, alimenta-a (“*Tomai, comei, bebei!*”) da nova vida, fruto do serviço de Jesus. Revela-nos que a escolha de Deus em Cristo é escolha em vista da plenitude de vida, hoje e para sempre.

##### *b. A Eucaristia fecunda o nosso quotidiano*

A Eucaristia que nos é dada no pão e no vinho, que são alimento vital para a nossa subsistência, foi querida como *alimento*: deve fecundar o nosso quotidiano. Este quotidiano é o terreno bem concreto de cada dia em todos os seus aspetos: pode manifestar a realidade total da Eucaristia. Quotidiano: a minha vida, na sua continuidade e unidade, na sua beleza, fragilidade e humildade, e no seu mundo.

##### *c. A Eucaristia compenetra o quotidiano, para uma vivificação recíproca.*

O Concílio Vaticano II sublinha com força: “*a Eucaristia, o sacrifício eucarístico é fonte e cume de toda a vida cristã*” (LG 11).

Alimentados pela Eucaristia, no convívio da mesa e da vida, na nossa fragilidade, mas com a nossa fé, somos compenetrados pelo dinamismo da encarnação redentora.

Na Eucaristia – prolongada na adoração – oferecemo-nos ao Espírito de Jesus: faça nascer e intensificar em nós o desejo do Coração do Senhor. Nos faça partilhar com o coração o desejo de Jesus deste Encontro. Façamos nosso este desejo para poder concretizá-lo como Ele em compromissos de vida filial e fraterna, sobretudo na solidariedade com os mais carenciados, no confronto eficaz com a fome do mundo, com a tragédia do pecado ... em comunhão com a expectativa do Pai, na certeza da vitória que deve irradiar no mundo como refulge já no rosto glorioso do Senhor.

#### **5. A “deificação da nossa terra”**

##### *a. A dimensão universal do mistério de Cristo*

“*Tudo é vosso ... mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus*”; o nosso universo, a nossa terra são para Cristo e Cristo é para a nossa terra: realismo e universalismo, dimensão cósmica do mistério de Cristo e dimensão cristológica da criação. A Eucaristia realiza esta fundamental comunhão Cristo-mundo. Uma visão cristã da nossa terra, uma adesão a Cristo que nos remete para a nossa terra, para o nosso quotidiano mais concreto.

A terra, o mundo e nós: tudo é fruto do Deus-Amor. No centro de tudo: Cristo, o Verbo incarnado.

### *b. A Eucaristia, “deificação” da terra*

A Eucaristia, sacramento da Presença real do amor dado para sempre, torna-se em nós fonte sempre renovadora das forças do amor, na nossa fraqueza de pecadores perdoados. Leva-nos – se formos coerentes com o dom que nos alimenta - a continuar hoje, no nosso lugar, segundo a nossa iniciativa, as opções de Jesus na sua encarnação e segundo os vários “mistérios” da sua vida no meio de nós: vida de serviço na disponibilidade, no acolhimento, na bondade e misericórdia, na preferência claramente dada aos pobres, aos pequenos; vida feita dom.

O Reino social do Coração eucarístico de Jesus.

A Eucaristia alimenta todos os dias a nossa resposta de acolhimento, de renovação, de ação de graças e de solidariedade no serviço do Reino.

*“O Evangelho não basta. Sem a Eucaristia o Evangelho não realiza todo o projeto de Deus conosco, o Emanuel. ... Uma sociedade que não se prostra diante da Eucaristia não é uma sociedade viva, porque não aclama o seu Soberano no trono que Ele escolheu para derramar a vida” (ESC 2/15.A.VI).*

## **E. Testemunho**

Há semanas, dois jovens vieram a nossa casa trazer-me muito dinheiro para alimentar pessoas. Em Calcutá preparamos diariamente refeições para 9.000 pessoas. E eles queriam que o dinheiro fosse gasto na alimentação dessas pessoas.

Perguntei-lhes: “Onde encontrastes tanto dinheiro?”. Responderam: “Casámos há dois dias. Antes do casamento decidimos que não usaríamos trajes de casamento, nem faríamos festas. Damos-vos o nosso dinheiro”.

Para um hindu de alto nível social isto é um escândalo. Muitos ficaram espantados ao ver que uma família de tão alta categoria não tivesse usado trajes próprios nem fizesse festas de casamento. Perguntei-lhes: “Porque fizestes isto?”. Deram-me uma estranha resposta: “Amamo-nos tanto que quisemos dar alguma coisa aos outros para iniciarmos a nossa vida de casal com um sacrifício”.

Comoveu-me muito ver como essas pessoas estavam famintas de Deus. Um modo para concretizar o amor um pelo outro foi fazer um grandíssimo sacrifício. Estou certa de que não compreendeis o que isso significa. Mas no nosso país, na Índia, sabemos o que é não usar os trajes de casamento nem fazer as festas próprias. Estes dois jovens tiveram a coragem de se comportarem desse modo. Isto, na verdade, é amor em ação. (*Madre Teresa de Calcutá*)

## **F. Para a partilha de grupo**

- Na minha vida compenetraram-se Eucaristia e vida quotidiana?
- Durante o meu dia penso na Eucaristia? Quando e como?
- A minha vida é iluminada, sustentada pela Eucaristia?
- Há momentos ou aspetos do quotidiano positivos ou preocupantes (a nível pessoal ou de família, de trabalho, de relação), que me remetem para a Eucaristia na sua preparação e celebração, e no seu prolongamento na adoração?
- A minha vida concreta quotidiana é uma “vida eucarística”?

## G. Para a oração

*Uma breve oração recitada por cada um a quem o grupo se une respondendo depois de cada intervenção ou depois de duas ou três:*

**Rit. Pai, dai-nos, hoje, o pão de cada dia...**

Dai-nos hoje, o pão de cada dia...

O pão da esperança,  
para dar esperança.

O pão da alegria,  
que se possa reparti-lo.

O pão da inteligência,  
para ir além do impossível.

O pão do sorriso,  
a comunicar aos outros.

O pão da misericórdia,  
para podermos receber e oferecer perdão.

O pão do sofrimento,  
para partilhar.

O pão da graça,  
para não me apegar ao male.

O pão da fraternidade,  
nos tornarmos uma só coisa com os nossos irmãos.

O pão do tempo,  
para Vos conhecer.

O pão do silêncio,  
para Vos amar.

*(Ernesto Olivero)*

### **Outro texto**

*Para recitar em dois coros:*

Jesus, Tu és o **Pão da Vida!**  
Quem come a Tua **carne** tem a *vida eterna*.

Jesus, Tu és o Pão que *desceu do Céu!*  
Quem Te **recebe** nunca *mais terá fome*.

Jesus, Tu és a **Vida verdadeira!**  
Quem te **comunga** viverá por **Ti**.

Jesus, Tu és a Ressurreição e a Vida!  
Quem acredita em **Ti** viverá para sempre.

Jesus, Tu és o amor!  
Quem Te procura encontra o perdão.

Jesus, Tu és a Verdade:  
Quem Te conhece vive na alegria.

Jesus, Tu és a nossa esperança!  
Quem Te segue não será confundido.

Jesus, Tu és o nosso amigo!  
Partilhas connosco a riqueza do Pai.

Jesus, Tu és a nossa Páscoa!  
Faz-nos sentar contigo à mesa de Deus.  
Jesus, Tu és o Senhor!

**Cântico: Eu sou o Pão da vida**

**Refrão: Eu sou o Pão da vida, o Pão de Deus que desce do Céu;  
Se alguém comer deste Pão, viverá eternamente, viverá eternamente.**

Eu sou o Pão vivo descido do Céu;  
Se alguém comer deste Pão viverá eternamente.

O Pão de Deus é o que desce do Céu.  
para dar a vida ao mundo.

Quem vem a Mim nunca mais terá fome;  
quem crê em Mim nunca mais terá sede.

Os vossos pais comeram o maná no deserto e morreram.  
Se alguém comer deste Pão não morrerá.

O Pão que Eu hei de dar é a minha carne,  
que Eu darei pela vida do mundo.

Assim como o Pai que vive Me enviou/ e Eu vivo pelo Pai,  
também o que Me come viverá por Mim.

### **Sugestões de leitura para aprofundar o tema**

- P. André Perroux, *A Eucaristia: a presença do Ressuscitado transfigura a nossa vida* (formação ITS 1998-1999).



## ***Encontro XXV***

### **O 'SENTIDO DE IGREJA' NO PADRE DEHON**

#### ***Objetivos do Encontro***

- Conhecer a experiência de Igreja que o Padre Dehon fez, o testemunho vivido na sua família, a sua participação na vida da Igreja do seu tempo
- Descobrir e acolher os dons que a Igreja doméstica e a Igreja local oferecem no caminho de fé pessoal
- Levar a interrogar-me sobre a resposta que dou, ou poderei dar, na minha Igreja doméstica, na minha comunidade, na Igreja?

#### ***Sentido do Encontro***

O objetivo deste encontro é compreender como o Padre Dehon viveu a Igreja. Não se contentou de elaborar uma reflexão intelectual; participou na vida da Igreja do seu tempo, cheio de gratidão por estar unido ao seu Senhor na comunhão do seu “Corpo”, e desejando pôr todas as suas energias pessoais ao serviço deste.

Muito recebeu da Igreja e a ela muito deu!

A sua experiência de Igreja pode aprofundar a nossa participação na comunidade cristã de hoje.

#### ***Desenvolvimento do Encontro***

##### **A. Acolhimento**

*Pode iniciar-se o encontro com a sugestão de Pierre Duval sobre a importância das mãos do seu pai e dos lábios da sua mãe, testemunhas numa Igreja doméstica, que abrem ao encontro com o rosto de Deus e à universal.*

*O cantautor francês Pierre Duval conta:*

“Na minha casa, a religião não tinha nada de solene: limitávamo-nos a rezar juntos diariamente as orações da noite.

Ficou-me gravada na memória a posição que **meu pai** tomava. Voltava cansado do trabalho dos campos, com um grande molho de lenha às costas.

Depois da ceia, ajoelhava-se no chão, apoiava os cotovelos numa cadeira e punha a cabeça entre as mãos, sem olhar para nós, sem fazer nenhum movimento e sem mostrar o menor sinal de impaciência.

E eu pensava:

“Meu pai, que é tão forte, que governa a casa, que sabe conduzir os bois, que não se inclina diante do regedor... meu pai diante de Deus torna-se como uma criança. Como muda de aspeto, quando se põe a falar com Deus! Deus deve ser muito grande, para meu pai se ajoelhar diante d’Ele! Mas também deve ser muito bom, para se poder falar com Ele sem ter de mudar de roupa!”

**Minha mãe**, ao contrário, nunca a vi ajoelhar-se. À noite, estava muito cansada para fazê-lo. Sentava-se no meio de nós, com o mais pequeno nos braços. Olhava para nós, mas não nos dizia

nada. Nem sequer balbuciava, se os mais pequenos a incomodavam, nem mesmo quando a tempestade se abatia sobre a casa ou o gato fazia algum prejuízo.

E eu pensava:

“Deus deve ser muito simples, para se poder falar com Ele com uma criança nos braços e o avental vestido. Deve ser também uma pessoa muito importante, se minha mãe, quando Lhe fala, não se preocupa com o gato nem com a tempestade”.

As mãos de meu pai e os lábios de minha mãe ensinaram-nos sobre Deus muito mais que o catecismo”.

## **B. Texto bíblico (Act 2,42-47)**

“Os discípulos de Jesus eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. Perante os inumeráveis prodígios e milagres realizados pelos Apóstolos, toda a gente se enchia de temor. Todos os que haviam abraçado a fé viviam unidos e tinham tudo em comum. Vendiam propriedades e bens e distribuíam o dinheiro por todos, conforme as necessidades de cada um. Todos os dias frequentavam o templo, como se tivessem uma só alma e partiam o pão em suas casas; tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração, louvando a Deus e gozando da simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava todos os dias o número dos que deviam salvar-se”.

## **C. Texto do Padre Dehon**

O amor do Coração de Jesus formou a Igreja, enriqueceu-a com a graça que nos comunica nos sacramentos:

“É assim que Eva sai do lado de Adão durante o seu sono estático ... A Igreja, filha e esposa do Salvador, também sai do seu Coração durante o sono místico da cruz. Foi, de facto, o amor deste divino Coração que ideou o plano desta Igreja, sua Esposa celeste, a quem confiou **o cuidado de continuar a sua missão sobre a terra**. É este divino Coração, este inefável amor, que mereceu para a Igreja todas as graças que lhe são necessárias e que ela nos comunica mediante os divinos sacramentos ... Fazendo sair a Igreja do Seu Coração, ... Nosso Senhor mostra também **o que espera da Igreja**, ou seja, de nós: um verdadeiro e terno afeto, **um afeto de esposa** ... Tenhamos presente que a água e o sangue são figura dos sacramentos da Igreja ... Estes divinos sacramentos são o rio da vida... que sai do Coração do Cordeiro ... Este rio fertiliza as almas e fá-las produzir frutos deliciosos. Estes **divinos sacramentos são como se fossem o próprio Coração de Jesus**, que Se oculta nos sinais sensíveis, para dar-nos o seu amor e a sua misericórdia” (CAM 2/211-213).

Partindo de textos do Padre Dehon, o Pe. André Tessarolo assim exprimiu o seu pensamento:

*“A Igreja é vida, e a vida nunca é uma gaiola que mortifica, ou uma seita fechada no seu egoísmo, mas uma nascente fecunda para a sociedade. A Igreja é vida, e quer viver, bem consciente de que os valores cristãos fazem necessariamente amadurecer um comportamento social consequente e fecundo”.*

## **D. Reflexão**

Na tradição cristã, fala-se muitas vezes de “*sensus ecclesiae*”, SENTIDO DE IGREJA. Não se trata apenas de uma reflexão teológica sobre a Igreja. Trata-se, sobretudo, da vivência, da experiência de Igreja na vida: como cada um de nós, inserido na Igreja mediante o batismo, se vê, se compreende



concretamente, se constrói como pessoa-em-comunhão; como recebe e testemunha a fé e como realiza a sua vocação.

## 1. “Igreja doméstica”

O Padre Dehon fez experiência da Igreja sobretudo como “Igreja que vive na casa”. É a “Igreja doméstica” que é oferecida, recebida e vivida na **comunidade da família**, na continuidade das gerações, das tradições, da cultura. Uma pequena comunidade inserida num lugar e numa paróquia.

Em muitos dos seus escritos, o Padre Dehon recorda com gratidão a família. Em primeiro lugar, a **mãe**, que “*indiretamente preparou a minha vocação, conseguindo a minha salvação*” (NHV, 14/167). “*A bela alma de minha mãe passou um pouco para a minha ...*” (NHV, 1/12). Depois, o **pai**, um homem pouco praticante, mas rico de valores humanos: honestidade e fidelidade, amor à vida, laboriosidade, atenção ao seu tempo, empenho civil ... “*Agradeço-Vos, meu Deus, por mo terdes dado ... Lembrá-lo me é doce, ajuda-me, conforta-me*” (NHV, 1/9). O Padre Dehon admite ter aprendido a rezar com a mãe, com as tias, com o ambiente familiar. Mal, em criança, aprendeu a falar, já rezava, acompanhando a oração que os lábios da mãe articulavam. Assim, diz ter recebido o sentido e o gosto da liturgia na sua casa. Também em família foi iniciado à solidariedade com os pobres.

“*Devo tudo à minha mãe: a fé, a piedade, a educação cristã ...*” (NQT, 13/145 – julho de 1899). “*Agradeço a Nosso Senhor por ter abençoado a minha família. Meu pai foi, no fim da sua vida, um verdadeiro modelo de fé; meu irmão continua praticante; as minhas sobrinhas encontraram maridos cristãos. Quanto a minha mãe, foi, durante toda a vida, uma autêntica discípula do Coração de Jesus*” (NQT, 5/37 – 6.7.1890).

## 2. Igreja: espaço de comunhão

É uma Igreja ligada, desde o início, à vida humana, mergulhada no ambiente afetuoso e exigente, educativo da família. Uma Igreja que caminha ao passo da vida; que pode ser criticada, e mesmo esquecida, mas nunca seriamente posta em causa. Família-Igreja-ambiente próximo: nesta comunidade aprende-se a amadurecer como pessoa e como cristão.

Aqui, o “sentido de Igreja” é uma espécie de instinto; é um **ambiente vital**, onde se podem encontrar alegrias e sofrimentos, tensões e desilusões, mas que é inimaginável poder viver fora dela. Daí que, ao longo de toda a sua vida, o Padre Dehon “sinta” a Igreja.

Da mesma maneira que a vida, esta Igreja apresenta-se como uma realidade muito misteriosa: ninguém pode compreendê-la em profundidade e defini-la. Ela precede-nos, leva-nos, estamos embebidos dela, envolve-nos. Daí derivam gratidão, empenho, humildade e abertura, desejo de aprender a conhecer a Igreja na sua história e no presente.

“Sentimos” a Igreja no concreto de muitas **relações** como dom recebido, servido e transmitido. Experimentamo-la como **um espaço de comunhão**, em que cada um tem o seu “lugar”, onde descobre e vive a sua vocação. Existe um espírito de Igreja do mesmo modo que existe um espírito de família, nem sempre consciente ..., mas importante.

A Igreja está presente no crescimento da pessoa: partilha o seu caminho, os seus vários passos e, mesmo, fragilidades. Não está simplesmente “sobre” ou “ao lado” da vida quotidiana: está dentro do nosso quotidiano, indicando e tornando presente uma dimensão de alteridade, um suplemento de sentido, algo de essencial que nos transcende.

### 3. Igreja universal

Leão Dehon, ainda jovem, aprende a conhecer mais profundamente esta Igreja que está ligada ao seu amadurecer. Em especial, colhe o carácter **popular** da Igreja francesa com as suas tradições, a sua história longa e complexa, os seus santos e santas, as suas práticas religiosas, basílicas e santuários, peregrinações, manifestações ... Lembra-se de quando estudante, em Paris, frequentava a paróquia de São Sulpício: “*É uma atmosfera de graça e oração que ali reina; é a santidade da capela do Santíssimo, a piedade daquela missa matutina, em que participam muitas pessoas simples e recolhidas*” (NHV, 1/68). Considera uma verdadeira graça participar na vida da Igreja: “*Sentia-me feliz de pertencer ao grande povo cristão. Dali brota, aliás, uma espécie de frêmito de fé e de amor à Igreja, que se transmite às almas*” (NHV, 1/69).

Na sua juventude viaja, e estuda num seminário em Roma. Pode assim fazer uma experiência muito rica de Igreja, tocar com mão na sua **diversidade e complexidade** de países e culturas. Sente-se fascinado pela Igreja de Roma, a Igreja de São Pedro e São Paulo, dos mártires, dos papas e de tantos santos. Também a Igreja italiana o atrai: “*Em Milão, revi a catedral e Santo Ambrósio como se reveem antigos amigos para passar uns momentos agradáveis. Como é bom sentir-se aqui unidos à alma de Santo Ambrósio, de Santo Agostinho, de São Carlos Borromeu! ...*” (NQT, 12/44 – 8.5.1897.).

### 4. Adesão ao Papa

Com a sua sensibilidade cristã, o Padre Dehon sente a Igreja universal reunida na comunhão à volta do Papa. Apaixona-se pela história da Igreja, “*a grande epopeia cristã*” (NQT 4/272), desde a Terra Santa ao mundo da sua catolicidade. Com orgulho e convicção realça a obra civilizadora das sociedades, que o Evangelho pôde realizar ao longo dos séculos.

Participa como estenógrafo no Concílio Vaticano I. Com o entusiasmo de um jovem (tem 26 anos!), saúda o início da primeira sessão (8 de dezembro de 1869): “*Que lindo dia! Que espetáculo comovente! À volta do Vigário de Jesus Cristo ... todos os sucessores dos Apóstolos, todos os pastores das dioceses se reuniram para testemunhar a doutrina do Evangelho. É Pedro vivo ... e à sua volta ... a Igreja inteira, que se prepara para ouvir o Espírito Santo e proclamar os seus ensinamentos. Que testemunho da unidade da Igreja e dos laços de caridade e de obediência que fortalecem e perpetuam esta unidade!*” (NHV, 7/1 e 4).

Na sua viagem à volta do mundo, encontra a jovem e fervorosa Igreja do Canadá e dos Estados Unidos, mas também a corajosa, e por vezes modesta, Igreja do Extremo Oriente, presente como fermento no meio de tantas culturas e diversas situações políticas e económicas.

Mais tarde, quando pensa na sua Congregação, pensa-a ao serviço da Igreja Universal!

A “**catolicidade**” é parte integrante do mistério da Igreja, pois Cristo quer ser o Salvador de todos. E isso faz da Igreja uma comunidade missionária. O Padre Dehon exprime este serviço à universalidade da Igreja através do empenho em favor do Reino de Cristo, reino que deve abarcar toda a realidade humana: “*almas e sociedades*”, culturas, raças, situações, populações, em especial as mais pobres e indefesas.

### 5. Igreja: dom e função

A Igreja, na experiência do Padre Dehon, e também nossa, é uma realidade cheia de contrastes: por um lado, **vem de Deus Trindade**; é anterior a nós. Nesta comunidade que nos precede e gera somos introduzidos, da mesma forma que somos introduzidos na vida. Por outro lado, a Igreja é **feita do contributo humano** dos seus membros; é uma comunidade que deve ser construída com o

empenho pessoal livre e generoso. É uma Igreja marcada pela fragilidade, pelas culpas e erros humanos; uma Igreja que deve ser edificada, servida e feita crescer.

O Padre Dehon, homem prático, dá-nos um testemunho claro desse empenho e da consciência das próprias pobrezaas.

Desde o início da adolescência, o Padre Dehon sente um vivo desejo de servir a Igreja, na vocação ao **ministério presbiteral**.

Mais tarde, esse desejo é completado na procura de uma união profunda com Cristo e na vocação à vida **religiosa**. Tal desejo motiva-o nos momentos decisivos e torna-se o ponto unificador da sua pessoa e ação.

Com todas as suas forças, quer servir “*o reino do Sagrado Coração nas almas e nas sociedades*”.

Depois de ter recebido esta vida cristã na Igreja e através dela, o Padre Dehon quer levá-la a outros e educá-los nela. De muitíssimas formas dedica-se ao ministério da educação e da formação humana e cristã. É um aspeto característico da sua experiência de Igreja.

Educação dos jovens como apoio e continuação da recebida na família.

Educação dos adultos, dos pais, dos homens e mulheres, dos patrões e operários, dos sacerdotes ... Promoção da maturidade nas pessoas segundo a própria vocação pessoal.

É uma **paixão educativa**, a sua, que sabe expressar-se em modalidades diversificadas: livros, revistas, congressos, conferências, iniciativas, relações pessoais ...

## **6. Igreja: família de Jesus**

Não se poder negar que o Padre Dehon pertença a uma Igreja “clerical”. Ele, porém, sente-se chamado *a ir ao povo*, a superar o que separa a Igreja das pessoas do seu tempo.

Para que esta Igreja volte a ter garra, empenha-se na formação de pessoas maduras, competentes e motivadas, capazes de levar o Evangelho a todos os ambientes da sociedade.

Fala assim a quem está empenhado no testemunho cristão: “*Antes de mais, padre ou pio leigo que seiais, deveis ter um pensamento sólido ..., pois sois, no que vos toca, o sal da sociedade e a luz da vida social ... Não vos deixeis retrair pelos tímidos ... O erro oculta-se nas palavras prudência, reserva, moderação, impossibilidade ... Ide aos vivos, aos homens, ao povo ... Não percais de vista os modelos, Cristo e os Apóstolos*” (MSO, 393-395).

O Padre Dehon também não esquece que a Igreja é, antes de mais, a Família de Jesus, reunida pelo amor do seu Senhor, fundada sobre a comunhão com Ele. “*Os amigos do Sagrado Coração devem trabalhar pelo seu Reino ... Devem fazer tudo para que a Realeza de Jesus Cristo finalmente consiga triunfar na terra ... mediante o seu amor ... O primeiro meio é ... o nosso amor de compaixão. O segundo é a oração quotidiana pelo clero ... Cada um, na nossa missão, responde plenamente à nossa vocação*” (CAM 2/71-72).

Na sua consciência de Igreja, o Padre Dehon apercebe-se fortemente do contraste entre a vulnerabilidade da Igreja e o seu ser mistério indefetível. Por um lado, sofre com as divisões entre os crentes, com o pecado de países cristãos, com a apatia e indiferença do clero, com o abandono em que o povo vive ... Por outro lado, torna-se cada dia mais consciente da vida que vem de Deus Pai, do dom de Cristo, da força de comunhão do Espírito. Está atento à dimensão “mística” da experiência cristã e da Igreja. Celebra o amor do Pai, a sua vitória na Páscoa de Jesus, a presença do Ressuscitado no seu “Corpo”, que é a Igreja.

Dá especial atenção também à “**comunhão dos santos**”, a esse laço que mantém unidos homens e mulheres de todas as condições e de todos os tempos na salvação de Jesus. A sua oração nutre-se dessa comunhão: “*Deus concebeu a Igreja como uma família. Foi junta que a grande família saiu do seu Coração e junta deve voltar a Ele. A comunhão dos santos é o fluxo e refluxo dos bens divinos na cidade de Deus, isto é, entre Deus e nós, entre a terra e o céu ...*” (NQT 39/32-33 – outubro de 1915).

## **E. Testemunho**

*Vimos o testemunho do Padre Dehon; seria bom ver também algum testemunho entusiasmante da Igreja local.*

*Reproduzimos o testemunho do Cardeal Carlos Maria Martini (1927-2012), Arcebispo de Milão (1980-20002), que assim se exprimiu em 1981, após um ano de episcopado.*

### **Vejo assim a Igreja de amanhã.**

Pergunto-me a mim mesmo, e várias vezes me perguntaram, como vejo e desejo a Igreja de amanhã.

Que imagem de Igreja o Espírito me põe no coração?

Posso tentar delinear ao menos algumas suas características:

1. É uma Igreja totalmente submetida à Palavra de Deus, alimentada e libertada por essa Palavra.
2. Uma Igreja que põe a Eucaristia no centro da sua vida, que contempla o seu Senhor, que faz tudo ‘em Sua memória’ e modelando-se com a Sua capacidade de doar.
3. Uma Igreja que não tenha medo de usar estruturas e meios humanos, mas se sirva deles sem se deixar escravizar por eles. Uma Igreja que deseja falar ao mundo de hoje, à cultura, às diversas civilizações, com a palavra simples do Evangelho.
4. Uma Igreja que fala mais com os factos do que com as palavras; que só diz palavras que partam dos factos e se apoiem neles. O povo está muito cansado de palavras! Daí que uma certa moderação no falar daria à palavra maior dignidade e eficácia. Dizia-se do Messias: ‘não gritará nem levantará a voz, não se fará ouvir nas praças’ (Is 42,2). A verdade tem uma força que não depende do tom da voz, mas da consonância entre palavra e factos.
5. Uma Igreja atenta aos sinais da presença do Espírito no nosso tempo, onde quer que se manifestem.
6. Uma Igreja consciente do caminho árduo e difícil de tantas pessoas de hoje, dos sofrimentos quase insuportáveis de grande parte da humanidade; que participe sinceramente nas penas de todos e deseje consolar.
7. Uma Igreja que leva a palavra libertadora e encorajadora do Evangelho aos que carregam fardos pesados, lembrada da palavra de Jesus: ‘Ai de vós também, doutores da Lei, porque carregais os homens com fardos insuportáveis, e nem sequer com um dedo tocais nesses fardos!’ (Lc 11,46)
8. Uma Igreja capaz de descobrir os novos pobres, e não se preocupe muito de errar no esforço de ajudar com criatividade.
9. Uma Igreja que não privilegia nenhuma categoria, nem antiga, nem nova; que acolhe da mesma maneira jovens e idosos; que educa e forma todos os seus filhos para a fé e a caridade, e procura valorizar os diversos carismas, serviços e ministérios na unidade da comunhão.
10. Uma Igreja humilde de coração, unida e compacta na sua disciplina, onde só Deus tem o primado.

11. Uma Igreja que faz um discernimento paciente, avaliando com objetividade e realismo a sua relação com o mundo, com a sociedade atual; que leva à participação ativa e à presença responsável, no respeito e deferência para com as instituições, mas que recorda bem a palavra de Pedro: ‘Deve-se obedecer antes a Deus que aos homens’ (At 4,19).
12. Uma Igreja que ... e o discurso alarga-se sem fim. É o discurso da construção de uma Igreja solidamente fundada sobre a tradição e aberta ao Espírito de Deus, dócil ao Magistério e atenta aos sinais dos tempos.

## **F. Para a partilha de grupo**

O Padre Dehon vive a Igreja:

- na gratidão para com Deus Pai, para com Cristo, para com as pessoas, que, desde o início, foram os seus colaboradores,
- na experiência de uma compenetração entre humanidade e fé,
- na alegria, orgulhoso de pertencer à Igreja e de contribuir para o seu crescimento,
- na consciência da Igreja una e múltipla, radicada e universal, sólida e frágil, dom do Alto e chamamento responsável.

*A maneira como o Padre Dehon viveu a Igreja do seu tempo remete-nos para a **nossa experiência de Igreja**. Põe-nos interrogações interessantes:*

- *Sinto a Igreja inserida no tecido da minha humanidade e nos passos do meu amadurecimento?*
- *Como vivo hoje a minha pertença à Igreja num ambiente secularizado?*
- *Que significa, para mim, viver o “sentido de Igreja”?*
- *Que atenções e escolhas poderão ajudar-me a tornar visível o meu “ser Igreja de Jesus Cristo”?*

## **G. Para a oração**

*É recitada como profissão de fé de forma individual e alternadamente (números e linhas) e, depois, por todos, como oração.*

### **1. Creio em Deus Criador e Pai de todos os homens,**

fonte de toda a paternidade e maternidade,  
rico de misericórdia e de ternura para cada um dos seus filhos.

### **2. Creio em Jesus Cristo, irmão de todos os homens,**

que partilhou, na família de Nazaré, as alegrias, os sofrimentos de todas as famílias.  
Creio no seu amor que se inclina sobre os nossos sofrimentos,  
que acolhe os pecadores e muda o coração do homem.

### **3. Creio que Jesus Cristo é o Senhor**

porque o seu amor foi fiel até à morte, maravilhoso na ressurreição.  
Ele nos une como família à volta da mesa preparada para nos dar  
como pão o seu corpo, como exemplo o seu serviço,  
como estilo de vida o acolhimento, a hospitalidade e a comunhão.

### **4. Creio no Espírito Santo**

que conduz a família humana à unidade e à paz,  
que fala ao coração de cada criatura para suscitar respostas de fé e de amor.

### **5. Creio que a Trindade é a família de Deus.**

Creio que, no seu respiro de amor, toda a família vive e espera.  
Para o seu divino abraço, qual horizonte de imenso bem,  
todas as pessoas e todas as famílias se encaminham.

### **6. Creio que a Igreja é a família dos discípulos de Jesus**

e agradeço ao Senhor ter encontrado nela a luz do Evangelho  
e a graça dos sacramentos.

Nesta Igreja quero viver e participar,  
para que ela se possa apresentar um dia ao seu Senhor  
como esposa bela, santa e imaculada.

### **T. Obrigado, Pai, porque viestes ao nosso encontro através de uma comunidade de crentes.**

- Iniciastes em nós a fé com o anúncio da Boa Nova.
- Foi-nos revelada a morte e ressurreição do Senhor.
- Acreditámos no amor, no vosso, que supera todo o limite.
- Dele nos alimentamos como do pão quotidiano.
- Abristes os nossos olhos com a luz do vosso Cristo.
- Encontramo-Vos e Vos descobrimos nos factos, nos homens, nas coisas.

T. Fazei com que, depois, Vos possamos conhecer intimamente  
para além do tempo dos dias,  
quando a fé e a esperança desaparecerem para dar lugar ao amor.  
Juntamente com Maria, os anjos e os santos,  
saciar-nos-emos da vossa presença,  
de que, já agora, nos apercebemos nos sinais e nos símbolos com a nossa fraca vista.  
Dar-nos-eis o vosso abraço de Pai  
e ver-Vos-emos face a face. Amém.

***Refrão. Igreja de Deus, povo em festa, aleluia, aleluia!***

*Igreja de Deus, povo em festa,  
canta de alegria; o Senhor está contigo!*

*1. Deus escolheu-te, Deus chama-te,  
no seu amor quer-te consigo:  
espalha no mundo o seu Evangelho,  
semente de paz e de bondade.*

*2. Deus guia-te como um pai:  
tu encontras a vida com Ele.  
Dá-Lhe graças, sê fiel,  
até o seu Reino se te abrir.*

### **Sugestões de leitura para aprofundar o tema**

- André Perroux, *O sentido de Igreja no Padre Dehon* (formação ITS 2004).
- Papa Francisco e as linhas-guias da Igreja do futuro, “*Orientação do percurso da Igreja hodierna*”, homilia de encerramento do Congresso eclesial de Florença, novembro de 2015.

## ***Encontro XXVI***

### **COMUNHÃO DE VOCAÇÕES NA IGREJA**

#### ***Objetivos do Encontro***

- Acolher a pluralidade dos carismas, das vocações, das presenças como sinfonia, em que todos contribuem para dar um rosto rico e harmonioso à Igreja.
- Compreender que estamos ligados pela interdependência, que valoriza toda a vocação e a enriquece com a experiência da outra.
- Sentir-se homens/mulheres de comunhão na Igreja, que é um corpo vivo.

#### ***Sentido do Encontro***

Neste encontro, queremos refletir sobre laços, sobre a interdependência, sobre a comunhão que é possível na Igreja, reconhecendo o dom da presença própria e do outro.

Deixamo-nos interpelar pelo dom e empenho de fazer dos diversos ‘um só coração e uma só alma’, contribuindo para acolher e edificar ‘o Corpo de Cristo’.

#### ***Desenvolvimento do Encontro***

#### **A. Acolhimento**

Um puzzle do rosto ou do corpo de Cristo: a cada membro do grupo é dada, à chegada, uma peça do puzzle.

No momento da partilha, ou noutra que o animador achar oportuno, cada um coloca a peça recebida – rito da comunhão das várias peças –, compondo o todo.

Outro possível início do encontro: entregar os dois textos ‘Se uma nota dissesse’ e ‘Nenhum homem é uma ilha’ (cf. ‘Outros textos’ 1 e 2,) que podem estimular uma breve ressonância inicial.

#### **B. Texto bíblico (1Cor 12,12ss)**

“Assim como o corpo é um só e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, apesar de numerosos, constituem um só corpo, assim sucede também em Cristo. Na verdade todos nós – judeus e gregos, escravos e homens livres – fomos batizados num só Espírito para constituirmos um só corpo e a todos nos foi dado a beber de um só Espírito. De facto, o corpo não é constituído por um só membro, mas por muitos. Se o pé dissesse: “Uma vez que não sou mão, não pertença do corpo”, nem por isso deixaria de fazer parte do corpo. E se a orelha dissesse: “Uma vez que não sou olho, não pertença ao corpo”, nem por isso deixaria de fazer parte do corpo. Se o corpo inteiro fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo ele fosse ouvido, onde estaria o olfato? Mas Deus dispôs no corpo cada um dos membros, segundo a sua vontade. Se todo ele fosse um só membro, que seria do corpo? Há, portanto muitos membros, mas um só corpo. O olho não pode dizer à mão: “Não preciso de ti”, nem a cabeça dizer aos pés: “Não preciso de vós”. Pelo contrário, os membros do corpo que parecem mais fracos são os mais necessários [...]. Deus organizou o corpo dispensando maior consideração ao que dela precisa, para que não haja divisão no corpo e os membros tenham a mesma solicitude uns com os outros [...]. **Vós sois corpo de Cristo e seus membros, cada um por sua parte**”.

## C. Texto do Padre Dehon

*“A Igreja é a esposa do Espírito Santo. O Espírito Santo, autor da vida do Salvador no seio de Maria, é também o autor da sua vida mística na Igreja. A Igreja estava em Cristo. Dilatou-se quando Cristo escolheu os seus Apóstolos, e estes tornaram-se ministros da Igreja, quando receberam o Espírito Santo.*

*Foi por obra do Espírito que os Apóstolos converteram os povos à fé, e ninguém pôde entrar na Igreja senão através da regeneração na água e no Espírito Santo. Quando os bispos sucederam aos Apóstolos, foram estabelecidos pelo Espírito Santo para governar a Igreja de Deus ...*

*Escutemos Santo Agostinho. “No corpo humano – diz ele – a alma dá vida a todos os membros: ela vê através dos olhos, ouve através dos ouvidos, fala com a boca; numa palavra, dá vida a todos os membros. As funções são diferentes, mas a vida é uma, e assim na Igreja. O Espírito Santo anima todos os membros; a uns dá o conhecimento da verdade, a outros o dom de fazer milagres, a alguns a pureza virginal, a outros o pudor conjugal; Ele é a vida da Igreja como a alma é a vida do corpo” (ASC 9/239-241 e 243).*

*“A Igreja é, ao mesmo tempo, esposa e corpo místico de Jesus Cristo. As almas dedicadas ao amor do Coração de Jesus são como o coração da esposa, o órgão da Igreja para amar e consolar Jesus. As almas reparadoras são como o coração do corpo místico de Jesus Cristo, o órgão da Igreja para se imolar para glória de Deus e salvação das almas. As ordens ativas são as mãos da esposa mística de Jesus Cristo. As missionárias são os seus pés: ‘Como são belos – sobre as montes – os pés do mensageiro que anuncia a paz’ [Is 52,7; Rm 11,15]. As ordens dedicadas à pregação são a sua boca. As ordens dedicadas à ciência são a sua cabeça. As que se dedicam ao amor são como o seu coração. É a ‘parte’ de Maria, de São João, de Madalena ... é uma boa ‘parte’” (VPR, IV. 32. II).*

## D. Reflexão

### 1. Ninguém é uma ilha

Não existe *Igreja* se não houver várias pessoas reunidas pelo amor de Jesus Cristo; cada pessoa tem a sua identidade, mas está profundamente ligada, em comunhão com os outros.

Não há *sinfonia* (consonância, acorde), se não houver várias vozes, várias melodias que convergem num único plano melódico; a sinfonia resulta de diversas vozes, que uma única partitura harmónica põe de acordo.

Não há *vocações*, se não houver pessoas com funções e empenhos diferentes, embora operativamente ‘compresentes’ na mesma comunidade.

*‘Copresença’ necessária*

Toda a pessoa, para poder ser ela mesma, precisa dos outros, ou seja, de ‘outras’ pessoas que estejam perto dela, pessoas diferentes dela, mas de qualquer forma ligadas a ela.

É como dizer:

*Tu deves existir, deves ser tu mesmo, com a tua identidade e características ... Tu deves existir porque és necessário para o mundo, para o projeto de Deus na história de hoje ... Os outros precisam de ti ... Eu preciso de ti!*



### **Para ser eu mesmo, preciso dos outros.**

Antes de mais, o acolhimento dos outros na minha vida. Não só dependo dos outros para que a minha vida comece, mas também para crescer na minha identidade. Os outros são um espelho e auxílio necessários.

A dependência dos outros já está no começo da vida e, de uma forma diferente, acompanha o crescimento da pessoa até à sua maturidade e perseverança nesta. É uma verdadeira dinâmica na família, na sociedade, na Igreja, e é verdadeira também na ‘vocação cristã’. Nenhuma forma de vocação cristã amadurece sem o confronto e a colaboração das outras vocações. Uma ‘voz da sinfonia’ só se reconhece como tal e só se exprime de modo específico numa expressão contemporânea com as outras vozes.

### **Para me tornar eu mesmo, preciso de me dar aos outros.**

‘Viver a vida’ é tornar-se disponível, entrar em relação, assumir a própria parte. Portanto, tornar-se consciente de que ‘se não entrar no jogo’, se não me dou, se não aceito o jogo de equipa que a vida constrói e pede, nunca serei eu mesmo, nunca viverei o amor verdadeiro, não poderei realizar-me.

A vocação é tornar-se disponível ao projeto de Deus para os outros, segundo modalidades concretas e definidas. Desta disponibilidade/dedicação recíproca deriva a comunhão de vocações.

Existe uma necessidade recíproca. Cada um tem necessidade dos outros, pois ninguém pode viver sozinho, ninguém pode sozinho *tornar-se no que se deve tornar*.

Nem Deus quer viver só; quis precisar dos homens; passou a precisar de nós.

Há uma interdependência recíproca. Só se esta **interdependência** se realizar, é que se poderá desenvolver um mundo harmónico, a sociedade do amor, uma Igreja harmónica (= comunhão de vocações).

Menos se realizar esta interdependência, e mais se desenvolverá o estilo do egoísmo, da hegemonia, da exploração de uns pelos outros. Trata-se de viver uma relação ativa de uns com os outros.

## **2. A Igreja é um Corpo vivo**

O apóstolo Paulo, para falar da Igreja usa a imagem do corpo: o corpo vivo de Cristo vivo (1 Cor 12). Jesus é a cabeça, ou seja, a fonte de toda a vitalidade; os cristãos são os membros.

Esta imagem revela-nos que os diversos dons estão relacionados entre si. Quem vive, cresce e atua é o Cristo total, o organismo. Os papéis, as funções são complementares. Cada um dá e cada um recebe.

Se vier a faltar um dom, todo o organismo se ressentir.

São muitos os instrumentos, mas a sinfonia é uma só.

A consciência da interdependência gera a necessidade/vontade de viver uma ‘vida de relação’ no duplo movimento de dar - receber, dar-se - acolher.

Pelo facto de ser Igreja, o cristão compreende-se como pessoa de comunhão. No corpo místico de Cristo vige “um espírito de corpo”, pelo qual cada um é para todos e todos para cada um. O cristão é pessoa que vive a solidariedade com os outros e a responsabilidade pelos outros, o que não impede ter uma vigorosa individualidade pessoal, precisamente como acontece no mundo do amor. A minha salvação realiza-se no âmbito vital da comunidade, o que a torna imensamente mais segura.

Mais me torno consciente de ser “parte de um todo”, e mais vivo uma relação afetiva e efetiva. “Um só corpo” formado pela pluralidade dos crentes: “*todos nós ... fomos batizados num só Espírito para constituirmos um só corpo*” (1Cor 12,13).

“*Vós sois corpo de Cristo e seus membros, cada um por sua parte*” (1Cor 12,27): este é o grande anúncio e a grande realidade, que está na base da nossa vida cristã. O batismo enxertou-nos em Cristo como seus membros; é n’Ele que agora estamos, existimos e nos movemos (cf. Atos 17,28). O Padre Dehon exclama: “*Cada um de nós é uma fibra do Coração de Jesus*” (CAM 1/163).

Cada qual tem necessidade de “*estar em comunhão consigo mesmo, com os outros e até com as coisas e a criação. Essa necessidade exprime-se o mais das vezes como vontade de poder e apropriação, arriscando ficar ferido quando não consegue construir laços autênticos e devendo contentar-se dos virtuais, das trocas impessoais limitadas ou dos ‘contratos a prazo’ de amizade e de amor. Nenhuma pessoa equilibrada conseguirá ficar assim muito tempo, se as relações à sua volta se deteriorarem, se for traída, humilhada ou abandonada*” (GIAMPIETRO ZEVIANI, *A pessoa coração da pastoral*, em *Revista do clero italiano*, 2009/5, pp. 336ss).

### **3. A Igreja é como uma esposa**

“*Quem viu dá testemunho, e o seu testemunho é verdadeiro, e ele sabe que diz a verdade*” (Jo 19,35). O evangelista sublinha três vezes um acontecimento, fazendo em propósito uma espécie de juramento. A que se refere ele?

Viu nascer a Igreja do lado de Cristo.

A comunidade é como uma esposa que sai do coração do homem verdadeiro, que é Jesus (cf. Jo 19,34; Gn 2,21-22). Na Sua Páscoa encontra ela a própria origem, o sentido, a finalidade.

A Igreja como tal é a esposa (cf. Ef 5,23-32).

Qualquer situação de vida (matrimônio, celibato, estado de viuvez) põe em realce um aspeto da relação nupcial entre Cristo e a Igreja.

Temos aqui uma primeira imagem que nos faz ver a harmonia entre os tantos dons (cf. 1Cor 7): **todo o carisma fala de relação com Cristo-esposo.**

Para os que creem em Jesus a cruz é fonte de doação radical. Não há uns mais cristãos que outros. É-se mais próximo ou mais distante na medida em que se dá a própria vida pelo Pai e pelas pessoas.

O amor está na raiz de toda a opção: por amor se casa, mas pelo mesmo motivo se decide tornar-se padre, freira, monge. O amor é também a finalidade de todo o dom.

O ideal, o modelo é só o que é vivido em plenitude pelo próprio Cristo.

Ninguém pode considerar exaustivo o seu carisma; ninguém pode propô-lo como norma para todos. Em cada um se manifesta o mesmo e idêntico Espírito, que incessantemente cria e nunca repete os seus modelos.

#### *Chamados ao amor segundo uma vocação específica*

O núcleo essencial da natureza humana deve ser procurado no amor.

Toda a vocação enxerta em nós a dinâmica presente na Trindade, ou seja, uma dinâmica de relação: “*Assim como o Pai Me amou, também Eu vos amei. Permanecei no meu amor .... Eu neles e Tu em Mim, para que sejam consumados na unidade e o mundo reconheça que Tu Me enviaste e que os amaste como a Mim*” (Jo 15,9; 17,23).

Pai - Filho - Espírito estão incessantemente empenhados e caracterizados por um dom recíproco total: cada um deles se despoja de si mesmo para se dar ao outro; daí vem a unidade total no amor e a sua fecundidade total.

Em Cristo, todos nós somos pessoa viva. N'Ele, casados ou celibatários, religiosos ou leigos, tornamo-nos corpo dado para a vida do mundo. Nenhum cristão vive em razão de si próprio.

Existe um equilíbrio entre as várias partes. O essencial é o bem-estar, o pleno desenvolvimento do organismo vivo.

Cada um é estimulado pelos outros a descobrir um aspeto de Cristo e cada um oferece algo de evangélico. Único é Cristo ressuscitado; todos são as suas testemunhas.

O seu rosto é como que pintado ao vivo (cf. Gl 3,1) nas Escrituras: os casados ou os celibatários, cada um no modo que lhe é próprio, descreve uma das dimensões do Senhor Jesus sem nunca “esgotá-la”.

Cada um cresce também na medida em que se deixa “redimensionar” pelo carisma dos outros.

#### **4. A vitalidade da Igreja: incessante permuta de dons.**

##### *a. Jesus: um amor universal e específico*

Optando pelo celibato, alguns de entre os cristãos são testemunhas para o mundo de que Jesus é muito mais que um mestre ou que um grande homem: é o Senhor. “*Por causa do seu nome deixam-se casas, campos, esposas e filhos (Lc 18,29; Mt 19,29). Assim se mostra como Cristo não tenha tido nenhuma família, nenhuma namorada ou esposa, a não ser a Igreja*” (K. Barth).

Jesus permaneceu celibatário não por ter visto no matrimónio algo de negativo, mas porque viu na virgindade as premissas de uma assiduidade total com o Pai e de uma identificação prática entre a sua vida e a causa do Reino. Há quem sublinhe fortemente este aspeto do Senhor Jesus, fazendo assim antever o dia em que não mais se casará (cf. Mt 22,30). Desaparecerá a sexualidade nos seus aspetos de limitação; deixar-se-á de valorizar a procriação. Deus transfigurará os nossos corpos: amaremos como Ele e n'Ele.

Os celibatários são portanto um estímulo para namorados, esposos, pais e filhos a superar sempre o estreito horizonte do seu cônjuge, dos seus caros, e abrir-se assim ao universalismo típico do Coração do Pai, do Coração de Jesus.

Os religiosos, com a força da sua vida comunitária, mostram a verdadeira família ideada por Cristo, aquela onde se entra e se cresce porque cada qual procura a vontade de Deus (cf. Mc 3,34-35). Os laços de sangue e de parentela são redimensionados e superados.

Os celibatários precisam porém dos namorados, dos esposos, dos pais. Pois estes são as testemunhas do amor de Jesus, que atraiu pessoas concretas. Interessou-se de Mateus, de Zaqueu, do possesso de Gerasa, de Lázaro... O seu amor universal foi sempre específico, nominal. Manifestou atenção e ternura individualizadas.

##### *b. Comunhão de vocações*

Por isso, é importante na Igreja **o encontro entre os dois dons do matrimónio e da virgindade**. Se não aceitar o confronto e o redimensionamento, o celibatário pode tornar-se um isolado, frio e impessoal.

Sem a ajuda do dom da virgindade, o matrimónio pode reduzir-se a uma felicidade a dois.

Existe também um outro dom, o da partilha dos **viúvos**. Estes mostram de modo muito eloquente o aspeto traumático da cruz: o esposo foi “tirado” à Igreja (cf. Mt 9,15). Os viúvos não escolheram essa condição, aliás como Jesus nunca procurou a morte. Assumem-na, enfrentam-na como

discípulos que levam a sua cruz atrás d'Ele. Deus fê-los muito mais pobres que os religiosos. Assim foi do seu agrado (cf. Mt 11,26). Agora, estão todos projetados para o reencontro e novo ajuntamento com o seu cônjuge. Mostram uma Igreja que encontra no futuro a razão para continuar cada dia a viver.

### *c. Deus é o primeiro*

“*Tu, segue-me!*” (Mt 8,21-22) – diz Jesus ao homem que Lhe pediu para ir antes sepultar o pai.

#### **As pessoas consagradas põem o acento no carácter perentório da chamada.**

Deus tem o primado; nada vale como Ele. Se a sua voz ressoa, deverão cair todos os se e todos os “mas”.

É perigoso tardar ou, pior ainda, retroceder. As próprias relações com a família, com a casa e a sociedade, sofrem um desenraizamento. Quando o Senhor passa, provoca um êxodo.

Neste contexto, tem um sentido preciso também a opção dos eremitas e religiosas de clausura. Muito fortemente essas pessoas anunciam que só Deus basta, só Ele é o absoluto. Deus é alimento, vestuário, morada, amigo, comensal. O seu apostolado consiste precisamente em dizer tudo isto aos homens.

Mais do que nunca, são pessoas que estão dentro da Igreja, dentro do mundo.

Indicam à inteira comunidade, a todas as criaturas, a direção “dos novos céus e nova terra” (Ap 21,1). Ajudam a todos a contemplar a meta e a serem iluminados pelo seu esplendor. Como seria triste, porém, um mundo feito só de eremitas e celibatários!

### *d. Deus é por nós*

#### **Os casados, os cristãos empenhados no mundo mostram Jesus, rosto humano de Deus.**

Sem eles, o Senhor correria o risco de ser tomado como um inimigo do mundo e da vida. Servindo-se das coisas e dos bens, vivendo a alegria da procriação, louvam o Pai criador. De modo especial os pais, com o seu testemunho, mostram o Deus de Jesus, que, amando, gera.

Um possível encontro entre estes dons pode ter, e o lugar, onde o cristão casado ou empenhado na política se encontra com o homem de Deus, o homem espiritual, para compreender algo da realidade, tão emaranhada e complexa.

## **E. Testemunho**

*Conviria procurar conhecer uma experiência ‘significativa’ de comunhão de vocações na Igreja local.*

### **Paróquia: um lugar de comunhão, missão e vida fraterna**

*O testemunho de uma paróquia que pôs no coração da comunidade uma “fraternidade missionária”, ou seja, uma experiência de vida fraterna e de corresponsabilidade pastoral entre o pároco e uma família residente – Intervenção de Rossella de Logu.*

“O que vou contar teve início numa noite de há 14 anos, quando o nosso pároco, Padre Alberto, revelou a algumas famílias que colaboravam mais estreitamente com ele um seu projeto: “Tenho em mente realizar uma coisa: queria que a nossa comunidade se tornasse uma comunidade diferente.” Disse-nos que estava a pensar, de acordo com a diocese, convidar uma família para vir viver entre nós. Não vos escondo que até as pessoas mais próximas do pároco olharam umas para as outras e disseram: “Uma família? Para fazer o quê? Não bastamos nós?”. Foi esta foi a primeira reação.

Somos uma comunidade de Quarto Oggiaro, um bairro de Milão, da extrema periferia e muito conhecido das crônicas. Uma comunidade que ainda não tem um edifício verdadeiro e próprio para a celebração e para as atividades, e que “vive”, há 25 anos, numa ex- escola materna. Esta precariedade certamente ajudou-nos a aceitar uma mudança de estilo na organização da comunidade. Também nos facilitou o facto de esta comunidade ter tido, na sua origem, há 30 anos, um sacerdote “cofundador”, que nos ensinou, desde o início, a essencialidade e, de modo especial, o cultivo das relações. Um cultivo que foi sempre o lema da nossa comunidade: “é melhor menos atividades, mas feitas bem; é melhor menos atividades, mas ir ao encontro das pessoas; é melhor menos atividades, mas anunciar o Evangelho a todos, sem pedir contrapartidas”.

Há 14 anos, portanto, Marcos e Marta vieram viver para a residência paroquial com os filhos e iniciaram este caminho com o Padre Alberto e nós. A sua experiência veio depois a acabar, e vieram Nicolau e Manuela. Se na primeira experiência houve hesitação, já a segunda foi fortemente assumida, desejada e procurada. Não podemos sentir-nos como comunidade, senão assim. A nossa, que foi sempre uma comunidade/comunhão-de-vocações-diferentes, não poderia ter crescido como cresceu sem ter feito a experiência da fraternidade missionária entre padre e família. A fraternidade ajudou-nos a assumir um rosto neste território especial: o rosto de uma Igreja acolhedora, que anuncia o Evangelho tal como ele é. Depois de esperar tantos anos, finalmente estamos a construir um novo edifício paroquial e uma nova Igreja; sobretudo nesta passagem, numa estrutura tão diferente da atual, pensamos que a presença de uma família na residência paroquial possa ser verdadeiramente um laço forte com o nosso passado e uma ajuda para conservar, na construção do nosso futuro, a nossa identidade, o nosso “rosto de paróquia”: porque, para nós, a paróquia ou é missionária ou não é. Estamos profundamente convencidos disso.

A paróquia é verdadeiramente comunhão de vocações. A Igreja é a de Áquila, de Priscila, de Paulo: diferentes vocações, igual dignidade. Posso seguramente afirmar como é importante o confronto entre estas diversas vocações. Objetivamente, embora um sacerdote possa ter colaboradores também estreitos, o intercâmbio será diferente vivendo em primeira pessoa uma experiência de fraternidade: ter uma família com quem confrontar-se, que leve a compreender, por exemplo, os ritmos familiares. Isso acaba por beneficiar a inteira comunidade, inclusive as pessoas que chamaria “insuspeitáveis”, que têm dificuldade em aceitar um rosto novo de Igreja. Em propósito, acrescento que certamente há o risco de o casal que reside na paróquia ser visto como uma espécie de “sacristães de elite”, o que, obviamente, não é essa a sua função. O risco existe e, com ele, o de uma parte das pessoas da comunidade não compreender o significado desta experiência. Mas, no meu e nosso parecer, é um risco que vale a pena correr. Creio que os tempos o peçam e sejam propícios. O terreno é fértil para fazer essa mudança em ordem a uma Igreja fraterna e missionária. Agora é tempo de assumir responsabilidades, de experimentar e exprimir este novo rosto da Igreja: o de São Paulo, de Áquila e Priscila. Creio que o Espírito verdadeiramente atue e dance para nós, mas devemos dar-Lhe uma mão criando algumas oportunidades.

Agradou-me muito a advertência: “ser sinal e não instrumento”. Somos verdadeiramente chamados a anunciar o Evangelho a partir de uma comunhão. Que anúncio de Evangelho pode haver sem comunhão vivida? Há quase 40 anos que sou catequista, e cada vez mais me apercebo de que a mensagem não passa, se as pessoas, quando chegam, não encontram esse rosto acolhedor e fraterno, se não veem uma fraternidade vivida e testemunhada. Ora, a família que habita na residência paroquial consegue fazê-lo: testemunha a comunhão entre os irmãos.

A fraternidade ajudou-nos a compreender quais são, por vezes, as dificuldades e também as solidões dos sacerdotes. As dificuldades de terem de enfrentar pedidos, alguns deles prementes, e

serem vistos quase como “prestadores de serviços”. O facto de viver uma experiência de fraternidade entre um sacerdote e uma família faz com que essa imagem, de certa maneira, desaparece”.

[cf. Rossella de Logu, “[Parrocchia: un luogo di comunione, missione e vita fraterna](#)”]

## **F. Para a partilha de grupo**

*Tendo ainda na mão a peça do puzzle, cada qual partilha a sua consciência de ser parte do corpo e descreve dons e dificuldades para a comunhão. Depois de se ter falado, insere a peça para a do inteiro puzzle.*

1. Que consciência tenho de fazer parte do único corpo de Cristo: um ‘só corpo’ com muitos membros? O ser consciente torna-se alegria de fé e atitude vital que gera acolhimento, cuidado, colaboração, participação? Onde “coloquei” a minha pessoa? Uma árvore precisa de um terreno idóneo para crescer e dar frutos!
2. Viver a vida como relação no amor: esta é a vocação do cristão, que se realiza segundo modalidades específicas.

*Façamos um exame de consciência, deixando-nos interrogar.*

Como vivo a *relação comigo mesmo*? Sinto-me colocado dentro do corpo de Cristo, que é a Igreja, e com ela chamado, também eu, a reproduzir em mim a dinâmica trinitária?

Como vivo a *relação com as pessoas* a que estou ligado por empenhos de trabalho, paróquia, sociedade? Contento-me com uma relação de ajuda, em que dou coisas e respostas às necessidades? Ou a relação responde a outros meus esquemas ou propostas humanas?

Como vivo a *relação com as pessoas próximas* (marido, esposa, filhos, confrades, irmãs de vida consagrada ...)? Tendo suficientemente a ter ‘relações de proximidade’ ou tenho propensão a afastá-las, recusando a relação imediata que envolve, em continuidade? Talvez ceda à tentação de me contentar com dar coisas, ajudas operacionais, respostas pontuais? Até que ponto me envolvo na dinâmica familiar/comunitária?

Como vivo a *relação com a criação*, com as coisas? Talvez na modalidade da posse, da apropriação, do acumular, de constituir-me ponto dominante de referência?

## **G. Para a oração**

### **T. Conhecer-Vos, Senhor Jesus, é alegria do coração, luz dos olhos, força de vida**

*(Vozes individuais)*

- Não só Vos fizestes Salvador poderoso e íntimo amigo de cada um, mas também quisestes que fôssemos o vosso corpo, solidamente ligados entre nós e convosco, uma única Igreja.
- Não excluís ninguém, e os distantes e os pecadores são os que procurais com maior paixão.
- Fazei-nos participar na vossa paixão eclesial, alegres por estardes em nós e nós em Vós, unidos num só Espírito.

### **T. “Fazei que a vossa Igreja, una na vossa caridade,**

**santa na participação da vossa própria santidade,  
seja também hoje no mundo estandarte de salvação para os homens,  
centro de unidade de todos os corações,  
inspiradora de santos propósitos para uma renovação geral e contagiante.  
Vós que amastes a Igreja e Vos destes a Vos mesmo por ela,  
tornai-a resplandecente do vosso amor  
e fiel no dar e viver o Evangelho”.**

*(Paulo VI)*

**S.** Senhor Jesus, confiamo-Vos a fé da Igreja  
e a fé de todos os que, nela, se sentem fracos e frágeis.

**T.** **O vosso Santo Espírito fortaleça a todos na unidade,  
pela qual rezastes e oferecestes a vossa vida na oblação pascal.**

**S.** *Depois de cada invocação, recitada individualmente ou alternadamente, repetimos:*  
**Aumentai a nossa fé, Senhor!**

- A vossa Igreja seja sólida na fé e alegre na esperança ...
- Todo o batizado se orgulhe de ser vosso discípulo ...
- Bispos, presbíteros, diáconos não se cansem de viver e anunciar o Evangelho ...
- Haja novos anunciadores da Palavra: missionários, catequistas, consagrados ...
- Atraí a Vós os nossos corações para que nos convertamos ao vosso amor ...
- Fazei que os jovens adiram generosamente à vocação a que os chamastes ...
- Aumentai a compreensão evangélica entre padres e leigos, casados e celibatários, jovens e idosos ...
- ... *(outras intenções)*

**Deus nosso Pai**, única fonte de unidade e de graça para a vossa Igreja,  
ouvi a nossa oração:

ajudai e apoiái as nossas famílias a serem lugares de transmissão fiel e alegre da fé;  
levai os pais a estarem atentos ao caminho dos filhos,  
a discernirem com eles o vosso desígnio,  
a não se deterem perante as canseiras, as provações e os insucessos.

**Cristo Jesus**, que enchestes com a vossa presença a casa de Nazaré,  
fazei que as nossas famílias descubram a presença e a obra de Deus nelas,  
permaneçam na vontade de Deus e descubram no quotidiano da existência  
a presença operante da vossa redenção.

**Espírito Santo**, descei com os vossos dons sobre cada um de nós e sobre as nossas famílias:  
aos pais dai o dom do conselho,  
aos filhos comunicai o dom da vossa sabedoria,  
aos avós o dom da perseverança.

Entregamo-nos todos a Vós, para que nos façais

alegres na esperança,  
fortes na fé durante a tribulação,  
perseverantes na oração. Amém.

## Outros textos

### 1. *Se a nota dissesse*

Se a nota dissesse: não é uma nota que faz a música...  
... não haveria sinfonias!

Se a palavra dissesse: não é uma palavra que pode fazer uma página  
... não haveria livros!

Se a pedra dissesse: não é uma pedra que pode erguer um muro  
... não haveria casas!

Se a gota de água dissesse: não é uma gota de água que pode fazer um rio  
... não haveria o oceano!

Se o grão de trigo dissesse: não é um grão de trigo que pode fazer um campo semeado  
... não haveria a seara!

Se o homem dissesse: não é um gesto de amor que pode salvar a humanidade  
... nunca haveria justiça nem paz,  
nem dignidade nem felicidade sobre a terra dos homens!

Como a sinfonia precisa de cada nota ...

Como o livro precisa de cada palavra ...

Como a casa precisa de cada pedra ...

Como o oceano precisa de cada gota de água ...

Como a seara precisa de cada grão ...

**a humanidade inteira precisa de ti, aqui onde te encontras, *único* e insubstituível!**

*(Texto tirado do livro “Fala-me de amor” de Michel Quoist)*

### 2. *Nenhum homem é uma ilha*

“*Nenhum homem é uma ilha, completa em si: cada um é um pedaço de um continente, uma parte de um todo* (John Donne). Só quando nos vemos no nosso verdadeiro contexto humano, como pertencendo a uma raça, que foi concebida como um único organismo e “um só corpo”, começamos a compreender a importância positiva que têm na nossa vida não só os sucessos, mas também os fracassos e os imprevistos...

Cada homem é uma parte de mim mesmo, porque sou parte e membro do género humano.

Cada cristão faz parte do meu próprio corpo, porque todos nós somos membros de Cristo. Portanto, o que faço é feito para os outros, com eles e por eles: o que eles fazem é feito em mim, por mim e para mim. A cada um de nós, porém, cabe a responsabilidade da parte que tem na vida do inteiro corpo” (THOMAS MERTON, *Nenhum homem é uma ilha*)

## ***Sugestões de leitura para aprofundar o tema***

- Pe. Francesco Duci, *a Igreja comunhão: dom e testemunho* (Formação ITS 2003);
- Pe. Tullio Benini, *Igreja, sinfonia de vocações: Preciso de ti* (Encontro ITS 2010).



## ***Encontro XXVII***

# **VIDA DE ORAÇÃO: ADORAÇÃO EUCARÍSTICA**

### ***Objetivos do Encontro***

- Introduzir na oração de adoração.
- Tomar consciência de que adoração é, antes de mais, contemplação da ação de Deus, resposta ao dom e chamada a ‘estar na presença’.
- Acolher e viver o serviço eclesial da adoração eucarística que o Padre Dehon confiou aos que comungam o seu carisma.

### ***Sentido do Encontro***

Neste encontro, debruçamo-nos sobre um momento de oração caro ao Padre Dehon: a adoração eucarística, que Padre Dehon nos confia como serviço eclesial.

### ***Desenvolvimento do Encontro***

#### **A. Acolhimento**

Se a logística permitir (uma lareira ou algo do género), seria a ocasião de reunir-se à volta do fogo aceso, contemplar a chama e deixar-se iluminar e aquecer por ela! Por vezes, também poderiam servir velas grossas acesas.

Poderia iniciar-se o encontro com o conto “rostos de luz” (Ver ‘Outros textos’ 1.), ou simplesmente com o texto da sarça ardente, fazendo ecoar “O Senhor está aqui e chama-te!”, que nos faz participar e envolver na história do amor que liberta e salva.

#### **B. Texto bíblico (Ex 3, 1-12)**

“Estando Moisés a apascentar o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Madiã, ao levar o rebanho para além do deserto, chegou ao monte de Deus, o Horeb. Apareceu-lhe então o Anjo do Senhor numa chama ardente, do meio de uma sarça. Moisés olhou para a sarça, que estava a arder, e viu que a sarça não se consumia. Então disse Moisés: “Vou aproximar-me para ver tão assombroso espetáculo: por que motivo não se consome a sarça?”. O Senhor viu que ele se aproximava para ver. Então Deus chamou-o do meio da sarça: “Moisés, Moisés!”. Ele respondeu: “Aqui estou!”. Continuou o Senhor: “Não te aproximes. Tira as sandálias dos pés, porque o lugar que pisas é terra sagrada”. E acrescentou: “Eu sou o Deus de teus pais. Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob”. Então Moisés cobriu o rosto, com receio de olhar para Deus. Disse-lhe o Senhor: “Eu vi a situação miserável do meu povo no Egito; escutei o seu clamor provocado pelos opressores. Conheço pois as suas angústias. Desci para o libertar das mãos dos egípcios e o levar deste país para uma terra boa e espaçosa, onde corre leite e mel, terra do cananeu, do hitita, do amorreu, do perizeu, do heveu e do jebuseu. O clamor dos filhos de Israel chegou até Mim; vi também a violência com que os egípcios os oprimem. Agora põe-te a caminho, que Eu vou enviar-te ao faraó, para que tires do Egito o meu povo, os filhos de Israel”. Moisés disse a Deus: “Quem sou eu para ir à presença do faraó e tirar do Egito os filhos de Israel?”. Deus respondeu-lhe: “Eu estarei contigo e este é o sinal de que fui Eu que te envie: Quando tirares o povo do Egito, adorareis a Deus neste monte””.

## C. Texto do Padre Dehon

O Padre Dehon convida-nos, antes de mais, a **fixar o olhar na Eucaristia**.

Tudo parte daí, e tudo adquire significado desse rito.

*“Vede Jesus à mesa, durante a Ceia. ... Está num êxtase de amor. Porque, nesse momento, O Sagrado Coração realiza o ideal da sua vida. Quis abrir-nos uma fonte de graças, onde poderemos alcançar todas as bênçãos e todas as alegrias. “Tenho desejado ardentemente comer convosco esta Páscoa” (Lc 22,15).*

*Durante toda a sua vida, Jesus teve fome e sede de ver o dia desta Páscoa ... Nosso Senhor deu-nos na Eucaristia todos os seus dons, inclusive a fonte dos mesmos ... E isso ainda não é tudo: Jesus, na Eucaristia, quis testemunhar-nos o seu amor de amizade e intimidade. Quis morar connosco, conversar connosco e permitir que nos abandonássemos a Ele na mais doce familiaridade, como permitia aos seus Apóstolos, e sobretudo a São João.*

*Por toda a parte por onde andarmos, encontraremos o Coração deste nosso irmão e amigo sempre pronto a receber-nos, sempre pronto a consolar-nos, sempre pronto a cumular-nos de graças, a iluminar-nos, animar-nos e perdoar-nos” (CAM 3/13-14, 17 e 24).*

É um texto deveras significativo. Por um lado, reafirma que a Eucaristia remete para a Páscoa e não apenas para a Ceia. E considera-a fonte de tudo. Noutros lugares, fala de “coração da fé”. No mesmo texto, o Padre Dehon liga a Eucaristia a outros atos de culto. Em especial, faz referência à *adoração*. Estabelece uma continuidade desta com a celebração.

É o mesmo Jesus da Missa, que na adoração está pronto a “receber-nos”.

A adoração é um *encontro*, que pode ser individual e comunitário.

O Padre Dehon afirma que a adoração faz parte da própria finalidade do Instituto por ele fundado. Os seus religiosos vivem-na em “nome da Igreja”.

O texto acima citado é surpreendente: normalmente, Jesus é visto como sendo o “divino prisioneiro”; aqui, o Padre Dehon apresenta-o como o amigo pronto a *consolar-nos*.

Jesus esgota a sua ação na Missa? Eis como responde o Padre Dehon:

*“Poder-se-ia crer, à primeira vista, que o Coração de Jesus esteja inativo no tabernáculo ... mas não está. Ele vive a maior e mais preciosa de todas as vidas.*

*Fala sempre, apesar do seu silêncio: “sempre vivo para interceder por nós” [He 7,25]. ... Toda a ação exterior cessou; permanece apenas a vida do coração, e essa vida absolutamente una, sem nenhuma interrupção nem distração alguma ... O Sagrado Coração de Jesus é absorvido por um único ato, que O enche totalmente: o de pedir, interceder, rezar por nós” (CAM 3/78.80).*

*“Já não sofre, é verdade ... Todavia, ... no seu Sagrado Coração a disposição de imolação por amor permanece sempre. E é nesta disposição que Ele oferece continuamente a Deus Pai os seus merecimentos, os seus sofrimentos e a sua morte por nós, que renova incessantemente o espírito da paixão, mesmo sem renovar a exterior ...*

*Esta constante oblação dos seus sofrimentos passados, esta alegria amorosa e constante de ter sofrido e morrido por nós, mantém o Coração de Jesus, embora na plenitude da sua alegria e da sua glória, no estado permanente de vítima eucarística, também para além do santo Sacrifício da Missa” (CAM 3/32-33).*

*“A Eucaristia revela-nos todo o amor de Nosso Senhor por nós. Jesus está presente na Eucaristia como vítima, como amigo, como benfeitor, como consolador. Está presente também como nosso rei. Convida-nos a estar com Ele ... É o mistério do amor...*

*Vamos à Eucaristia com fé, com confiança, com abandono, com amor. O Jesus do tabernáculo é verdadeiramente o nosso Deus. Adoremo-l’O” (DSP 353-354).*

*“A adoração coloca-nos na presença de Jesus no sacramento do seu amor, da sua doação... empenhado com incansável zelo a ensinar, converter e salvar as almas, e a estender o reino de Deus e da sua justiça, esquecendo-Se inteiramente de Si em vista desse fim ... e repetindo em cada instante, com esse seu estado, “que não há maior amor do que dar a própria vida por aqueles que se ama” [Jo 15,13], e esse amor é o seu ... Perante tal heroísmo, como não sentir-se levados pelos impulsos da caridade? Como não voar de junto dos altares para ir em socorro dos nossos irmãos, para dar a Jesus na pessoa destes a dedicação que Ele por primeiro nos testemunha”(VPR 30. 1.I.).*

## **D. Reflexão**

### **1. Acolhidos na presença do Senhor**

A relação dehoniana com a Eucaristia tem um momento especial na **adoração eucarística**. Feita pelo Padre Dehon com amorosa fidelidade ao longo de toda a sua vida, foi deixada em herança à sua família religiosa, como um empenho solene e uma missão.

O seu longo testamento espiritual termina assim: *“A minha última palavra é ainda para recomendar-vos a adoração quotidiana”* (“Testamento Espiritual”, DSP 482).

A fé católica do segundo milénio apercebeu-se com crescente clareza de que o corpo e sangue eucarísticos contêm uma presença pessoal, a mesma presença do Senhor ressuscitado na sua Igreja, no ato perene de Se dar como pão de vida.

A exegese hodierna das palavras eucarísticas confirma a verdade dessa equivalência. A Igreja descobriu, professou e defendeu contra a heresia a presença eucarística de Cristo, nomeadamente a sua real permanência para além da Missa. Uma vez transformado pela palavra da Igreja, o pão muda para sempre, enquanto durar a sua consistência física.

O antigo costume de conservar o pão consagrado para a Comunhão dos enfermos passa a preencher todo o tempo da Igreja e todos os lugares sagrados que o conservam entre uma Missa e outra, e transforma as igrejas em morada permanente do Senhor ressuscitado.

O tabernáculo torna-se o coração pulsante da vida das comunidades cristãs; à sua volta, foi-se desenvolvendo o “culto eucarístico”, com múltiplas manifestações públicas e privadas, entre as quais sobressai, pela sua sugestiva intensidade e duração, a adoração eucarística. Assiste-se hoje a uma sua notável recuperação, graças e sobretudo aos movimentos de renovação espiritual.

A adoração eucarística distingue-se dos demais exercícios de devoção por se realizar na presença do Senhor, que a celebração da Missa pôs e deixou sobre os nossos altares, sob a forma do pão, como sinal concreto da superabundante plenitude deste sacramento e do amor indefetível de Cristo pelos seus.

### **2. Na gostosa memória da ação celebrada**

Por essa sua privilegiada posição intermédia, a adoração eucarística desempenha um papel importante em relação à própria celebração.

Pode tornar-se uma espécie de laboratório espiritual, preparado todos os dias para fazer amadurecer as disposições que se requerem na celebração: adoração a Deus, fé na ação e no amor da Trindade, disponibilidade à palavra escutada, abertura para se oferecer com Jesus ao Pai, louvor agradecido.

A rápida sequência do rito nas suas diversas passagens e a inesgotável densidade do mistério requerem consciência e capacidade de se deixar compenetrar da ação celebrada, que, por sua vez, precisam de um longo e paciente treino espiritual. É aqui que a adoração pode revelar a sua inestimável preciosidade em relação à própria Missa.

A presença eucarística não provém do tabernáculo ou quiçá donde, mas exclusivamente da ação litúrgica, a que está essencialmente ligada, mesmo depois de esta terminar. Não é fruto separado da árvore e que se possa transferir alhures como algo com existência autónoma. Daí que seriamente se compreenda a adoração eucarística como uma extensão da Missa, como uma repetição espiritual de alguns seus momentos mais significativos, como um retomar a parte celebrativa que segue à consagração e que constitui o lugar de nascimento da presença real.

É ali que Jesus Se oferece ao Pai juntamente com a Igreja no poder unificador do Espírito; é ali que Jesus intercede pela redenção do mundo e dá a comunhão do seu corpo e sangue.

A adoração eucarística retoma essa parte extraordinariamente concentrada da Missa, percorre-a lentamente para calmamente penetrar no mistério e deixar-se envolver *no Ecce venio* do Senhor.

A adoração torna-se assim, à sua maneira, uma gostosa memória da ação celebrada.

Pede-se-nos para viver a adoração eucarística como uma comunhão espiritual, que prolongue a sacramental e antecipe a escatológica.

### 3. Que significado tem para nós a adoração?

*Alguns flashes:*

- a. A **união com Cristo** não se pode esgotar na celebração eucarística. Após o Concílio, exaltámos e isolámos a Missa, em prejuízo também dos demais atos de culto e das devoções. Com a adoração, pode-se prolongar a união íntima realizada com Cristo na Comunhão e renovar a aliança com Ele. Fica ainda muito para escutar.
- b. Há que **vigiar**, em todos os momentos, **com o mundo e sobre mundo**. Mesmo sendo poucos diante de Cristo exposto no Sacramento, desempenhamos a função pública das *sentinelas*. Tornamo-nos intérpretes do grito do mundo. Ouvimos e interpretamos os sofrimentos dos seres humanos e apresentamo-los ao Pai.
- c. Há que **ir ao “sacrifício de Cristo” para vivê-lo na nossa existência**. No silêncio, fazemos aprendizagem da gratuidade do amor para com os irmãos. É-nos oferecido o Espírito que nos conduza no caminho da “doação incondicional”. É essencial parar, ficar e olhar.
- d. A adoração é **um dos atos típicos da contemplação cristã**. Esta deixa de ser atraída por mil objetos e mil panoramas. Fixa o olhar n’Aquele que crucificámos (cf. Jo 19,37). Encontra-se na presença d’Aquele que, com os sinais da paixão, vive imortal.
- e. A adoração quotidiana é um **momento importante e dá qualidade à nossa vida fraterna**: estar juntos, diante de Nosso Senhor, em silêncio de contemplação e louvor.
- f. A nossa comunhão precisa de momentos em que nos olhamos uns para os outros, partilhamos, discutimos e programamos a nossa vida e o nosso serviço na evangelização do mundo.

Mas também precisa de momentos em que olhamos juntos para Nosso Senhor e, em silêncio, sentamo-nos, com alegria e atenção, diante do Mestre e deixamos que Ele fale a todos e a cada um, no íntimo do coração.

As nossas relações e unidade adquirem então uma qualidade e uma consistência novas: não se baseiam apenas na importância da palavra que nos dizemos ou do gesto que fazemos, mas na solidez da nossa relação individual e comum com o único Senhor que escutamos e nos esforçamos de seguir e de cujo corpo nos alimentamos.

*“Toda a obra que não mergulha as próprias raízes na solidão do tabernáculo, mesmo tendo o mais brilhante sucesso, parece o arbusto de Jonas: nasce morta e nunca produzirá nada de sobrenatural”* (CAM 3/73).

## E. Testemunho

*O Padre Aldo Marchesini, missionário italiano scj, médico-cirurgião em Moçambique, partilha a sua sede de ‘adoração eucarística’, momento regenerador.*

“Quando recebi a ordem do Ministro da Saúde de me transferir de Mocuba para o Songo, na longínqua Província de Tete, pareceu-me receber um édito de exílio. Os quatro anos que aí passei foram, porém, dos mais belos da minha vida. Deixava Mocuba, onde a paixão pelos doentes superava toda a imaginação e onde, aos poucos, ia-me apercebendo que o trabalho me estava alienando e a minha personalidade se ia modificando.

Em Songo recebi uma linda casa, com amplas janelas, um bonito jardim e uma porção de tempo livre, bastante para me deixar vaguear com a mente.

O hospital tinha 120 camas e eu era o único médico, tal como em Mocuba, mas havia muito menos população e a localização era muito periférica. Ao fim de duas semanas, apercebi-me de que o contexto de vida mudara radicalmente e que podia abrir sem medo as velas aos ventos que dentro me sopravam.

Quando estava em Mocuba, esmagado pelo trabalho, refugiava-me com a imaginação numa trapa, onde sonhava poder dedicar-me à contemplação. Agora, que estava em Songo, intuía que as minhas fugas imaginativas podiam esperar concretizar-se. Aqui era fácil, com relativa frequência, poder sentar-me, sem que me perturbassem por duas ou três horas seguidas.

Do lado do jardim, a minha linda casa tinha uma varanda completamente fechada por uma vedação de rede contra os mosquitos. Cobri metade com cortinas de pano verde-claro, que deixavam entrar a luz, mas resguardavam perfeitamente dos olhares do exterior; pus ali um tronco de árvore cortado ao meio, a servir de pedestal de um tabernáculo em forma de cabana. O altar era uma pequena mesa baixa, e os assentos eram pequenos bancos que permitiam ficar sentados à mesma altura. Ficara assim pronta uma capelinha, que começou logo a ser chamada “a tenda verde”.

Tornou-se ela a minha trapa, para onde me podia retirar: bastava afastar a tenda e entrar. A luz fraca, o espaço reduzido, o silêncio e a atmosfera de tranquilidade e paz davam-me a sensação de ter chegado aos extremos do mundo, enquanto a presença do tabernáculo e algo que convidava à oração faziam com que ela se tornasse o centro do mundo.

Na tenda verde havia um caderno, onde cada vez mais ia escrevendo pensamentos, poemas e reflexões. Este novo modo de rezar com a pena foi um dos maiores dons que o Senhor me fez descobrir em Songo. Escrever, ou seja, pensar com a pena na mão: as ideias definem-se, a inspiração ganha forma, vestindo-se de palavras. À medida que se escreve, o incerto adquire

fisionomia e revela-se, não tanto como criação, mas mais como descoberta: um modo singular de sentir-se contemporaneamente nos extremos e no centro de tudo.

Songo crescera como acampamento dos técnicos e categorias de trabalhadores que construíam a barragem e a central elétrica de Cabora Bassa. Vivia ali uma comunidade bastante internacional, e era muito frequente receber um convite para um jantar ou serão em casa de alguém. Acabava sempre por me ir deitar por volta da meia-noite. Na manhã seguinte, porém, tinha de me levantar sempre à mesma hora, para estar no hospital às sete. Vi que não me era muito cansativo e que conseguia trabalhar como nos outros dias. Bem, bem! – pensei para mim – Posso ficar erguido a rezar até à meia-noite, ao menos uma vez por semana.

Foi assim que comecei a fazer uma vigília de oração, diante do Santíssimo, nas noites de sexta-feira, até à meia-noite. Muitas vezes tinha hóspedes, padres e irmãs da diocese de Quelimane, que vinham passar alguns dias de férias a Songo, visitar a barragem e a central e saborear o panorama dos montes. À sexta-feira participavam de bom gosto na vigília. Em geral, ficava-se em silêncio, até à reza das Completas, que encerrava a oração.

Não posso esconder que, a certa altura, era fácil sentir uma certa sonolência, de que, porém, ninguém se escandalizava, mesmo se por vezes se cabeceava. A meio da vigília, introduziu-se o costume de se levantar e fazer uma pausa de um quarto de hora para tomar um bom café fumegante. Nos meses mais quentes, rezava-se na capela, e nos meses mais frios entrava-se em casa e ia-se para a sala de estar. Estendia-se a toalha branca, o corporal, uma vela e um vaso de flores sobre a mesinha entre as poltronas e o sofá; trazia-se então a pequena custódia que era posta ao centro. Seguiam-se algumas horas de silêncio e adoração, que apaziguavam o coração.

Durante quatro anos, a noite da sexta-feira foi o centro da minha vida em Songo, o dom mais belo que o Senhor me fez, o dom que transformou o exílio em quatro dos anos mais lindos da minha vida”.

## **F. Para a partilha de grupo**

Uma citação da encíclica sobre a Eucaristia do Papa São João Paulo II:

*“O culto prestado à Eucaristia ... está ligado intimamente com a celebração do sacrifício eucarístico. A presença de Cristo nas hóstias consagradas que se conservam depois da Missa... resulta da celebração da Eucaristia e destina-se à comunhão sacramental e espiritual” (EdE, 25).*

Como é a minha adoração eucarística? Como a vivo?

Está à margem da Missa, da Comunhão e da condição sacramental de Cristo?

Que atenções dar para que ela seja ou se torne um serviço eclesial, como queria o Padre Dehon?

*Tantos, na Itália, aderem ao grupo de oração Sint unum! Em Portugal temos o grupo ECCE!*

*Podéria chegar-se à decisão de aderir ao grupo de oração ECCE ou de promover na área um encontro mensal de adoração eucarística com a relativa ficha.*

## **G. Para a oração**

### **1. Celebramos na Eucaristia o Coração de Cristo,**

sinal do amor do Pai por nós.  
No Filho erguido na cruz e trespassado pela lança,  
o Pai nos regenerou,  
restabelecendo a aliança destruída pela desobediência do pecado.

*Todos:* Recriados e conquistados por este amor,  
animados pelo Espírito,  
queremos colaborar com Deus, que cada dia realiza a sua salvação,  
confiando-nos o serviço da reconciliação e a profecia do Amor que salva.

### **2. Celebramos na Eucaristia o Coração de Cristo,**

única fonte do amor entre os homens.  
É Cristo que realiza a salvação suscitando nos corações o amor pelo Pai e entre nós.

*Todos:* Somos chamados na Igreja a nos tornarmos fermento de fraternidade, de comunhão e de partilha com toda a humanidade.  
Sabemos que passámos da morte à vida, porque amamos os irmãos.  
Quem não ama permanece na morte.

### **3. Celebramos na Eucaristia a nossa união com Cristo**

no seu amor e na sua oblação ao Pai.  
Se permanecemos em Cristo e Ele em nós, damos muito fruto.

*Todos:* Contemplando o Coração de Cristo,  
somos fortalecidos na nossa vocação.  
Somos chamados, de facto, a inserir-nos neste movimento do amor redentor,  
oferecendo-nos pelos nossos irmãos com Cristo e como Cristo.

## **Outros textos**

### *Rostos de luz*

Um homem, vindo de longe visitar uma grande cidade, viu com pena que os rostos dos seus habitantes eram acinzentados e os seus olhos sem luz.

Alguns destes abeiraram-se dele, atraídos pelo brilho do seu olhar.

– Onde vens, estrangeiro? – perguntaram-lhe.

– Venho do deserto de Deus – respondeu o homem. – E que é isso? – perguntaram-lhe.

– É um lugar onde se reza, se agradece e se adora Deus.

Os homens ficaram logo de rosto e de olhar ainda mais cinzentos.

– Deus, abandonámo-l’O – disse um deles. – Era para nós um peso, uma canseira, um estorvo.

– Talvez foi por isso que os vossos rostos perderam toda a luz – observou o visitante. Depois atreveu-se a dizer: – Vamos tentar chamá-l’O de volta?

– Vai ser muito difícil! — exclamaram em coro os da cidade. – Imagine-se se Ele Se lembra de nós

...

– Ao contrário! — respondeu o homem do deserto de Deus. — Só está à espera disso.  
O visitante pronunciou então sobre os muros da cidade uma oração, e os outros juntaram-se a ele. Então um raio de sol tirou um pouco do cinzento dos seus rostos caros e da névoa dos seus olhos.  
– Que maravilha! – exclamaram olhando uns para os outros. – Vamos pôr a cidade inteira a rezar! – Mas o homem do deserto desaconselhou-os:  
– Não é tão fácil como pensais. Vieste ter comigo, porque, vendo-me, recordastes o aspeto que tínheis antes. Mas os outros? É preciso que **os vossos rostos irradiem essa luz** e que impressione também os mais indiferentes. Por isso, é necessário que vindes **comigo ao deserto de Deus**.  
Os homens seguiram-no e, por vários anos, vivendo em simplicidade na mão de Deus, rezaram-Lhe, agradeceram-Lhe e adoraram-n’O.  
Quando voltaram à cidade, **os seus olhos eram brilhantes como pérolas, e o seu rosto luminoso como brasas**. Não precisavam de falar, não precisavam de explicar nem de discutir, para os interpelar. Bastava mostrar-lhes o rosto.

### *Sugestões de leitura para aprofundar o tema*

- Carta do Governo Geral sobre a adoração eucarística, de 1981.
- Fichas de oração ‘ECCE’.



## ***Encontro XXVIII***

### **PROFETAS DO AMOR**

#### ***Objetivos do Encontro***

- Reconhecer o primado do amor: dentro e por detrás de tudo está o Amor de Deus, manifestado em Jesus, por nós e por todos os homens, e a última palavra será sua!
- Sentir-se parte de uma única família humana, cujos membros pertencem todos ao mesmo Coração que ama a vida.
- Olhar para a realidade e a humanidade com olhos de fé, “com os olhos de Deus!
- Tornar-se ‘profetas do amor’ solidário de Deus

#### ***Sentido do Encontro***

“Ser profetas do amor e servidores da reconciliação” não é uma expressão do Padre Dehon. Encontramo-la na Regra de Vida (n. 7) dos Padres Dehonianos: é uma maneira de traduzir a sua espiritualidade no nosso tempo e, de modo especial, a expressão tradicional ‘amor e reparação’.

Jesus é o profeta do amor de Deus pelo homem e associa-nos à sua missão, revelando-Se na nossa carne, que é amada e ama.

Acreditamos no Amor que Deus tem por nós e empenhamo-nos a reconhecer e anunciar a presença do Reino do seu Coração.

#### ***Desenvolvimento do Encontro***

#### **A. Acolhimento**

Pode-se começar o encontro com o conto da 'cidade colorida' (Ver ‘Outros textos’ 2), dando espaço às ressonâncias dos participantes.

#### **B. Texto bíblico (Jo 3,16-17; 1 Jo 4,16)**

“Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho Unigénito, para que todo o homem que acredita n’Ele não pereça, mas tenha a vida eterna. Deus não enviou o Filho ao mundo para condenar ao mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele” (Jo 3,16-17).

“Nós conhecemos o amor de Deus por nós ... Deus é amor” (1 Jo 4,16).

#### **C. Textos do Padre Dehon**

*“Acreditamos no amor: acreditamos no amor que Deus nos tem, contemplamos o seu símbolo perene, que é o divino Coração de Jesus” (CAM 2/200).*

*“Só o Coração de Jesus pode restituir à terra a caridade que ela perdeu” (“Les opportunités du règne du Sacré Coeur” in REV 8031001/11).*

*“É através do coração que os homens se doam; é com o coração que os homens atuam. Em Nosso Senhor, foi o seu Coração que inspirou todos os sacrifícios que fez pelos seus irmãos. É pelo coração que devemos descobrir o que o seu Coração fez pelos homens. O que se faz sem coração não pode agradar o Coração de Jesus. Devemos orientar para Nosso Senhor os sentimentos do coração e fazer com que o objetivo principal e dominante seja uma amorosa gratidão pelos seus*

*benefícios, uma confiança ilimitada na sua ternura, um doce afeto à sua pessoa e à sua humanidade” (ASC 6/160).*

## **D. Reflexão**

Ao iniciar o seu testamento espiritual, o Padre Dehon diz que quer deixar em herança à sua família religiosa o tesouro incomparável do Coração de Jesus: **“Deixo-vos o mais maravilhoso dos tesouros, o Coração de Jesus”** (Testamento Espiritual, in DSP 474).

O Padre Dehon é consciente da ousadia do que diz. Sabe que Deus não pode ser objeto de aquisição ou de doação testamentária. Deus dispõe de Si com liberdade soberana, dando-*Se* pessoalmente e sempre a quem se abre a Ele. Ninguém pode dispor d’Ele de forma impessoal. O Padre Dehon entende dizer que deixa como herança esse especial conhecimento do mistério de Cristo, compendiado na expressão “Coração de Jesus”, essa experiência de profunda comunhão e de amizade intensa, que sentiu irromper da sua fé e que modelou a sua vida. É esse o tesouro transmissível, o carisma do seu caminho de fundador, que deseja ver continuado e participado pelos seus.

Algumas linhas mais à frente, testemunhará mais uma vez a sua íntima felicidade por tê-lo encontrado na sua estrada, e expressar-se-á com as palavras do Salmo: *“Como é bela a porção da minha herança: o Coração de Jesus!”* [cf. Sal 15(16),5] (Diretório Espiritual, in DSP 475). Por Ele vivera, por Ele morrerá. E onde encontrara o seu tesouro, ali estivera também o seu coração (cf. Mt 6,21).

### **1. Coração de Jesus**

Tesouro de família, certamente, mas não propriedade privada, como imediatamente afirma o Padre Dehon, que acrescenta: **“O Coração de Jesus pertence a todos”** (Testamento Espiritual, in DSP 474). Pertence à Igreja, única depositária do mistério de Cristo e titular de toda a experiência que se possa fazer d’Ele.

Da Igreja recebera-o a sua mãe, fervorosa consagrada ao Coração de Jesus; da mãe herdara-o o filho, fundador dos Sacerdotes do Coração de Jesus.

Esta devoção, iniciada no silêncio da mística medieval, explodira em séculos recentes, quando conquistara toda a Igreja Católica (ordens religiosas, dioceses e paróquias, santos e papas, nações católicas e o povo das cidade e dos campos); e obtivera o mais alto reconhecimento na Igreja com a instituição da solenidade litúrgica do Coração de Jesus.

Um conjunto de circunstâncias favoráveis deu-lhe sucesso: a sugestiva beleza da linguagem do coração, a força atrativa da imagem do Coração ferido, uma série popular e praticável de exercícios de piedade, e certamente a graça do Espírito que anima toda a conversão ao amor de Cristo.

No fundo, a devoção ao Coração de Jesus só pretendia dar a conhecer o amor de Deus ao povo cristão e, ao mesmo tempo, educá-lo a retribuir concretamente esse amor.

#### *Coração de homem*

O coração humano tornou-se capaz de exprimir o amor de Deus, quando Deus *Se* fez homem, *Se* fez coração de homem. A partir daí, o inexprimível amor infinito começou a bater nas pulsações físico-psíquicas do coração de Jesus de Nazaré, verdadeiro homem da nossa terra. Assumiu as modalidades do amor humano, a intensidade e a espontaneidade, o ímpeto e a capacidade de perseverar, a felicidade e a amargura da traição.

Maravilhosa e revolucionária foi a encarnação de Deus! Para além de toda a imaginação humana, Deus revelou-Se capaz de Se tornar diferente de Si mesmo: de ser criatura, sem deixar de ser Deus.

De quanta esperança e beleza este inaudito acontecimento enche a história dos homens!

Como é possível que os cristãos o deixem esvanecer-se no mundo das coisas óbvias? Seria normal que Deus tivesse pensado em fazer-Se homem: homem verdadeiro, genuíno, em nada diferente a não ser no pecado? A imagem de Jesus que mostra o seu coração de homem recorda-nos o grande mistério cristão.

#### *Coração de filho*

Quem ler com atenção os Evangelhos não tardará a aperceber-se de que o protagonista dessa narração não vive centrado em si mesmo, não dispõe da sua atividade, da sua vida, do seu futuro, mas recebe-Se totalmente do Outro, do Tu invisível com quem contacta através do extraordinário vocativo familiar “Abbá-Pai”.

Sente-Se por Ele amado e enviado para essa sua missão; a Ele Se refere radicalmente, num espírito de doação filial. A sua consciência de Filho único colhe a presença beatificante do Pai: “*Eu não estou só, porque o Pai está comigo*” (Jo 16,32).

Segundo os Evangelhos sinóticos, Jesus nunca tomou a palavra para dizer quem era, mas era eloquente quando falava aos homens de Deus-Pai, anunciando com felicidade o seu Reino próximo, decantando a sua providente proximidade, garantindo repetidamente a todos que o Pai escuta de boa vontade qualquer seu pedido.

O foco ardente da sua identidade de Filho é o Pai, a quem Se refere inteiramente, mesmo no momento da agonia: “*Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito*” (Lc 23,46).

Como interessar-se do Coração de Jesus, desinteressando-nos do maravilhoso segredo que Ele guarda: o Pai? O Pai é a raiz da sua verdade de Filho e a paixão ardente do seu coração; o Pai é o esplendor que quer irradiar da sua humanidade. Também por isso, ensinou os discípulos a unirem-se a Ele para rezarem como Ele: “*Pai que estás nos céus...*”.

#### *Coração de irmão universal*

Queres saber como é maravilhoso o Coração de Jesus com os que Lhe são semelhantes em humanidade?

Relê a história da sua vida pública: vê quais são as escolhas preferenciais que Ele faz desde o início, os comportamentos que mantém até ao fim, as categorias de necessitados que frequenta; escuta novamente as suas palavras e observa os passos que Ele dá. Aonde quer que chegue, faz sair dos seus esconderijos, como por encanto, uma multidão de gente sem dignidade, de infelizes que acorrem à sua procura.

Vê como Ele Se abeira das mais diversas situações humanas, como entra nelas com respeito e, com uma capacidade de compaixão. Esquecido de Si e da sua imensurável grandeza de Filho, consciente de ser só para o Pai e para os outros, põe-Se ao seu serviço: “*O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de todos*” (Mc 10,45).

#### *Coração aberto e solidário*

A paixão é a página mais dramática da história de amor de Cristo, escrita com o alfabeto comovente da dor. É no capítulo final onde predomina, sem nenhuma pausa, o sofrimento que culmina na morte. Não se tragam razões de justiça punitiva, a nós devida, não. Sofreu e morreu também ele, por ser igual a nós. É a opção inicial da encarnação que permanece e vai até ao fim. O Filho, que podia

ficar de fora, sofre e morre para solidarizar-Se conosco, para estar próximo de todo o que sofre e preparar-lhe a vida mais esplêndida para além da morte.

Se verdadeiramente foi assim, então trata-se de uma outra maravilha do Coração de Jesus, a mais inesperada e esplêndida!

Foi uma paixão que Lhe foi imposta com uma condenação injusta, paixão de dores físicas e morais, aceites com digna fortaleza até ao fim. Mas houve também uma outra paixão secreta, inimaginável para nós: a **paixão do coração**, ou seja, a dor daquele que ama apaixonadamente, mas se vê recusado e escarnecido. *“Jesus quis esta tristeza. Retirou-Se voluntariamente para o jardim do Getsémani, onde deveria ter início a sua paixão. Sabia que lá haveria de sofrer sobretudo a paixão do coração, esperando pela do corpo, que viria no dia seguinte. Quis sofrer essas angústias, que teriam a sua parte de eficácia na nossa redenção. É dominado por essa tristeza desde o momento que Se ajoelhou. É uma tristeza profunda, intensa, infinita. Que espetáculo ver um Deus tremer, agitar-Se, lutar contra uma opressão mortal! Ele porém quis tomar sobre Si todas as fraquezas e sofrimentos da nossa natureza”* (ASC 3/134).

A imagem familiar de Jesus que mostra o seu Coração trespassado pretende chamar, com a devida discrição, a atenção para a indescritível paixão do coração e educa-nos a descobrir o seu amor crucificado.

Para nós, a morte é o insignificante falecer; para Jesus, é a maior ocasião para o maior dom de Si ao Pai e a nós.

O homem não pode compreender um tal amor, mas pode acolhê-lo com o dom da fê que lhe é concedido: *“Nós conhecemos o amor de Deus por nós ... Deus é amor”* (1 Jo 4,16).

## 2. Profeta

O profeta tem uma missão vasta e bem delineada na Bíblia e na Tradição. Intervém para trazer o julgamento de Deus numa situação em que estão deterioradas as relações com Deus (impiedade) e entre os homens (injustiça).

É essencial para a vida das sociedades e das pessoas que haja quem exerça a profecia.

O profeta vê a situação de pecado e injustiça em que nos encontramos, e abre, cria, extrai dela um horizonte de esperança.

Não prediz o futuro, mas provoca-o, tornando possível a conversão das pessoas. Anuncia que, em qualquer escuridão, há sempre um futuro de esperança, e fá-lo em nome de Deus!

A sua função é ativar a esperança, dar voz ao anúncio pascal: Cristo já venceu a morte e o mal!

Somos profetas porque anunciamos – com palavras e com a vida – que esse futuro já está em germe realizado em Cristo. É necessário que alguém o diga!

**O profeta é um intérprete:** não inventa as coisas, não recebe revelações particulares ou palavras vindas de um outro mundo.

Lê a situação que se está a viver (talvez desesperada) com os olhos do Deus da vida e do Êxodo; de Deus, que sabe que já existe um futuro de salvação, de paz, de bem.

Lê a nossa situação para tirar, do seu interior, germes de esperança. Já vê, nessa situação, o bem que Deus pôs no mundo desde as origens. Sabe olhar para a realidade, não com olhos de desespero, mas com olhos de confiança.

Sabe que o triunfo do mal é aparente e que a vida tem a última palavra. Disso se faz o profeta intérprete junto dos outros: Deus *“está renovando todas as coisas, não o vedes?”* (Is 43,19). Penetra na realidade e colhe o germe divino ali já está. Colhe a ação de Deus na história e nas pessoas.

Porque vê as coisas como Deus as vê, porque vê os germes de esperança com que contar, o profeta **põe-se a viver essa novidade**, compromete-se com ela e faz com que ela seja possível. A autoridade do profeta é dada por essa palavra de novidade, que se realiza na sua existência e à sua volta.

### 3. Profetas do amor

Como “profetas do amor”, não nos pomos a chorar, não apontamos o dedo, não temos saudades do passado, não convidamos à resignação. Por muito que as aparências pareçam desmentir-nos, acreditamos que dentro/por detrás de tudo está o Amor e que a última palavra será Sua. Olhamos para a realidade e para a humanidade com olhos de fé, tendo em nós os olhos de Deus! Vemos o Amor também nas situações em que este está terrivelmente comprometido. Descobrimos a importância de que alguém neste mundo diga as palavras do amor, da caridade, de Deus!

Somos os primeiros a acreditar, a viver de forma renovada. Fazemos gestos na direção do amor, gestos diferentes dos habituais: dom, perdão, comunhão ... Baseamo-nos na misericórdia, na paciência, na mansidão, mesmo que estas, no nosso contexto, estejam na mó de baixo.

“**Ser profetas do amor**” significa viver uma nova relação com Deus: estar diante d’Ele, carregando a nossa fraqueza e incapacidade. A este respeito, *as bem-aventuranças* anunciam um estilo significativo (cf. Mt 5). Mateus escreve para os hebreus convertidos à fé cristã. Para estes, o importante é ser justos diante de Deus, fazer a sua vontade, dar a Deus o que Lhe é devido.

A quem põe em primeiro plano o seu ser justo diante de Deus, Jesus proclama: “*Bem-aventurados os pobres em espírito!*” (Mt 5,3); bem-aventurados, isto é, os que sabem que falham, que não são justos diante de Deus.

É a bem-aventurança que se abre aos que não conseguem andar “a passo” com Deus e com os outros; aos que não conseguem observar a lei de Deus, e queriam conseguir.

“Ser profetas do amor” é ajudar-me a mim mesmo e os outros a ver que existe esta sede de amor dentro de nós, mesmo quando, na vida, não se consegue vê-la. É escutar esta voz, mesmo quando nos sentimos incapazes. Acreditar! Dar apoio, coragem. Tornar-se porta-voz desta fraqueza que a todos irmana, acreditando que Deus nos salva, não “não obstante”, mas “precisamente” através dela. É empenho a encontrar palavras e modos para nos apoiarmos nesta estima recíproca!

## E. Testemunho

*Testamento de Padre Christian de Chergé, prior da Abadia de Tibhirine, morto com outros seis monges trapistas, na Argélia, em maio de 1996, provavelmente por fundamentalistas islâmicos (mas talvez pelo exército regular que queria fazer recair a responsabilidade sobre estes últimos). Ao que aconteceu ao Padre Christian e seus confrades, profundamente inseridos na aldeia, com a qual, com paixão e abnegação, partilhavam a vida toda, foi dedicado o filme “Dos homens e dos deuses”.*

“Se um dia me acontecesse – e poderia ser hoje – ser vítima do terrorismo que parece querer agora atingir todos os estrangeiros que vivem na Argélia, queria que a minha comunidade, a minha Igreja, a minha família, se recordassem que a minha vida era “oferecida” a Deus e a este país.

Que aceitassem que o único Senhor de todas as vidas não poderia ficar estranho a esta saída brutal. Que rezassem por mim: como fui considerado digno de semelhante oferta? Que soubessem associar esta morte a tantas outras, igualmente violentas, deixadas na indiferença do anonimato. A

minha vida não vale mais do que qualquer outra. E também não vale menos. Em todo o caso, não tem a inocência da infância. Vivi bastante para me considerar cúmplice do mal que, infelizmente, parece prevalecer no mundo, inclusive daquele que cegamente poderá vir a atingir-me.

Chegado o momento, gostaria de ter aquele átimo de lucidez, que me permitisse pedir o perdão de Deus e dos meus irmãos em humanidade e, ao mesmo tempo, perdoar de todo o coração aquele que me tiver abatido.

Não posso desejar para mim uma morte dessas. Acho que é importante dizê-lo. Não vejo, de facto, como poderia alegrar-me com o facto de este povo, que amo, vir a ser indistintamente acusado do meu assassinio. Seria pagar com um preço demasiado alto que o que talvez viesse a chamar-se “graça do martírio” se devesse a um argelino, fosse ele quem fosse, sobretudo se disser que agiu por fidelidade ao que crê ser o Islão.

Vejo com que desprezo serão vistos os argelinos, tomados na sua globalidade, e vejo também as caricaturas do Islão que um certo islamismo encoraja. É muito fácil pôr-se a consciência em paz, identificando este caminho religioso com os integristas dos seus extremismos.

A Argélia e o Islão, para mim, são outras coisas; são um corpo e uma alma. Afirmei-o bastante, parece-me, na base do que vi e aprendi por experiência, encontrando frequentemente aquele fio condutor do Evangelho aprendido no colo da minha mãe, a minha primeiríssima Igreja, precisamente na Argélia e, já então, no respeito dos crentes muçulmanos.

A minha morte, evidentemente, parecerá dar razão aos que facilmente me consideraram ingénuo ou idealista: “Diga, agora, o que pensa sobre isso!”.

Saibam, porém, essas pessoas que finalmente será satisfeita a minha curiosidade mais lancinante. Eis, poderei, se Deus quiser, mergulhar o meu olhar no do Pai, para com ele contemplar os Seus filhos do Islão tal como Ele os vê, todos iluminados pela glória de Cristo, fruto da Sua Paixão, investidos do dom do Espírito, cuja glória secreta será sempre a de estabelecer a comunhão, jogando com as diferenças.

Desta vida perdida, totalmente minha e totalmente deles, dou graças a Deus, que parece tê-la querido toda inteira para essa alegria, através e apesar de tudo.

Neste “obrigado” em que tudo fica dito da minha vida, incluo certamente a vós, amigos de ontem e de hoje, e a vós, amigos daqui, juntamente com meu pai e minha mãe, as minhas irmãs e os meus irmãos; para eles, o cêntuplo oferecido, como prometido!

E também a ti, amigo do último minuto, que não terás sabido o que fazias. Sim, também a ti quero dar este “obrigado”, e este “a-Deus”, em cujo rosto te contemplo.

E seja-nos concedido encontrar-nos, quais bons ladrões, no Paraíso, se for do agrado do nosso Deus, Pai nosso, de nós ambos. Amém! Inch’Allah.

Argel, 1º de dezembro de 1993, Tibhirine, 1º de janeiro de 1994”.

## **F. Para a partilha de grupo**

Como traduzir hoje esta vocação de “ser profetas do amor”?

Sou profeta e profeta do amor, quando...

*Cada qual escreve uma sua palavra de síntese no post-it a cores.*

## G. Para a oração

*Propõem-se três textos, e o animador decidirá a forma de os recitar (individualmente, em coros, em diálogo).*

**Disseram-me** que de uma pequena chama pode nascer um grande fogo.

E eu acredito.

Disseram-me que no poço mais escuro pode esconder-se um lírio.

E eu acredito.

Disseram-me que basta um sorriso para acabar com a solidão.

E eu acredito.

Disseram-me que basta uma ténue voz para despertar a fé nos homens.

E eu acredito.

Disseram-me que bastam poucas gotas para fazer crescer uma flor no deserto.

E eu acredito.

Disseram-me que um floco de neve pode cobrir todo o lodo.

E eu acredito.

Disseram-me que o mundo esta morrendo por falta de amor.

**Mas não quero acreditar!**

**Empenhamo-nos** nós e não os outros,  
unicamente nós e não os outros,  
nem que está no alto, nem quem está em baixo,  
nem quem crê, nem quem não crê.

Empenhamo-nos  
sem pretender que outros se empenhem,  
connosco ou por sua conta,  
como nós ou de outra maneira.

Empenhamo-nos  
sem julgar quem não se empenha,  
sem acusar quem não se empenha,  
sem condenar quem não se empenha,  
sem deixar de nos empenhar porque outros não se empenham.

Empenhamo-nos  
porque não podemos não empenhar-nos.  
Há alguém ou algo em nós,  
um instinto, uma razão, uma vocação, uma graça,  
mais forte que nós mesmos.

Empenhamo-nos para encontrar um sentido para a vida,  
para esta vida, para a nossa vida,  
uma razão que não seja uma das tantas razões,  
que bem conhecemos e que não nos prendem o coração.  
Vive-se só uma vez,  
e não queremos que nos “joguem”  
em nome de qualquer pequeno interesse.

Não nos interessa a carreira,  
não nos interessa o dinheiro;  
non nos interessa a mulher ou o homem,  
se apresentados unicamente como sexo;  
não nos interessa o sucesso, nem o nosso nem o das nossas ideias;  
não nos interessa ficar na história.

Interessa-nos perder-nos  
por algo ou por alguém,  
que ficará também depois de nos termos ido,  
e que constitui a razão do nosso encontrar-nos.

Empenhamo-nos  
a ter um destino eterno no tempo,  
a sentir-nos responsáveis de tudo e de todos,  
a encaminhar-nos, mesmo através de um longo vaguear, para o amor.

Empenhamo-nos  
não a reordenar o mundo,  
não a refazê-lo à medida, mas a amá-lo;  
para amar  
também quem não podemos aceitar,  
também quem não é amável,  
também quem parece recusar-se ao amor,  
porque atrás de cada rosto e dentro de cada coração  
há também uma grande sede de amor,  
o rosto e o coração do amor.

Empenhamo-nos  
porque acreditamos no amor,  
a única certeza que não teme confrontos,  
a única que basta para nos empenharmos perpetuamente.  
*(Primo Mazzolari)*



Procurarei repetir a mim mesmo em cada ocasião:

Em todas as circunstâncias da minha vida

Procurarei dizer a mim mesmo:

**É preciso fazer transbordar a caridade.**

- Se o amor-próprio me disser: “*É preciso defender os meus direitos*”, responderei:  
**É preciso fazer transbordar a caridade.**
- Se a indolência me disser: “*preciso de repouso*”, responderei:  
**É preciso fazer transbordar a caridade.**
- Se a prudência humana me disser: “*É preciso poupar-me para não perder a saúde*”, responderei:  
**É preciso fazer transbordar a caridade.**
- Se estiver abatido, deprimido, cansado, direi ainda a mim mesmo:  
**Coragem! É preciso fazer transbordar a caridade.**

Por mim,  
quando precisar de ajuda, de conselho, de correção, de consolação,  
ou talvez de perdão ou de socorro,  
para o corpo ou para a alma,  
para mim ou para os meus irmãos,  
irei ter com Jesus e direi:

*Bom Mestre,*

*Tu prometeste retribuir com a mesma medida:*

**É preciso que também Tu, agora, faças transbordar a caridade!**

(Pe. André Prévot, SCJ, in *Thesaurus Praecum*)

*Cântico – oração:* Um coração aberto e pronto como o seu ... (Padre Zezinho)

## **Outros textos**

*Conto:* A cidade colorida

Era uma vez uma pequena cidade dominada pelas chaminés de uma grande fábrica. O céu da cidade era acinzentado por causa do fumo, cinzenta era a cor das casas e cinzentas eram as caras das pessoas. As crianças eram pálidas e não lhes apetecia brincar.

Um dia, chegou à pequena cidade um desconhecido. Era jovem, de sorriso simpático e olhos luminosos. Trazia às costas um volumoso zaino amarelo-azul e, debaixo do braço, um grande sombreiro amarelo.

O desconhecido forasteiro abriu o sombreiro na praça da cidade e estendeu debaixo, tudo em boa ordem, estatuetas de vidro.

Os passantes paravam, olhavam para as estatuetas; bastantes compravam-nas. Mas o desconhecido não se preocupava muito com a venda das estatuetas. Interessava-se sobretudo das pessoas: falava com elas, escutava-as sorrindo, encorajava-as!

Até que, uma manhã, o desconhecido tirou dos bolsos do seu zaino uns gizes coloridos e pôs-se a pintar no passeio acinzentado uma cidade maravilhosa, de esplêndidas cores, muito verde, pessoas a sorrir, crianças a brincar.

De toda a cidade afluía gente para ver o lindo desenho, que conseguia encher os olhos e aquecer o coração.

Quando terminou o desenho, o desconhecido distribuiu aos presentes os seus gizes coloridos. E foi-se. Ninguém mais o viu.

O povo da pequena cidade decidiu arrancar o passeio pintado e expô-lo no museu da cidade para que todos pudessem ver a maravilhosa cidade do estranho vendedor.

Poucos, porém, tinham vontade de ir ao museu. As cores começaram a desbotar e depressa se esqueceram do desenho.

Mas, um dia, algumas crianças encontraram os gizes coloridos que o desconhecido distribuía e começaram a encher de cor e de desenhos maravilhosos os muros acinzentados da cidade cinzenta.

Hoje, chama-se ‘*a pequena cidade colorida onde a gente sorri*’.

### ***Sugestões de leitura para aprofundar o tema***

- Pe. Francesco Duci, *Leigos em missão: sacerdotes do amor* (Convénio *Leigos em missão*, Albino 2010).

## ***Encontro XXIX***

### **SERVIDORES DA RECONCILIAÇÃO**

#### ***Objetivos do Encontro***

- Reconhecer a necessidade de reconciliação que há no coração humano e a nossa dificuldade em ultrapassar a divisão externa, provocada ou sofrida.
- Contemplar a reconciliação que nos foi gratuitamente dada por Deus, por meio de Jesus, e acolher o convite a nos deixarmos reconciliar.
- Conhecer a experiência do Padre Dehon como “servidor da reconciliação” e tornar-se disponíveis para os caminhos da reconciliação, de coração à escuta, fraterno, solidário, generosamente sensível ao grito dos fracos e necessidade de reconciliação no mundo.

#### ***Sentido do Encontro***

Façamos experiência de uma realidade negativa no campo das relações entre as pessoas e destas com a natureza, e que seja manifestação de um afastamento em relação a Deus e ao seu projeto. A dimensão fundamental da reconciliação é levar a pessoa a uma reaproximação com Deus e transformá-la, permitindo a renovação de todas as outras relações.

O Padre Dehon contemplou a reconciliação em Cristo Crucificado e Ressuscitado e comprometeu-se em caminhos de reconciliação de coração à escuta, fraterno e solidário.

#### ***Desenvolvimento do Encontro***

#### **A. Acolhimento**

Pode começar-se o encontro com a história da velha ânfora, na sua divisão interior mas também no seu deixar-se reconciliar, reconhecendo que Deus põe-nos onde melhor podemos servir o seu desígnio de vida.

##### *A velha ânfora*

Todos os dias, um camponês ia buscar água à fonte da aldeia com duas grandes ânforas, amarradas ao pescoço do burro, que ia troteando ao seu lado. Uma das ânforas, velha e cheia de rachas, perdia água durante o percurso. A outra, nova e perfeita, conservava todo o conteúdo sem perder uma mínima gota. A ânfora velha e mal parada sentia-se humilhada e inútil, tanto mais que a ânfora nova não perdia ocasião de evidenciar-lhe a sua perfeição: “*Não perco nem uma gota d’água, eu!*”.

Certa manhã, a velha ânfora confidenciou ao patrão: “*Sabes, tenho consciência das minhas limitações. Perdes tempo, dinheiro e cansas-te por minha culpa. Quando chegas ao povoado, já vou meio vazia. Perdoa a minha fraqueza e as minhas feridas*”.

No dia seguinte, durante a viagem, o patrão dirigiu-se à ânfora rachada e disse-lhe: “*Olha para o bordo do caminho*”. E ela: “*É lindo! Todo cheio de flores!*”.

“*Viste? Tudo isso só a ti se deve*”, disse o patrão. “*És tu que, todos os dias, regas o bordo do caminho. Comprei uma pequena embalagem de sementes de flores e semei-as ao longo do caminho; sem saberes nem queres, tu as regas todos os dias*”.

A velha ânfora nunca o disse a ninguém, mas nesse dia parecia-lhe morrer de alegria.

O Padre Dehon fala muito de “abandono” em Deus e de “reparação” ao Coração de Jesus. Restituir a Deus o necessário ato de amor que frequentemente Lhe é negado e procurar repor no bom funcionamento as situações comprometidas. Na vida do cristão, as duas atitudes devem andar juntas. O Padre Dehon interpreta-o a nível social: num contexto marcado pela luta de classes, quis criar situações que superam essa luta. As modalidades foram as “paternalistas”, típicas do século XIX. A intenção era procurar reconciliação num tempo que fazia da luta de classes o único caminho para a emancipação social. O Padre Dehon vive o seu serviço à reconciliação praticando e pregando a “doutrina social da Igreja”.

É importante procurar também no âmbito social e político a reconciliação como dinâmica de fundo para superar a lógica da conflitualidade. A nossa sociedade está marcada, não já por conflitos entre classes, mas por conflitos entre culturas e, sobretudo, entre indivíduos: competição, concorrência ... A nossa cultura adora o chegar primeiro: o indivíduo tem de sobressair!

É um campo vasto onde empenhar-se como Dehonianos!

## **B. Texto bíblico (2 Cor 5,14-20)**

“O amor de Cristo nos impele, ao pensarmos que um só morreu por todos e que todos, portanto, morreram. Cristo morreu por todos, para que os vivos deixem de viver para si próprios, mas vivam para Aquele que morreu e ressuscitou por eles. Assim, daqui em diante já não conhecemos ninguém segundo a carne. Ainda que tenhamos conhecido a Cristo segundo a carne, agora já não O conhecemos assim. Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura. As coisas antigas passaram; tudo foi renovado. E tudo vem de Deus, que por Cristo nos reconciliou consigo e nos confiou o ministério da reconciliação. Na verdade, é Deus que em Cristo reconcilia o mundo consigo, não levando em conta as faltas dos homens e confiando-nos a palavra da reconciliação. *Nós somos, portanto, embaixadores de Cristo, é Deus quem vos exorta por nosso intermédio. Nós vos pedimos em nome de Cristo: **deixai-vos reconciliar com Deus***”.

## **C. Testo do Padre Dehon**

*“É preciso ir ao povo! É preciso! É preciso ir ao povo, porque é infeliz, porque sofre, porque se encontra num estado de miséria imerecido; porque está sem proteção ... É preciso ir às suas casas e aos seus locais de trabalho. É preciso convocá-lo para as reuniões e agrupá-lo em associações, para instruí-lo e confortá-lo, para assisti-lo nos seus sofrimentos e animá-lo nos seus desânimos, para ouvir as suas queixas e os seus desejos, para dirigi-lo nas suas reivindicações, para levá-lo a Cristo, seu Defensor e Salvador...”* (MSO 346-347).

## **D. Reflexão**

O Apóstolo Paulo começa por dizer: “*O amor de Cristo nos impele!*”. (2 Cor 5,14). É à luz do amor de Deus revelado em Cristo e do seu projeto de salvação que podemos descobrir a dimensão e a natureza do pecado, bem como o caminho da reconciliação. Essa realidade está muito presente na espiritualidade do Coração de Jesus que o Padre Dehon nos deixou como herança carismática. Faz-nos ele compreender o projeto de amor de Deus, que nos permite tomar consciência da realidade do mal e da possibilidade de reparação e de reconciliação. É precisamente isso que o Padre Dehon se propunha com o seu desejo de *instaurar o Reino do Coração de Jesus nas almas e nas sociedades*.

(Da carta do Governo Geral, festa do Coração de Jesus de 2013):

## 1. Deus ama um mundo ferido pelo pecado e pela morte

Falar de reconciliação, como fazem Paulo ou as nossas Constituições, significa ter em conta o bem e o mal presentes na realidade humana. É preciso confrontar-se com ideias, processos, sistemas e atitudes que contribuem para a vida e a felicidade das pessoas e da sociedade; mas não se devem esquecer as realidades que danificam e destroem a harmonia, o entendimento e a vida a nível individual e social. Contrariamente a outras perspetivas sobre o mundo, a tradição judeo-cristã não vê estas duas dimensões como uma luta cósmica entre duas forças antagónicas, dois poderes em confronto no universo e na história. Deus é o único Senhor do universo e de tudo quanto provém do seu poder e da sua providência de Criador. **O olhar de Deus sobre o mundo declara-o “bom”**. Não há uma criatura ou um mundo que sejam objeto do ódio de Deus ou estejam fora do seu poder, também quando alguém se pensa ou declara seu inimigo. A perspetiva bíblica sobre o mundo é fundamentalmente positiva: Deus ama e cuida das suas criaturas, particularmente dos seres humanos.

Apesar desta perspetiva amorosa, a tradição judeo-cristã não coloca a realidade cósmica como um absoluto de bondade e de perfeição ao lado de Deus. **A consciência do inacabado, da mortalidade, da corrupção e do desvio** estão permanentemente presentes na visão do mundo. A experiência da imperfeição e do mal tem a sua mais dramática expressão na reflexão sapiencial dos textos da criação, que falam de uma situação de pecado desde sempre presente na humanidade. Como reconhece o salmista, todo o ser humano nasce na condição de ser ferido: *“Eis que nasci na culpa e a minha mãe concebeu-me em pecado”* (Sal 51,7).

O afastamento de Deus e do seu projeto tem **consequências desastrosas para o próprio homem e para o mundo em que habita**. Recusando a Deus, o homem propõe a si mesmo como centro do universo, sem qualquer referência superior que o defenda da sua limitação e fragilidade. Os seus projetos e realizações, apesar da beleza, das capacidades e engenho, são necessariamente dimensionados segundo uma perceção restrita ao nível existencial, no julgar e no agir. O próprio ideal de fraternidade torna-se órfão porque desprovido da figura do pai/mãe que dê consistência à família humana. Os limites destes projetos estão dramaticamente presentes no abuso da natureza, na apropriação egoísta dos bens, na injustiça e na opressão que põem em risco a própria sobrevivência da humanidade e o ambiente vital do planeta em que habita.

Mais perigosa que a ausência de Deus é a **manipulação do seu nome**, para o pôr ao serviço dos projetos limitados e megalómanos do homem. É a subversão da relação do Criador com a sua criatura, que gera frequentemente medo, autoritarismo, injustiça, rivalidade e guerras. Essas situações são muito mais difíceis de denunciar e de ultrapassar, porque são apresentadas em nome de Deus e com a sua autoridade, por pessoas com responsabilidade no âmbito religioso. O processo de degeneração do homem começa com a ausência e a deturpação da figura de Deus.

As imagens positivas e negativas da humanidade completam-se na visão de uma realidade cósmica que não está completa e perfeita, e dentro de um **projeto a desenvolver rumo à plenitude**. O paraíso terrestre não se encontra dentro de nós, num passado perdido, mas diante de nós, como imagem e utopia criativa que orienta o caminho da humanidade. De facto, esta imagem é retomada nas últimas páginas do livro do Apocalipse, na nova Jerusalém e na nova criação. Então, o mal e a corrupção são ultrapassados, com o sofrimento, a violência e a morte, a história atinge o seu cumprimento e a humanidade chega à sua plenitude.

Entre estas duas imagens – criação e nova Jerusalém – encontra-se **a história humana, como história de salvação**. Deus não volta desiludido as costas à imperfeição da sua criação. Acompanha-a com misericórdia e providência, para que possa atingir a feliz meta para a qual a pensou e quis.

É nesta história, muitas vezes complexa e dramática, que se insere **o caminho da reconciliação**. Não se trata apenas de recuperar uma inocência perdida no passado, nem só de “reparar” os danos causados a Deus, às pessoas e à humanidade, mas de criar, nas relações e nas atitudes, as dinâmicas que permitem ultrapassar o mal e a divisão para desenvolver pessoas novas. A reconciliação vai além da simples reparação de uma integridade perdida e dos danos provocados, para criar uma realidade nova e reconciliada.

## **2. Cristo reconcilia-nos pelo dom do Espírito**

Este processo de reconciliação e de plenitude não pode ser unicamente obra do esforço humano, mas baseia-se na iniciativa de Deus. O desejo de paz e os esforços de reconciliação e de colaboração entre os povos são sinais da presença do Espírito de Deus que atua no coração de cada pessoa e em toda a humanidade. Mas **é em Cristo que encontramos a revelação do amor reconciliador de Deus**, a oferta da comunhão na Sua vida e na possibilidade da construção de uma humanidade nova.

Com a vinda de Cristo ao mundo **dois aspetos fundamentais** permitem-nos ver o empenhamento radical de Deus na reconciliação do homem:

- **a assunção da condição humana, com as suas alegrias, limites e dores;**
- **o dom do Espírito que transforma o ser humano e o torna capaz de comunhão com Deus e de participação numa humanidade renovada.**

O *primeiro* aspeto é caracterizado pela vinda de Deus ao mundo como Emanuel, Deus connosco. Em Cristo, Ele torna-se presente na própria realidade do homem pecador, partilhando a sua débil condição exceto o pecado, até à morte mais ignominiosa na cruz (cf. Fil 2,5-11). Esta **“desproporcionada solidariedade”** revela o amor eterno de Deus por nós. Mais nenhuma motivação poderia levar a uma tal atitude: *“Deus prova assim o seu amor para connosco: Cristo morreu por nós, quando éramos ainda pecadores ... Gloriamo-nos em Deus, por Nosso Senhor Jesus Cristo, por quem alcançámos agora a reconciliação.”* (Rom 5,8.11).

Na atitude de Jesus para com os fracos e pecadores, vemos que Deus não olha de longe, mas **toma sobre si os nossos sofrimentos e os desvios da humanidade**, abrindo um caminho de esperança e de vida. Em Jesus, Deus não fica no templo à espera da chegada daqueles que se purificaram, mas encontramos-lo pelos caminhos e nas casas das pessoas. Não tem medo de tocar os leprosos, de se sentar à mesa com os pecadores, de partilhar a sorte dos excluídos, dos condenados e dos que sofrem. Este é o começo do dom da reconciliação: a aproximação, a solidariedade e a partilha com as pessoas, particularmente com as que sofrem. Este é o dom da reconciliação que recebemos gratuitamente e o modelo do serviço que nos é confiado.

O *segundo* elemento é **o dom do Espírito Santo**. Toda a solidariedade de Jesus, todos os seus milagres e ensinamentos e até a sua morte na cruz não seriam suficientes para curar/reconciliar a humanidade. Só é possível aproximar-se de Deus, fonte da vida, se Ele mesmo oferece o caminho e a força. Esta é a função do Espírito. Jesus incarnou no seio da Virgem Maria pelo poder do Espírito (Lc 1,14) e é apresentado por João como Aquele sobre quem desce o Espírito de Filho e que batizará no Espírito (Lc 3,16). Toda a sua ação é vista como obra do Espírito que repousa sobre Ele

e, tendo voltado ao Pai, faz descer sobre os discípulos este mesmo Espírito, para os transformar e tornar capazes de continuar a sua missão (Act 1,8). O sinal do Lado trespassado une as duas dimensões que estamos a considerar: a revelação da totalidade do amor de Jesus e o dom do Espírito que criam a nova humanidade (Jo 19,31-38). Este é o começo da verdadeira reconciliação da criatura humana com o seu Criador, do Filho perdido com o Pai que veio procurá-lo, do irmão com toda a família dos que renasceram do mesmo Espírito.

Por isso, **a reconciliação trazida por Cristo começa com o acolhimento do Espírito**. É o Espírito que transforma cada ser a partir do coração, tornando-o capaz de seguir o projeto de pessoa iniciado por Jesus, em diálogo com o Pai e Criador: *“Vós não recebestes um Espírito de escravidão para recair no temor, mas o Espírito de adoção filial, pelo qual exclamamos: Abbá, Pai!”* (Rom 8,15). Por esta razão não se trata só de recuperar uma inocência perdida no passado, porque este é um dom novo trazido por Cristo. A efusão pentecostal do Espírito é um dinamismo novo para construção da nova humanidade. O programa de Jesus, apresentado na sinagoga de Nazaré ecoa como caminho para aqueles que nascem do Espírito: *“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu para anunciar a boa nova aos pobres. Ele me enviou a proclamar a redenção aos cativos e a vista aos cegos, a restituir a liberdade aos oprimidos e a proclamar o ano da graça do Senhor”* (Lc 4,18s).

### 3. Deixar-se reconciliar

À luz destas reflexões compreende-se a urgência do apelo de Paulo no texto que nos orienta: *“Deixai-vos reconciliar com Deus!”* (2Cor 5,20). O passivo (*sede reconciliados*), sublinha a iniciativa de Deus, mas soa também como exortativo, pedindo a nossa adesão. É, ao mesmo tempo, dom e convite à experiência fundamental da fé: *“Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças”* (Dt 6,5). É esta **a experiência fundamental do crente**, que se chama conversão ou reconciliação.

Sentir-se amados por Deus **revoluciona a forma de olhar para si mesmo, para os outros e para o mundo**. Muda a maneira de ver os próprios limites e faltas, de descobrir a própria dignidade e valor, de aceitar ser pequeno e também fraco, nas mãos de um Pai que é poderoso, bom e misericordioso. É a fonte de nova energia e de nova esperança, que não isola egoisticamente a pessoa, mas a situa numa larga família, para construção de um mundo novo. Neste sentido, a verificação do limite e do mal pode converter-se em experiência de misericórdia e em caminho de esperança.

Deus torna possível esta nova vida, mas não quer (não pode) vivê-la por nós. É este **o caminho do Coração** que caracteriza a perspectiva contemplativa e ativa da nossa herança carismática. Abrir, curar, purificar, educar e modelar o próprio coração segundo o Coração de Jesus é possível pela ação do seu Espírito em nós. Ele começa com a abertura a Deus que leva à reconciliação consigo mesmo e com a própria história. Mas abre-se também a uma relação cordial com os outros e à participação na construção de uma humanidade reconciliada. Este caminho apoia-se em três pilares: um *coração que escuta*, aberto a Deus e ao murmúrio do Espírito; um *coração fraterno*, capaz de construir comunhão e colaboração com os outros; um *coração solidário*, generosamente sensível ao grito dos mais fracos e à necessidade de reconciliação do mundo.

Na progressiva cura do coração, tem um papel importante **o sacramento da reconciliação**. Estes encontros não são simples ritos a realizar regularmente, para apagar as culpas do passado ou perdoar as dívidas para com Deus. O encontro sacramental com a misericórdia de Deus tem efetivamente uma dimensão dirigida ao passado das culpas e dos passos errados, mas não pode

destruir esse passado e, muitas vezes, nem sequer é capaz de remediar todas as consequências negativas de tais erros. O que pode fazer é libertar-nos do mal que levou à queda, fazer-nos ver as coisas com olhos novos, para que possamos reparar, na medida do possível, o mal feito e construir um futuro novo. Isto faz-nos compreender o sacramento da reconciliação, não como um ato limitado à pessoa, mas como núcleo de um caminho de reconciliação, que envolve toda a comunidade, para reparar o mal, reintegrar os pecadores e renovar a vida.

#### **4. O Espírito gera comunidades reconciliadas e reconciliadoras**

**A reconciliação é sempre um caminho relacional** com Deus, com as outras pessoas, com o universo. Um ícone desta harmonia é a família humana. Nela vemos que o amor do pai e da mãe cria um ambiente de entendimento e de comunhão tal que as imperfeições e as eventuais incapacidades e faltas de cada um são ultrapassadas pelo afeto dos outros. Não é por acaso que Jesus utiliza este modelo para falar da relação entre aqueles que, à volta d'Ele, escutam a sua palavra: *“Eis minha mãe e meus irmãos!”* (Mc 3,34).

As comunidades cristãs e as nossas comunidades religiosas não se fundamentam na base comum do mesmo sangue, da mesma educação ou identidade cultural, mas na escuta da palavra de Jesus. E Ele quer que elas sejam inspiradas pelo dom da família humana e se deixem regenerar pelo seu Espírito de reconciliação. É esta **a experiência do Pentecostes**, que deu origem às primeiras comunidades cristãs e continua a gerar vida na Igreja. A reconciliação entre os membros da comunidade é apresentada por Jesus como sinal e distintivo que confirma a pertença ao grupo dos seus discípulos: *“Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros”* (Jo 13,35). No Evangelho não há lugar para uma reconciliação com Deus que não inclua a reconciliação na comunidade. Deus não enviou o seu Filho ao mundo só para nos levar para o céu. Isto é absolutamente verdadeiro, mas, à luz desta meta final, Ele quer transformar a realidade dos seres humanos na terra. Mais ainda: essa transformação faz parte dos sinais do Reino de Deus, que tem o seu início na história humana.

Ainda que sempre imperfeitas, as nossas comunidades são **sinal profético da nova humanidade** peregrina da reconciliação e da plenitude. O empenho na construção da comunidade é, por isso, tarefa fundamental para aqueles que foram reconciliados em Cristo. Daqui o escândalo do rancor e do ódio entre os que, tendo sido gratuitamente reconciliados por Deus em Cristo, são incapazes de perdoar, de colaborar e de viver como irmãos. Por outro lado, a aceitação e integração das nossas diferenças, a superação das fraquezas e tensões e a composição intercultural e internacional que vivemos na Congregação são concretas expressões da ação reconciliadora do Espírito, segundo o modelo do Pentecostes.

Também **não é preciso confundir a reconciliação com unanimidade e consenso** de opiniões. Muitas vezes, essas atitudes escondem processos de acomodação, imobilidade, falta de verdade, ou imposições de pessoas ou grupos. A história das primeiras comunidades cristãs recorda-nos que a voz do Espírito é muitas vezes incômoda, mas também criativa. A diferença não deve causar medo, se há estima e amor à verdade na escuta do Espírito.

**Numa comunidade jamais perfeita**, mas que aceita ser renovada permanentemente pelo Espírito, o perdão e a reconciliação interpessoal devem ser uma constante. A experiência das próprias quedas e da misericórdia de Deus em relação a cada um de nós deve abrir-nos o coração ao perdão dos outros. O testemunho profético das nossas comunidades, não consiste na perfeição do amor – que sempre conhecerá insuficiências – mas no constante empenho no perdão recíproco segundo a cordialidade manifestada nas nossas relações.



A disponibilidade para a comunhão, o respeito e a abertura à diversidade devem, portanto, ser **elementos fundamentais na nossa formação.** ...

## 5. Reconciliados ao serviço da reconciliação

A consciência do amor de Cristo, que o amou e reconciliou consigo, quando ainda era perseguidor e inimigo, mudou radicalmente a vida de Paulo, e deu-lhe uma nova direção. A partir daquele momento, a sua vida está unida à de Cristo: *“Se ainda vivo dependente de uma natureza carnal, vivo animado pela fé no Filho de Deus que me amou e Se entregou por mim”* (Gal 2,20). De facto, nenhuma outra motivação pode ser suficiente para mover alguém a pôr-se, deste modo, ao serviço da reconciliação.

A cada um dos que querem empenhar-se neste serviço é dirigida a mesma pergunta do Senhor ressuscitado a Pedro, antes de lhe confiar o cuidado dos irmãos: *“Simão, filho de João, tu amas-me?”* (Jo 21,16). Sem este encontro com o amor de Cristo reconciliador, não há verdadeiro serviço de reconciliação.

No encontro com o amor de Cristo, Pedro e Paulo foram **reconciliados para reconciliar**. Também eles tiveram de purificar as suas motivações no contato com o Mestre e especialmente com o mistério da sua morte e ressurreição. A experiência da própria fraqueza e do amor curou-os, modelou-os e aperfeiçoou-os para se tornarem embaixadores credíveis da reconciliação de Deus.

É a partir do amor como motivação fundamental que se pode assumir a primeira atitude de reconciliador: a sensibilidade e a escuta diante do sofrimento, da injustiça e do mal. O empenho pela reconciliação começa pelo sentir como seus os sofrimentos e as dificuldades dos outros, independentemente da identidade daquele que tem necessidade. **Imagem do reconciliador é o bom samaritano**, que não desvia o olhar, não afasta os passos daquele que encontra caído à beira do caminho, mas é capaz de mudar a sua agenda para ir ao seu encontro.

A exemplo de Cristo, somos chamados a **ir ao encontro do mundo que precisa de solidariedade e de ternura**, como nos recorda o papa Francisco, no caminho de renovação da Igreja. A partilha das situações de sofrimento, injustiça e miséria, é a face concreta da misericórdia do coração no caminho da reconciliação. A proximidade aos pequenos e carenciados faz parte dos sinais mais perceptíveis do Evangelho.

Do Padre Dehon aprendemos que a proximidade aos que sofrem e aos explorados não se pode limitar à assistência direta que lhes podemos oferecer. É preciso **ir às fontes dos males e das injustiças**, que provocam a miséria e a perda de dignidade das pessoas e das sociedades que destroem o planeta. Nisto exige-se um olhar misericordioso mas também competente, para identificar os mecanismos da miséria e da exploração, e os caminhos que podem conduzir à cura dos males que corrompem a sociedade.

Como pessoas empenhadas com o Evangelho, devemos ter a peito a **reconciliação em campo religioso**. A coerente afirmação da própria fé e o empenho no seu anúncio não são incompatíveis com o respeito, o diálogo e a colaboração na transformação do mundo. ...

Muitas vezes, a defesa da justiça e o caminho da reconciliação passa pela **denúncia da injustiça, da opressão e da corrupção**. Não é possível uma reconciliação sem justiça e verdade, e a voz do Espírito resulta frequentemente incómoda e desestabilizadora em relação aos sistemas corruptos e totalitários. Muitas vezes as pessoas vítimas destes processos são manipuladas e coniventes com eles, opõem-se aos processos de libertação e de transformação. Em tais situações, o serviço da reconciliação exige um discernimento e um empenhamento muito particular, que pode chegar ao dom da própria vida. A história da Igreja e do mundo está marcada pelo sangue de pessoas de todas

as nações e fés, que deram testemunho dando o seu contributo para a construção de um mundo mais justo.

Estes testemunhos deixam-nos a memória de uma **recusa da violência e da guerra** para ultrapassar as diferenças, as dissensões e os conflitos. A reconciliação pretende efetuar uma revolução e, não raramente, encontra-se sangue neste caminho. Não se trata, porém, do sangue dos inimigos, mas dos próprios servos da reconciliação. O dom da vida é o último e mais radical testemunho prestado ao amor de Deus, que reconcilia consigo uma humanidade ferida pelo pecado e pela violência.

É na história que se realiza o processo de reconciliação, mas a sua realização definitiva não pode ser alcançada enquanto o homem permanecer prisioneiro da limitação e da morte. Enxugar a última lágrima e a vitória definitiva sobre a injustiça, a corrupção e a morte, não pertencem à história humana, mas são possíveis apenas na cidade definitiva, que é dom de Deus. Para ela e por ela inspirados, convergem todos os esforços de construção da cidade humana reconciliada. Desde agora, têm nela cidadania aqueles que, como o seu Senhor, são *“mansos de coração”* e *“pacíficos”* (cf. Mt 5,9; 11,29). Eles *“terão como herança a terra”* nova e *“serão chamados filhos de Deus”* para sempre (cf. Mt 5,9).

## E. Testemunho

“Penso que o trabalho de educador, em contacto com menores problemáticos, é fruto não só da paixão educativa, que, desde sempre, acompanha a minha vida (desde 1990 sou chefe de escuteiros AGESCI), mas também de ter acolhido o carisma dehoniano, nomeadamente a sua particular característica, que é a reparação.

É assim que Regra de Vida scj define a reparação: *“como acolhimento do Espírito (cf. 1 Tes 4,8), como resposta ao amor de Cristo por nós, comunhão no seu amor ao Pai e cooperação na sua obra redentora no coração do mundo. É aí, de facto, que, hoje, Cristo liberta os homens do pecado e restaura a união da humanidade. É também aí que Ele nos chama a viver a nossa vocação reparadora, como estímulo do nosso apostolado (Cst 23)”*.

Nesta perspetiva, reconheço para mim como elemento fundante o acolhimento do dom de Deus Pai, que desde sempre abençoou a minha vida (família, amizades, inteligência, saúde...), e a consequente chamada a tornar-me seu filho, ou seja, a possibilidade, gratuitamente concedida, de confiança e felicidade no caminho da vida.

Esta consciência espiritual, que sinto ter progressivamente amadurecido, ajudou-me a entrar na tonalidade específica de um Deus que se inclina sobre o órfão, a viúva, o doente, o oprimido; que se preocupa com as suas situações e atua para os aliviar. Daí que, terminada a formação inicial, optei por dedicar-me ao serviço das realidades que mormente vivem em dificuldade e na pobreza de relações, de forma a poder manifestar, sobretudo nessas situações, a benevolência e a compaixão de um Deus, que é Pai e cuida de todos os seus filhos, e ser seu instrumento para contribuir no assegurar a todos condições de vida mais dignas.

Depois de um período inicial de tirocínio numa comunidade de recuperação de tóxico-dependentes, trabalho desde junho de 2003 como educador numa comunidade sócio-educativa residencial, que acolhe menores italianos e estrangeiros. A presença desta dúplici tipologia de rapazes pôs-me perante realidades de mal-estar muito diferentes. Isso levou à personalização do projeto educativo, conforme as diferentes necessidades expressas.

Os menores estrangeiros geralmente vivem na Itália sem nenhuma referência familiar, uma vez que entraram no nosso país, exortados ou não demovidos pelos pais, à procura de um bem-estar que

a sua pátria não estava em grado de assegurar-lhes. Geralmente são rapazes que não apresentam perturbações psíquicas. Os maiores problemas consistem em dominar a agressividade com que se relacionam entre si e com os adultos, agressividade muito maior do que a dos seus coetâneos adolescentes, com que procuram disfarçar a insegurança ligada à situação de abandono afetivo em que se encontram. Embora quase nunca de forma explícita, pedem que se atenda às suas necessidades primárias e se os encaminhe no caminho da autonomia jurídico-laboral.

Os menores italianos provêm geralmente de situações familiares desastrosas, por cujas condições o tribunal dos menores impôs o afastamento do núcleo familiar e a inserção em novos contextos educativos, a eles mais favoráveis. Dado o quadro familiar, é fácil intuir que tais rapazes trazem, geralmente, não só problemas de comportamento, mas também distúrbios psicológicos não pequenos. Daí que os projetos educativos, que é possível iniciar para esses rapazes, sejam orientados não tanto à autonomização, quanto à recuperação, quando possível, das capacidades relacionais de que são deficitários, também em vista de um regresso à família, se o restabelecimento de condições oportunas o permite.

Em geral, a proposta educativa da comunidade tem em vista levar os menores acolhidos a experimentar novas possibilidades de relação, através da coerência e da clareza do que se lhes pede. Trata-se, de facto, de rapazes, cujos adultos de referência se mostraram ambíguos e descontínuos no cuidar deles. Em geral, pelo hábito de um certo estilo e do laço afetivo que, apesar de tudo, permanece, os menores italianos sentem a inserção em comunidade como coerção, e têm bastante dificuldade em acolher positivamente a diferença entre as duas situações, fazendo tudo para boicotar a nova realidade. Já os menores estrangeiros aceitam a comunidade, só porque lhes convém ter onde comer e dormir, mas depois pretendem fazer o que querem.

Em ambos os casos, optamos com firmeza pôr os rapazes perante a liberdade de escolher se aceitam ou não a proposta comunitária e, portanto, com a possibilidade de se poderem ir embora, continuando a propor um estilo diferente, feito de honestidade de sentimentos, clareza e coerência nas decisões. Trata-se de continuar a ter confiança nas possibilidades de mudança dos rapazes, reconhecendo, para além do comportamento negativo que mais facilmente sobressai, o 5% de bem que têm dentro de si (como escrevia Baden Powel) e mantendo aberta a relação, mesmo quando a confiança se venha a reduzir a um fio de luz.

Lembro-me particularmente de um jovem italiano de 17 anos, com às costas uma história de sofrimento, morte e violência, que o levava a fazer um uso consistente de drogas (sobretudo as novas drogas sintéticas), drogas que, em parte, haviam danificado as suas capacidades cognoscitivas. Enquanto permaneceu na comunidade, cometeu as mais absurdas transgressões, que não é o caso de estar aqui a referir. Perante a desilusão e raiva que ele criava em mim, mais de uma vez me perguntei se não fosse o caso de encontrar para ele outra solução mais congenial. A resposta, partilhada por todos os educadores, foi sempre a de continuar a ter confiança nele, mesmo fazendo-lhe sentir a desaprovação dos seus comportamentos, e metendo-o perante a alternativa de permanecer na comunidade seguindo as regras, ou sair. Com o tempo, conseguimos construir com ele uma frágil relação, mas sempre na possibilidade de se dar nele alguma mudança no sentido de uma vida mais digna.

Como resulta do episódio aqui referido, na relação com os rapazes são diversas as emoções que brotam no coração. Antes de mais, a compaixão ao conhecer a situação de abandono, pobreza relacional ou violência, que a maior parte deles viveu antes de se inserir em comunidade, compaixão que se torna raiva em relação aos que quiseram e/ou permitiram tudo isso.

Do mesmo modo, sinto raiva quando os rapazes recusam colaborar para o bom andamento do seu projeto, esticando a corda até limites que seria impossível imaginar.

Em tais situações, embora não cedendo ao jogo da violência física ou verbal, para onde o rapaz te quer arrastar, acabamos por nos sentirmos impotentes, pela dificuldade de descortinar uma réstia de esperança de mudança. Vêm então à mente as palavras de Pedro: *“Mestre, andámos na faina toda a noite e não apanhámos nada. Mas já que o dizes, lançarei as redes!”* (Lc 5,5) e só nós resta abandonar-nos a Ele! O que não significa não fazer nada, mas significa tomar decisões na certeza de que Ele apoia com a sua esperança.

Penso ainda num episódio de conflito com um rapaz que se recusava fazer o que lhe pedia, e pretendia ditar ele as condições em tudo. Obrigara-me a um “braço de ferro” durante horas e, não obstante os diversos castigos que lhe aplicara, continuava a agir de própria cabeça. Decidi-me então sair do jogo, experimentando ignorá-lo. Ao jantar, pedi silêncio e, depois de ter explicado a todos a situação, disse que, naquele dia, fingiria que ele não existisse e convidava o resto do grupo a fazer o mesmo. No dia seguinte, foi ele a vir procurar-me! Repetindo-lhe a minha desaprovação pelo comportamento do dia anterior, lembrei-lhe os castigos que deveria cumprir. Nos dias sucessivos, a sua atitude para comigo não era de aversão nem de respeito, revelando assim a grande capacidade dos rapazes de não conservar rancor por muito tempo, mas de saber adaptar o próprio viver à atitude do outro.

Uma outra emoção que vivo é a incerteza perante as intervenções educativas mais adequadas e eficazes para o bem dos rapazes, incerteza que se pode converter em medo pela responsabilidade das possíveis consequências que possam advir. Nessas situações, a possibilidade de partilhar com outros a linha educativa é certamente libertadora, e além disso é importante reconhecer que é possível errar, e que nenhum erro educativo, quando admitido, leva a consequências catastróficas.

Por fim, sinto alegria e felicidade, quando constato as pequenas, mas também importantes, mudanças no empenho, no modo de se relacionar, que noto nos rapazes, sobretudo comparando a sua atual situação com a da sua entrada na comunidade.

Nessas ocasiões, quando não me deixo levar pelo orgulho, sobe ao Pai o agradecimento e louvor por aquilo que, também por meu intermédio, soube realizar, e sinto-me um pobre instrumento do seu amor ao serviço dos seus filhos.

Neste caldeirão de emoções, creio que seja importante, antes de mais, ter a honestidade de “chamá-las por nome”, não se deixando invadir por elas, e manter bem sólidas as motivações espirituais que levam à opção do serviço aos pobres, mesmo quando o desânimo, o medo, a raiva puderem levar para outra direção. Profissionalmente, fala-se de empatia, isto é, da capacidade de acompanhar as pessoas, deixando que no nosso coração soem os mesmos sentimentos do outro, mantendo porém a clareza das funções, entre quem ajuda e quem é ajudado.

Espiritualmente, gosto de ler a minha experiência de trabalho na perspetiva descrita pela parábola servo inútil (cf. Lc 17,7-10). Trata-se, por um lado, de viver a relação com os rapazes e a relação com os serviços sociais, a que os menores fazem referência, de uma forma “laica”, com os instrumentos profissionais que fazem parte da minha bagagem de experiência, ou seja, como se tudo dependesse do que está nas minhas capacidades e no meu empenho; por outro lado, viver na consciência de ser apenas um humilde instrumento nas mãos do Pai e esperar unicamente da sua fidelidade e da sua graça os resultados do meu trabalho, repetindo frequentemente, sobretudo diante das situações mais críticas, as palavras do Salmo: *“O Senhor completará o que em meu auxílio começou”* (cf. Sal 137 [138],8).” (Giovanni Mengoli, scj).

## **F. Para a partilha de grupo**

Que lugar ocupam os pobres, os que sofrem e os abandonados – bons e maus – nas minhas preocupações e prioridades? Da atenção que lhes presto poderá medir-se a verdade do meu empenho na reconciliação da humanidade?

Que faço para superar o conflito entre indivíduos? Encorajo a cooperação, o associativismo, a solidariedade?

Tenho a coragem de fazer opções para superar a mentalidade dialético-competitiva, presente em nós e à nossa volta?

Ponho sinais de gratuidade, onde o bem é feito também no escondimento ou em benefício de quem me possa comprometer?

## **G. Para a oração**

Pai, criastes-nos com um corpo,  
com os pés para irmos ao vosso encontro,  
com a cabeça para pensar,  
com o coração para aprender a amar.

Pai, destes-nos as mãos para apertar outras mãos;  
mãos abertas como uma oferta,  
como uma oração de súplica e de agradecimento;  
mãos que abençoam, mãos que acolhem, mãos que recebem o Pão da vida.

Jesus, com as vossas mãos erguestes o pobre e o excluído,  
não atirastes a pedra, mas partilhastes o pão,  
levastes a cruz...

Jesus, com as vossas mãos tirastes a dúvida da fé a Tomás.  
As vossas mãos de Ressuscitado convidam-nos a esperar e a dar-mo-nos as mãos,  
a não deixar cair os braços diante da morte e do isolamento.

Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, ensinai-nos a partilhar mais,  
porque as nossas mãos são o prolongamento do coração  
e tornam-se as vossas mãos, mãos que dão vida.

*(Jean-Luc Lefrancois)*

### **Bendito sejas, ó Pai,**

Deus de misericórdia e fonte de toda a consolação,  
que, desde o princípio do mundo, gratuitamente nos escolheste,  
para sermos santos e irrepreensíveis na caridade  
e para penetrarmos, cada vez mais, nos insondáveis mistérios do amor,  
no Coração do vosso Filho Jesus,  
no caminho traçado pelo Padre Dehon,

Queremos agradecer-Vos, Pai,  
porque a humilde semente, semeada na vossa Igreja,  
foi crescendo e desenvolvendo-se,  
mensageira de amor e reconciliação,  
entre tantas nações e povos espalhados pelo mundo.

A Vós o louvor e a glória,  
porque inspirastes nos vossos filhos o abandono nas vossas mãos,  
a oblação quotidiana com Jesus,  
na generosidade e na doação de si próprios para a salvação dos irmãos.

Vós, que dirigis o curso dos tempos,  
iluminai os nossos passos,  
para que a nossa presença na Igreja e no mundo  
seja sinal de reconciliação, solidariedade  
e anúncio do vosso Reino entre os pobres, os marginalizados  
e os que procuram o pão de cada dia.

Iluminai a Família Dehoniana com os dons vosso Espírito Santo:  
que um novo Pentecostes nos leve a anunciar-Vos  
nos caminhos e casas do nosso povo,  
para que venha o vosso Reino às almas e às sociedades.

E que Maria, mãe de Jesus, nos acompanhe e nos ensine a acolher,  
disponíveis como Ela, as Suas palavras de vida. Amém.

***Sugestões de leitura para aprofundar o tema***

## **Encontro XXX**

### **PROPOSTA DE VIDA DO LEIGO DEHONIANO**

#### ***Objetivos do Encontro***

- Crescer na consciência do que é o leigo dehoniano: tonalidades que caracterizam a sua vida batismal.
- Conhecer a ‘Proposta de Vida’ reconhecida a nível internacional.
- Partilhar aspetos da Proposta de Vida, a partir da realidade presente na área.

#### ***Sentido do Encontro***

O objetivo deste encontro, ao fim de um ano a caminhar com o Padre Dehon, é confirmar o leigo no acolhimento da tonalidade que caracteriza a sua vida batismal e na descoberta da chamada do Senhor a viver a consagração e a missão na Igreja e no mundo, apoiado pela companhia e experiência de fé do Padre Dehon.

#### ***Desenvolvimento do Encontro***

#### **A. Acolhimento**

Acolhe-se cada membro do grupo oferecendo-lhe uma fita colorida ou grinalda que o caracteriza, um diferente do outro, como as cores do arco-íris, como os ramos de uma videira.

No momento da oração, que também pode vir no início, a fita conservada na mão de quem a recebeu, é ligada em forma de esplendor a um crucifixo, a um ícone ou ao altar, colocado ao centro (ver oração).

#### **B. Texto bíblico (Jo 15,1-5)**

*“Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: “Eu sou a verdadeira vide e o meu Pai é o agricultor. Ele corta todo o ramo que está em Mim e não dá fruto e poda todo o que dá fruto, para que dê ainda mais fruto. Vós já estais limpos, por causa da palavra que vos anunciei. Permaneci em Mim e Eu permanecerei em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em Mim. Eu sou a videira, vós sois os ramos. Se alguém permanece em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto, porque sem Mim nada podeis fazer””*

#### **Breve comentário**

Na passagem citada, tudo roda à volta de uma imagem concreta e de um verbo: a videira e os ramos, o verbo “permanecer”. **Cristo videira, eu ramo: eu e Ele a mesma coisa!** A mesma planta, a mesma vida, uma única raiz, uma só linfa. Ele em mim e eu n’Ele como o filho na mãe, e a mãe no filho. Deus está em mim, não como um dono, mas como linfa vital. Deus está em mim, como raiz que envia energia para todos os ramos. Deus está em mim para mais profundamente cuidar de mim.

Em Cristo o vinhateiro fez-se videira, o semeador fez-se semente, o oleiro fez-se argila, o Criador fez-Se criatura. Não apenas Deus connosco, mas Deus em nós.

Se olharmos à nossa volta, todos conhecemos pessoas que parecem produzir pérolas, vemo-las germinar e florir. Compreende-se que estão inseridas em algo que vive!

**Permanecei em Mim.** A condição é só uma, que não é condicionamento, mas base da minha existência: nutrir-me da linfa da minha videira. Não são palavras abstratas; são as palavras que também o amor humano utiliza. Ficar juntos, não obstante todas as distâncias e longos invernos, não obstante todas as forças que nos puxam.

O primeiro passo é recordares que já estás n'Ele, que Ele já está em ti. Não tens de inventar nada, não tens de construir alguma coisa. É só conservares o que já te foi dado, teres consciência disso: há uma energia que circula em ti, que vem de Deus e nunca falha; podes buscá-la sempre, só tens de abrir caminho, abrir canais a essa linfa.

O dom da poda... **Podar** não significa amputar, significa dar vida; qualquer agricultor o sabe. Renunciar ao supérfluo equivale a florir. Porque glória de Deus não é o sofrimento, mas o muito fruto. É como se Jesus dissesse: não preciso de sacrifícios, mas de cachos bons; não de penitências, mas que floresçam. O novo nome da moral evangélica é “fruto bom”, que tenha dentro o sabor de Deus. (*Ermes Ronchi*)

### C. Testo do Padre Dehon

Na nova ação das obras sociais não é suficiente a ação do padre; requer-se a colaboração em primeira pessoa dos leigos cristãos. É uma outra intuição profética de Leão Dehon em relação ao apostolado dos leigos: “...as obras sociais conferem à ação do padre um carácter mais apostólico e permitem aos leigos dar-lhe um contributo sempre útil, e por vezes indispensável. ... Os padres e os leigos devem iniciar-se e, com santa emulação, entusiasmar-se com esta nova forma apostólica de ministério; dedicar-se, no estudo dos meios práticos, a criar e a dirigir essas obras, que respondem diretamente às necessidades atuais das almas e da sociedade. ... Assim, os pastores já não se esgotarão num ministério infrutífero, não iluminado porque em condições de ineficácia. ... Os leigos cristãos, por sua vez, aprenderão a não desanimar, fechando-se no horizonte egoísta dos deveres domésticos; tornar-se-ão válidos ajudantes dos seus pastores para o maior bem da nação e da Igreja” (MSO 355.368).

“Coragem, jovens! ... Estudai, agi, organizai-vos ... É necessário que haja um grupo de estudo em cada paróquia: é o ponto de partida. O estudo prepara para a ação. Aprendei a falar, a confutar os sofismos que serpeiam nas ruas; proponde-vos um programa de reformas económicas e saibais justificá-las. Que pobres católicos são os que confinam a sua fé e ação à sua vida privada! Nem merecem chamar-se homens!” (“Aux jeunes gens” : REV 8031052/5).

### D. Reflexão

O Cardeal Ballestrero, Arcebispo de Turim, afirmou:

“Existem sintonias espirituais, que levam as almas a encontrar uma pátria espiritual, onde o seu cristianismo e a sua vida espiritual perdem uma certa generalidade e anonimato e se configuram em preferências interiores e escolhas íntimas ... Os membros do povo de Deus, sobretudo os mais empenhados, os mais coerentes, os mais sérios, procuram, não um refúgio, mas uma “Pátria do Espírito”. E como é que a procuram? Instintivamente, dirigem-se aos santos.



*... Da mediação dos santos surgem parentelas espirituais, do mesmo modo como as vocações fazem gravitar à volta das famílias religiosas algumas almas, que encontram nessas famílias religiosas inspiração, alimento e vida ...”.*

### **Quem são os leigos**

São *christifideles*: são os que têm fé em Cristo; incorporados em Cristo no batismo, constituindo o povo de Deus e incorporados na Igreja (povo de Deus); participantes da função sacerdotal, real, profética de Cristo, com uma missão própria na Igreja e no mundo.

Discípulos do Senhor Jesus, com o olhar e o coração fixos n’Ele, unidos a Ele, pedra viva, vivem, segundo a sua vocação típica, a secularidade, ou seja, no mundo, que é o espaço social, onde a humanidade habita e atua.

### **A missão dos leigos**

Pertencendo plenamente à Igreja, participam na missão da Igreja: no seu interno e *ad extra*, nas condições ordinárias da vida.

Cada cristão toma parte em toda a missão, na medida dos dons recebidos, das aptidões pessoais, dos sacramentos recebidos, das necessidades contingentes da Igreja e da sociedade.

### **Os leigos dehonianos**

Porque os carismas dos Fundadores são um dom do Espírito para toda a Igreja (não são propriedade exclusiva dos Institutos) e se abrem, por sua própria natureza, a múltiplas formas de participação, à volta do mesmo Projeto de vida evangélica (carisma), verifica-se também a chamada dos leigos, que encontram no Padre Dehon e no seu carisma uma referência para a sua vida espiritual e humana, e desejam responder-lhe em comunhão de amor.

Mergulhados no perfume de Cristo, são e estão no mundo e para o mundo, junto das pessoas, com o estilo de Cristo e a experiência de fé do Padre Dehon. São testemunhas do Senhor Jesus onde Ele os quer, através do anúncio do amor de Deus a todos os homens, da palavra que salva (evangelização) e do empenho nas condições normais da vida (secular).

Mergulhados no quotidiano e no território, mas abertos aos sinais dos tempos, testemunham os valores da espiritualidade dehoniana.

Sob a guia do Espírito, tornam-se corresponsáveis da fecundidade do carisma e podem fazer uma releitura e uma nova encarnação do mesmo.

### **Os leigos no carisma dehoniano como as cores do arco-íris**

O ícone do arco-íris, sinal da beleza e da variedade da luz, exprime a riqueza e a complementaridade dos leigos no carisma do Padre Dehon.

O arco-íris é luz, explode numa pluralidade de cores. O carisma é graça, suscita na Igreja múltiplas experiências de fé e vocações.

O arco-íris, dom do alto, harmonia de cores, ponte entre o céu e a terra. Os leigos no carisma dehoniano são ponte de fraternidade e aliança.

Cada leigo, cada cor, com a sua tonalidade funde-se em harmonia de comunhão, sinal da Harmonia Trinitária.

### **Proposta de Vida do leigo dehoniano, 2001**

A Proposta de Vida do leigo dehoniano é a proposta de um modo de ler e viver o Evangelho: é uma ajuda para ler ou encontrar a maneira pessoal, com que eu, chamado a seguir Jesus à luz deste

carisma, poderei viver. Não propõe algo a fazer, mas um estilo de vida: há que captá-la como uma luz, um sentido que Deus pode dar à minha vida, aqui e agora.

A espiritualidade é uma luz que desce sobre mim neste momento, diz-me quem sou, quem sou eu para Deus, que valores tenho dentro de mim, que preciosidade tem a minha vida de hoje; dirá também o que me falta! Ilumina-me num caminho que posso percorrer; ilumina-me e leva-me ... a dar uma resposta.

Se os valores e tonalidade do carisma do Padre Dehon falam ao meu coração, sinto-me chamado a um caminho espiritual, a um percurso formativo para aprofundar a experiência de fé, a procurar atualizações no meu quotidiano, a entrar em comunhão com outros leigos em caminho ... e com os irmãos e as irmãs da Família Dehoniana.

## **Texto integral da Proposta de vida**

### *I. Identidade do Leigo Dehoniano*

#### **1. O Leigo Dehoniano, homem ou mulher é, antes de mais:**

- aquele membro da Igreja que, fiel a Cristo, se empenha na construção do Reino de Deus no meio das realidades temporais;
- aquele que, depois de tomar consciência da sua vocação batismal e da sua missão laical, as vive fortificado pela experiência de fé do Padre Dehon, como resposta de vocação pessoal;
- aquele que reconhece no Padre Dehon e no seu carisma, aprovado pela Igreja, a referência da própria vida espiritual, aproximando-se de Cristo no mistério do seu Coração aberto e solidário, e unido à sua oblação reparadora.

#### **2. Inserido num determinado contexto sócio eclesial:**

- vive essa sua vocação pessoal a nível pessoal ou de grupo, de Família Dehoniana e de Igreja;
- testemunha os valores da espiritualidade dehoniana, imerso no quotidiano e no território, mas aberto aos sinais dos tempos;
- torna concreta a missão com a sua ação apostólica na Igreja local e na sociedade, plenamente inserido nas realidades seculares do mundo (cf. CfL, 15).

### *II. Dimensão laical do carisma dehoniano*

**3.** O Leigo Dehoniano tem, como missão específica, a releitura e a encarnação laical do carisma dehoniano (cf. CfL, 24.56).

Ele relê o carisma do Padre Dehon participando na missão sacerdotal, profética e real de Cristo (cf. CfL, 14); encarna-o nos âmbitos próprios da sua missão no mundo: ao serviço da pessoa, da família, da sociedade e da Igreja (cf. CfL, 23).

Tal empenho laical “não raras vezes traz inesperados e fecundos aprofundamentos de alguns aspetos do carisma, reavivando uma interpretação mais espiritual do mesmo e levando a tirar daí indicações para novos dinamismos apostólicos” (VC, 55).

#### **4. O Leigo Dehoniano, animado pelo Espírito:**

- vive “*plenamente inserido no mundo*”, empenhado nos ambientes familiar, profissional e de trabalho, político e eclesial, consagrando a Deus o mundo como oblação sacerdotal e sacrifício espiritual (cf. CfL, 14);
- “*sente com a Igreja*” e partilha a paixão da Igreja pelo Evangelho e pelo mundo, como profeta do amor e da esperança cristã (cf. CfL, 14);

- promove uma vida humana e humanizante, opera a reconciliação e a solidariedade, atento às situações humanas, em particular as de pobreza e de necessidade, tornando Cristo presente no meio dos irmãos (cf. CfL, 14);
- responde, assim, ao *chamamento à santidade*, próprio de cada batizado (cf. CfL, 16), vivendo em união com Cristo, no seu amor e na sua oblação reparadora ao Pai pelos homens.

### III. Formação

5. O Leigo Dehoniano empenha-se numa séria, progressiva e constante formação, inicial e permanente, para acolher e traduzir o carisma em espiritualidade e missão, no mundo e na cultura de hoje (cf. CfL, 60).

Os religiosos scj apoiam e acompanham o leigo no discernimento da sua vocação, na formação, no crescimento dos leigos como “agentes de formação”. Enquanto pessoas consagradas, eles são chamados a ser “guias especializados de vida espiritual”, e a cultivar o espírito (cf. VC. 55).

6. A formação deve tender a fazer crescer harmonicamente a pessoa, a dimensão contemplativa e ativa da vida cristã e da espiritualidade Dehoniana, no respeito pela identidade do grupo, pela idade, pela sensibilidade e pela cultura (cf. CfL, 59).

7. Os conteúdos formativos, a apresentar nos diversos contextos culturais e sócio-eclesiais, deverão considerar:

- a formação cristã de base, uma eclesiologia de comunhão, as diferentes problemáticas da evangelização, a atual doutrina social da Igreja;
- os valores da espiritualidade dehoniana, a comunhão que é preciso realizar como “Nós, Família Dehoniana”.

8. Um *percurso possível* prevê três fases, nas quais se inspirarão os diversos grupos de leigos:

- 1) um momento ou tempo de *acolhimento*: é necessário prever e propor espaços e atividades para uma primeira aproximação ou para uma primeira proposta da vocação laical dehoniana;
- 2) um tempo de *aprofundamento*, dedicado à formação dos leigos nos seus diversos conteúdos;
- 3) um tempo de *empenho*, durante o qual o leigo dehoniano assume uma responsabilidade e se empenha num estilo de vida coerente com o carisma dehoniano, no contexto sócio eclesial.

Este compromisso pode ser assumido por uma declaração pública e deve ser renovado anualmente. As etapas mais significativas do percurso formativo, devem ser marcadas por *momentos de celebração*: esses momentos permitem chegar ao fim do caminho com uma consciência mais plena das coisas, dar testemunho e crescer como grupo na Família.

9. Os *meios de formação* – como a oração, a reflexão pessoal, os encontros de formação permanente, as iniciativas realizadas em conjunto, os encontros regulares de grupo, as celebrações, as folhas de ligação, as revistas... – serão diversificados conforme o tipo de grupo a que se destinam e o percurso já feito.

É importante fomentar os espaços de referência (pessoas, comunidades, experiências) e assegurar um acompanhamento pessoal que, através do discernimento, leve cada um a reconhecer a sua vocação, a desenvolver os seus dons e capacidades e a verificar a coerência da sua vida.

#### IV. *Autonomia de organização*

##### **10. O laicado dehoniano:**

- está aberto à comunhão;
- goza de autonomia de organização (cf. CfL, 29), para a qual são necessários 'pontos de referência' e 'estruturas' de coordenação (comissões...) a nível provincial e nacional, de zona geográfica e internacional;
- dará uma atenção particular à formação de animadores;
- procurará elaborar oportunos subsídios.

#### V. *A Comunhão de vida na Família Dehoniana*

**11.** As relações entre os diversos componentes da Família Dehoniana, fundadas na dignidade que resulta do Batismo e na participação numa mesma herança espiritual, são vividas no espírito de comunhão, apoio e colaboração, respeitando e acolhendo o dom da diversidade (cf. CfL, 55).

**12.** As respetivas comissões promoverão momentos de diálogo e de encontro, destinados a favorecer o conhecimento e as relações entre os diversos componentes da Família Dehoniana do mesmo território.

### **E. Testemunho**

#### **“Um tempo de procura...e um encontro**

Ao prestar, nos tempos livres do ensino, um serviço a nível diocesano, encontrei a comunidade dehoniana, que trabalhava no território, e de quem conhecia apenas as atividades que periodicamente eram publicadas na *Semana Diocesana*. Um encontro, que, à primeira vista, me pareceu casual, mas que se revelou providencial.

#### **Uma experiência de espiritualidade e de vida**

O encontro com uma comunidade religiosa, livre de incumbências paroquiais, disponível para momentos de diálogo e partilha, com uma espiritualidade que desde logo me atraiu, abriu-me o coração e libertou-me o respiro. Finalmente uma realidade onde podia mover-me, sem ouvir o constante pedido de serviços a prestar, de urgências a que tinha de responder, livre de “obrigações” de empenhos.

E assim comecei a participar em momentos de oração comunitária, abertos a todos, a *lectio* semanal... Também me foi permitido participar em encontros de formação.

Atraiu-me **um estilo** de anúncio, de leitura do Evangelho, de acolhimento da pessoa, das pessoas, jovens ou menos jovens; o estilo de oração e de comunhão.

Com o passar do tempo, fui-me apercebendo cada vez mais que certas mensagens da palavra de Deus falavam à minha vida e ajudavam-me a ler o meu quotidiano com um olhar mais sereno, mais aberto à esperança, mais próximo do meu sentir profundo; sobretudo, davam um fundamento às “atenções” e a algumas opções preferenciais que humanamente vivia, de modo particular na profissão. E comecei a partilhar as acentuações, que para os padres eram “normais”, mas para mim soavam carregadas de novidade e amplo respiro.

A surpresa maior foi quando, ao falar com outros leigos que frequentavam a mesma realidade dehoniana, nos encontramos no mesmo clima, na mesma alegria, descobrindo o mesmo dom que os

padres, individualmente e em conjunto, nos haviam dado: uma grande novidade em relação a quanto nos era dado viver nas nossas comunidades paroquiais.

### **Nasce o desejo de conhecer... o carisma**

Donde vem um anúncio da palavra deste tipo? Uma visão de Deus Amor tão linda? Onde se enraíza esta espiritualidade? Quais as suas características? Perguntas que se tornaram cada vez mais frequentes ... E a comunidade viu-se interrogada sobre o específico do seu ser dehoniano. Seguiram os primeiros contactos com as biografias do Padre Dehon, com algum fascículo formativo ... depois com encontros de formação programados pelo grupo *Sint unum* ...

A comunidade ajudou os leigos a estarem ligados – através do religioso responsável a nível de Província – com os leigos de outras zonas: alguns (Módena, Bolonha, Bolzano, Pádua, Monza, Milão) já formados na espiritualidade dehoniana, outros (Bérgamo, Conegliano) davam, como nós, os primeiros passos. Dos encontros saiu a proposta de um biénio de formação de base, igual para todos, em que foram apresentados por alguns padres dehonianos os fundamentos teológicos e eclesiológicos da espiritualidade e do carisma do Padre Dehon.

O biénio contou com a participação dos leigos, de alguns religiosos, algumas consagradas da Companhia Missionária e alguns familiares. Foi para todos uma graça superabundante, que permitiu dar “corpo” à intuição de fundo inicial que nos atraía.

Nem todos os leigos interessados do nosso território puderam participar, devido a empenhos de família ou de trabalho, mas conseguiu-se mandar a todos as gravações e os fascículos das relações, graças ao empenho de alguns leigos e à disponibilidade dos padres relatores de passar-nos os textos das suas intervenções.

A familiaridade e amizade entre leigos e entre religiosos e leigos, nascidas no biénio, permitiram partilhar experiências de vida pessoais e eclesiais, profissionais e comunitárias; deram-nos a oportunidade de ouvir, de escutar-nos no profundo, de dar e acolher ressonâncias espirituais; e, com a familiaridade humana, cresciam também a familiaridade espiritual e a familiaridade com o Padre Dehon, com o seu carisma.

### **Da formação à missão**

Entretanto, cada um de nós continuou a viver onde a vida familiar e profissional o chamava, mas com “novas” atenções, com espírito diferente.

À formação de base seguiu-se uma espécie de formação permanente (alguns encontros anuais), acompanhada de caminhos a nível de zona, onde se procurava esmiuçar, incarnar, retraduzir os conteúdos recebidos no nosso contexto laical e territorial. E, na partilha, apercebemo-nos como o carisma nos falava pessoalmente: mudava em todos a “visão” de Deus, o contacto com a palavra de Deus, a imagem da Igreja, vista como comunhão de vocações; em cada qual a encarnação do carisma assumia matizes diferentes: a nível espiritual, a nível social ou simplesmente a nível humano nas relações quotidianas.

No nosso território, foi possível, por algum tempo, realizar também uma pesquisa religiosos-leigos, onde procurámos ler os apelos do homem e ativar respostas (*O encontro com o outro*), momentos de partilha e de confronto sobre experiências vividas por leigos e por religiosos ... uma espécie de “declinação” laical dos conteúdos da espiritualidade dehoniana (*O arco-íris e as suas cores*).

Mas a surpresa maior deu-se a nível pessoal: a vontade de estar na família, na comunidade eclesial e civil, na profissão, com um estilo e uma liberdade diferentes de antes. O nosso ser homens

ou mulheres, cristãos hoje, estava a assumir um estilo, que sentíamos estar a responder ao profundo desejo de dar uma tonalidade, uma cor, ao nosso ser: os da espiritualidade e do carisma, que o Espírito deu à Igreja através do Padre Dehon.

E voltámos talvez a fazer os mesmos serviços de antes, mas com uma consciência diferente; prontos também a dizer não para promover corresponsabilidade, para crescer e ajudar outros a crescer, para viver um ‘ser’ antes do ‘fazer’ ou não só o fazer; cada qual com o seu específico próprio, mas para o bem comum.

Quando algo de lindo nos atinge e fala ao nosso coração, à nossa vida, nasce espontâneo o desejo e a chamada a responder a esse bem, partilhando-o com outros. Foi o que aconteceu comigo: nasceu um caminho de partilha laical no território, de serviço para uma coordenação laical das várias zonas ... e, graças à experiência do Capítulo Geral e ao encontro de Roma de 2000, nasceu uma relação de amplos horizontes.

### **Um projeto de vida que dá cor à vida batismal**

Ainda antes de nos sentirmos em sintonia com os religiosos, sentimo-nos **em sintonia com o projeto de vida do Padre Dehon e com o anúncio do Amor Incarnado, do Coração aberto de Cristo, que os Dehonianos nos transmitiram**. E é por isso que descobrimos a ação do Espírito que nos envolveu nesta aventura e que apoia os nossos caminhos, mesmo quando as realidades dehonianas do território mudam.

### **Na Igreja e no mundo**

A centralidade do amor no quotidiano da nossa vida leva-nos na Igreja, na nossa Igreja local, a “sentir com a Igreja”, Igreja “amável da amabilidade de Cristo”, a empenhar-nos nessa Igreja, vivendo o ministério laical batismal, no discipulado, nos sacramentos, na comunhão; e envia-nos ao mundo com uma **presença humana “autêntica” nos diversos âmbitos da vida social**, uma presença empática com esta nossa humanidade (o respeito pela dignidade da pessoa, de modo especial a atenção aos pequenos, aos pobres; o valor da família; a escola como lugar de formação humana e cultural; a qualidade da educação; a dignidade e responsabilidade no trabalho; os valores da justiça e da caridade; um uso correto do dinheiro privado e público; um empenho social e político; o desejo de saber, conhecer, para poder discernir; a busca da verdade através da informação, da cultura, da investigação e do estudo ...); **com a coragem da inteligência e do coração, da ação ... com um olhar positivo, evangélico** (Pe. André Perroux, *Homens e mulheres segundo o pensamento do Padre Dehon*, 1996), onde cada um se sente chamado, tal como é e como pode nesse momento, com discrição e bondade, como instrumento que se entrega nas mãos e no Coração de um Outro; **em ação de graças**: tudo vem do Amor, e é Ele que nos manda partilhar na comunhão. Uma secularidade que se torna verdadeira (Pe. Francesco Duci, *Leigos e laicidade na Igreja*, 2006), animada pela espiritualidade “dehoniana”<sup>44</sup>. (Donatella Martelli)

## **F. Para a partilha de grupo**

Ser leigo segundo o carisma do Padre Dehon significa assumir um estilo de coração, um estilo de vida, um estilo de missão.

*Que elementos da Proposta de Vida já estou a viver ou me entusiasmam fascinam e pedem decisões?*

## G. Para a oração

*Cada um tem na mão a fita colorida que recebeu; a cada estrofe proclamada – ‘procura-se um homem’ –, um do grupo responde à chamada ligando-se a um crucifixo, a um ícone ou ao altar, colocados ao centro, formando um feixe de raios: ramos da única videira e cores do arco-íris.*

### **Procura-se um homem**

capaz de renascer no Espírito todos os dias.

Procura-se um homem  
que não tenha medo de amanhã,  
que não tenha medo de hoje,  
sem complexos do passado.

Procura-se um homem  
que não tenha medo de mudar,  
que não mude por mudar,  
que não fale por falar.

Procura-se um homem  
capaz de viver com os outros,  
de trabalhar com os outros,  
de rir com os outros,  
de amar juntamente  
de sonhar juntamente.

Procura-se um homem  
capaz de perder sem se sentir destruído,  
de duvidar sem perder a fé,  
de levar paz onde há inquietação  
e inquietação onde há paz.

Procura-se um homem  
que saiba usar as mãos  
para indicar o caminho a seguir.

Procura-se um homem  
sem muitos meios,  
mas com muita vontade de agir,  
que na crise não procure outro trabalho,  
mas como trabalhar melhor.

Procura-se um homem  
que ame a sua liberdade  
no viver e no servir,  
não no fazer o que quer.

Procura-se um homem  
que tenha saudades de Deus,  
das pessoas, da pobreza, da obediência.

Procura-se um homem  
que não confunda a oração  
com as palavras ditas por hábito,  
a espiritualidade com o sentimentalismo,  
a chamada com o interesse  
o serviço com a colocação.

Procura-se um homem  
capaz de morrer por uma bandeira,  
de sofrer por um ideal,  
capaz de falar com a sua vida.

*(Primo Mazzolari)*

***Sugestões de leitura para aprofundar o tema***



## ***Celebração Final do IIIº Ano***

### **ENTREGA DA BÍBLIA E DAS SANDÁLIAS**

*Coisas a preparar: a Bíblia; as sandálias, os cânticos; uma faixa com as palavras: “Somos uma comunidade de discípulos missionários.”*

#### **Introdução**

O Papa Francisco recorda a nós todos: “A intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante” (EG 23), põe-nos em “saída” (EG 24). Por outro lado, a vivência do carisma dehoniano inclui a missão: “O nosso carisma profético coloca-nos ao serviço da missão salvífica do Povo de Deus no mundo de hoje (Cst 27; cf. LG 12). Portanto, a nossa espiritualidade não nos fecha em nós mesmos, mas lança-nos constantemente nos caminhos do mundo, ao serviço do Evangelho.

A entrega da Bíblia e das sandálias, com que encerramos o percurso deste ano, pretende fazer-nos compreender este dinamismo missionário da nossa vocação cristã e dehoniana: somos, também nós, “comunidade de discípulos missionários.” (EG 24)

*Cantemos: (segue um cântico apropriado).*

#### **Saudação inicial**

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

**T. Amém.**

P. O Senhor, que enviou ao mundo o seu Filho  
nos dê a abundância do seu Espírito,  
para nos tornarmos, cada vez mais,  
discípulos missionários de Jesus.

**T. Bendito seja o Senhor para sempre.**

P. Oremos.

Ó Deus, que fizestes da vossa Igreja  
o sacramento universal de salvação,  
para continuar a obra de Cristo até ao fim dos tempos,  
desperta o coração dos fiéis,  
para que descubram a urgência da chamada missionária,  
e de todos os povos da terra se forme uma só família  
e surja uma humanidade nova em Cristo, Nosso Senhor.  
Ele que é Deus convosco, na unidade do Espírito Santo.

**T. Amém.**

#### **Leitura do Evangelho**

**Do Evangelho segundo São Lucas**

(Lc 4, 16-21)

*“Naquele tempo, Jesus foi a Nazaré, onde Se tinha criado. Segundo o seu costume, entrou na sinagoga a um sábado e levantou-Se para fazer a leitura. Entregaram-Lhe o livro do profeta Isaías e, ao abrir o livro, encontrou a passagem em que está escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres. Ele me enviou a proclamar a*

*redenção dos cativos e a vista aos cegos, a restituir a liberdade aos oprimidos e a proclamar o ano da graça do Senhor”. Depois enrolou o livro, entregou-o ao ajudante e sentou-Se. Estavam fixos em Jesus os olhos de toda a sinagoga. Começou então a dizer-lhes: “Cumpriu-se hoje mesmo esta passagem da Escritura que acabais de ouvir”<sup>66</sup>.*

### **Breve reflexão**

Em Nazaré, Jesus faz uma espécie de discurso programático: está entre nós para libertar o homem de tudo o que o impede de florescer; também quer que a todos fique claro o que significa o reino de Deus: vida em plenitude, algo que dá alegria, que liberta e dá luz, que faz da história um lugar onde deixe de haver desesperados. E põe-se do lado dos últimos... Veio para levar Deus aos que andam longe, aos homens e mulheres sem esperança, para abri-los a todas as suas imensas potencialidades de vida, de trabalho, de criatividade, de relação, de inteligência, de amor. Fez-Se filho do homem para que os filhos do homem se tornassem filhos de Deus. Vem apenas com a força do Espírito do Senhor...

Jesus convida-nos a colaborar na difusão desta Boa Notícia. Como o Pai O enviou ao mundo, assim Ele nos envia. Acolhamos o mandato do Senhor, e, com Ele e como Ele, pronunciemos o *Ecce Venio*.

### **Oblação**

*Depois de algum tempo de silêncio, todos rezam juntos o ato de oblação.*

Ó Jesus, missionário do Pai,  
que, entrando no mundo dissestes:  
“Eis que venho, para fazer a tua vontade”,  
reforçai em nós essa disposição que animou o vosso Coração de Filho.

O vosso Espírito transforme os nossos corações  
e faça deles uma oferta,  
disponíveis para fazer a vontade do Pai  
e anunciar aos homens e mulheres do nosso tempo a sua misericórdia.

Que os nossos pés nunca se cansem  
de ir ao encontro dos fracos e dos pobres  
e de nos tornar próximos dos que jazem caídos  
e meio mortos nas estradas do mundo.

Em união convosco,  
e sob o olhar materno de Maria, vossa e nossa Mãe,  
queremos ir ter com os irmãos  
que ainda não Vos conhecem nem Vos amam,  
para lhes anunciar a vossa palavra  
e servi-los na caridade.  
Será esse o nosso culto espiritual  
para alegria e glória de Deus Pai.  
Amém.

## **Rito da entrega da Bíblia**

*Terminado o ato de oblação, o que preside dirige-se ao grupo com estas palavras:*

Caros irmãos e irmãs, a passagem do discurso de Jesus em Nazaré faz-nos pensar na nossa vocação de discípulos missionários. Como Jesus, também nós somos chamados a ir pelo mundo a anunciar a Boa Nova. Não raras vezes, somos céticos e desanimamos, mas com a força do seu Espírito Ele nos interpela, converte, infunde alegria, suscita ardor, e anima-nos a ser mensageiros da sua ressurreição junto dos irmãos. Neste caminho nos assista e apoie a presença materna da Virgem Maria. Nela, a escuta se faz celebração da Palavra, gesto concreto de caridade e de presença solícita, fidelidade corajosa na hora da provação, comunhão na oração e na esperança com a Igreja missionária. Maria, mãe e discípula do Senhor, seja para todos nós modelo de como dar hospitalidade, amor e fidelidade à palavra de Deus, e de como anunciá-la aos irmãos e irmãs do nosso tempo.

**P.** Oremos.

Ó Cristo, palavra eterna do Pai,  
abri as nossas mentes à escuta  
e à compreensão das Escrituras;  
dai-nos um coração dócil  
e fazei de nós dignos anunciadores  
e testemunhas da palavra que salva.  
Vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos.

**T. Amém.**

*Antes de entregar as Bíblias e as sandálias, o presidente pronuncia, uma só vez, a seguinte fórmula:*

**P.** Recebei a Bíblia Sagrada  
e as sandálias dos missionários do Reino.  
A palavra de Deus ressoe na vossa casa,  
aqueça o vosso coração,  
seja luz para os vossos passos,  
anúncio de alegria para todos.  
A força do Espírito vos acompanhe,  
vos apoie nas canseiras,  
fecunde o vosso apostolado  
e vos conserve na santidade.

**T. Amém.**

*Seguem uma saudação e o abraço fraterno.  
Se é um sacerdote ou um diácono que preside, diz:*

**P.** O Senhor esteja convosco.

**T. Ele está no meio de nós.**

**P.** Abençoe-vos Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo.

**T. Amém.**

P. Levai a todos a palavra e a alegria do Senhor. Ide em paz.

**T. Graças a Deus.**

*Se é um leigo que preside:*

P. O Senhor convida-nos a escutar e a anunciar a sua Palavra.

Ele abençoe os nossos passos,

nos guarde de todo o mal

e nos conduza à vida eterna.

**T. Amém.**

**Cântico final**

# ÍNDICE

<b>TERCEIRO ANO - O CAMINHO DE FÉ DO PADRE DEHON .....</b>	<b>5</b>
<b>SIGLAS DOS ESCRITOS DO PADRE DEHON E OUTRAS PUBLICAÇÕES DEHONIANAS .....</b>	<b>7</b>
<b>ENCONTRO XXI - O PADRE DEHON E A BÍBLIA .....</b>	<b>9</b>
<b>Objetivos do Encontro.....</b>	<b>9</b>
<b>Sentido do Encontro.....</b>	<b>9</b>
<b>Desenvolvimento do Encontro .....</b>	<b>9</b>
A. Acolhimento .....	9
B. Texto bíblico (Lc 4,16-21).....	9
C. Texto do Padre Dehon .....	10
D. Reflexão .....	11
E. Testemunho .....	14
F. Para a partilha de grupo.....	15
G. Para a oração.....	15
<b>Sugestões de leitura para aprofundar o tema.....</b>	<b>18</b>
<b>ENCONTRO XXII - HÃO DE OLHAR PARA AQUELE QUE TRESPASSARAM.....</b>	<b>19</b>
<b>Objetivos do Encontro.....</b>	<b>19</b>
<b>Sentido do Encontro.....</b>	<b>19</b>
<b>Desenvolvimento do Encontro .....</b>	<b>19</b>
A. Acolhimento .....	19
B. Texto bíblico (Jo 19,28-37).....	19
C. Textos do Padre Dehon.....	20
D. Reflexão .....	21
E. Testemunho .....	24
F. Para a partilha de grupo.....	25
G. Para a oração.....	25
<b>Sugestões de leitura para aprofundar o tema.....</b>	<b>27</b>
<b>ENCONTRO XXIII - O PADRE DEHON E A EUCARISTIA.....</b>	<b>29</b>
<b>Objetivos do Encontro.....</b>	<b>29</b>
<b>Sentido do Encontro.....</b>	<b>29</b>
<b>Desenvolvimento do Encontro .....</b>	<b>29</b>
A. Acolhimento .....	29
B. Texto bíblico (Lc 22,14-20).....	29
C. Textos do Padre Dehon.....	30
D. Reflexão .....	30
E. Testemunho .....	33
F. Para a partilha de grupo.....	34
G. Para a oração.....	34
<b>Sugestões de leitura para aprofundar o tema.....</b>	<b>36</b>

**ENCONTRO XXIV - EUCARISTIA:****A PRESENÇA DO RESSUSCITADO TRANSFIGURA A NOSSA VIDA.....37****Objetivos do Encontro .....37****Sentido do Encontro .....37****Desenvolvimento do Encontro .....37**

A. Acolhimento .....37

B. Texto bíblico (Jo 13,1-17).....37

C. Textos do Padre Dehon.....38

C. Reflexão .....39

E. Testemunho .....43

F. Para a partilha de grupo.....43

G. Para a oração.....44

**Sugestões de leitura para aprofundar o tema .....45****ENCONTRO XXV - O 'SENTIDO DE IGREJA' NO PADRE DEHON.....47****Objetivos do Encontro .....47****Sentido do Encontro .....47****Desenvolvimento do Encontro .....47**

A. Acolhimento .....47

B. Texto bíblico (Act 2,42-47) .....48

C. Texto do Padre Dehon .....48

D. Reflexão.....48

E. Testemunho.....52

F. Para a partilha de grupo .....53

G. Para a oração.....53

**Sugestões de leitura para aprofundar o tema .....54****ENCONTRO XXVI - COMUNHÃO DE VOCAÇÕES NA IGREJA .....55****Objetivos do Encontro .....55****Sentido do Encontro .....55****Desenvolvimento do Encontro .....55**

A. Acolhimento .....55

B. Texto bíblico (1Cor 12,12ss) .....55

C. Texto do Padre Dehon .....56

D. Reflexão.....56

E. Testemunho.....60

F. Para a partilha de grupo .....62

G. Para a oração.....62

**Sugestões de leitura para aprofundar o tema .....64**

<b>ENCONTRO XXVII - VIDA DE ORAÇÃO: ADORAÇÃO EUCARÍSTICA .....</b>	<b>65</b>
<b>Objetivos do Encontro .....</b>	<b>65</b>
<b>Sentido do Encontro .....</b>	<b>65</b>
<b>Desenvolvimento do Encontro .....</b>	<b>65</b>
A. Acolhimento .....	65
B. Texto bíblico (Ex 3, 1-12) .....	65
C. Texto do Padre Dehon .....	66
D. Reflexão.....	67
E. Testemunho.....	69
F. Para a partilha de grupo .....	70
G. Para a oração.....	71
<b>Sugestões de leitura para aprofundar o tema .....</b>	<b>72</b>
<b>Encontro XXVIII - PROFETAS DO AMOR.....</b>	<b>73</b>
<b>Objetivos do Encontro .....</b>	<b>73</b>
<b>Sentido do Encontro .....</b>	<b>73</b>
<b>Desenvolvimento do Encontro .....</b>	<b>73</b>
A. Acolhimento .....	73
B. Texto bíblico (Jo 3,16-17; 1 Jo 4,16) .....	73
C. Textos do Padre Dehon .....	73
D. Reflexão.....	74
E. Testemunho.....	77
F. Para a partilha de grupo .....	78
G. Para a oração.....	79
<b>Sugestões de leitura para aprofundar o tema .....</b>	<b>82</b>
<b>ENCONTRO XXIX - SERVIDORES DA RECONCILIAÇÃO .....</b>	<b>83</b>
<b>Objetivos do Encontro .....</b>	<b>83</b>
<b>Sentido do Encontro .....</b>	<b>83</b>
<b>Desenvolvimento do Encontro .....</b>	<b>83</b>
A. Acolhimento .....	83
B. Texto bíblico (2 Cor 5,14-20) .....	84
C. Texto do Padre Dehon .....	84
D. Reflexão.....	84
E. Testemunho.....	90
F. Para a partilha de grupo .....	93
G. Para a oração.....	93
<b>Sugestões de leitura para aprofundar o tema .....</b>	<b>94</b>

<b>ENCONTRO XXX - PROPOSTA DE VIDA DO LEIGO DEHONIANO .....</b>	<b>95</b>
<b>Objetivos do Encontro .....</b>	<b>95</b>
<b>Sentido do Encontro .....</b>	<b>95</b>
<b>Desenvolvimento do Encontro .....</b>	<b>95</b>
A. Acolhimento .....	95
B. Texto bíblico (Jo 15,1-5) .....	95
C. Testo do Padre Dehon .....	96
D. Reflexão.....	96
E. Testemunho.....	100
F. Para a partilha de grupo .....	102
G. Para a oração.....	103
<b>Sugestões de leitura para aprofundar o tema .....</b>	<b>104</b>
<b>CELEBRAÇÃO FINAL DO IIIº ANO - ENTREGA DA BÍBLIA E DAS SANDÁLIAS.....</b>	<b>105</b>